

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

FRANCIELLY DE BRITES COSTA DIAS

**TV MULHER: DO PASSADO AO PRESENTE
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA**

**PORTO ALEGRE
2018**

FRANCIELLY DE BRITES COSTA DIAS

TV MULHER: DO PASSADO AO PRESENTE
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Flávio A. C. Porcello

PORTO ALEGRE
2018

FRANCIELLY DE BRITES COSTA DIAS

TV MULHER: DO PASSADO AO PRESENTE
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello (Orientador)
PPPGCOM – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Christina Ferraz Musse
PPGCOM – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Cristiane Finger Costa
PPGCOM – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto
PPPGCOM – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Luciana Pellin Mielniczuk (Suplente)
PPPGCOM – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE
2018

“Vida não é aquilo que vivemos, mas o que lembramos e de como lembramos para contar”

(Gabriel García Márquez)

AGRADECIMENTOS

Realizei. Está, em suas mãos, a razão da minha vida até aqui. Depois de tanto tempo escrevendo em terceira pessoa, nada mais justo do que me dedicar a falar sobre a intensa e solitária trajetória acadêmica, que me trouxe até aqui, em primeira pessoa. Foram dias e noites buscando respostas, mas, principalmente, a pergunta que determinaria o caminho: o problema de pesquisa. Apesar de nos sentirmos sozinhos, a verdade é que contamos com pessoas que nos ajudam e nos inspiram a seguir em frente.

Meu interesse pelo tema desta pesquisa e o motivo de eu nunca desistir é uma mulher que abdicou de seus interesses pessoais e profissionais para se dedicar à maternidade de uma única filha. Obrigada, mãe Mara, a quem dedico esta dissertação, por ter a mesma coragem e força de minha avó Neli, que encarou uma sociedade machista e preconceituosa, com muito trabalho, atuando como agricultora e cozinheira para criar oito filhos. Também agradeço aos esforços do meu pai Jorge, que sempre me incentivou a estudar e investiu em mim, viabilizando minha chegada ao mestrado, inclusive, desafiando-me a cursá-lo em uma universidade federal.

Também não tenho palavras para expor minha gratidão aos ensinamentos e ao estímulo do Prof. Dr. Roberto Ramos, que me encorajou a seguir pesquisando após me orientar no TCC da graduação. Ao Prof. Dr. Flávio Porcello, por comprovar a hipótese de que um orientador tem o poder de transformar a pós-graduação em um martírio ou em um período de descobertas e experimentações, bem como me mostrou o poder transformador que um professor tem em seu ofício. Também, sendo confortante quando recebi a notícia de que meu pai tem uma doença grave, fazendo-me ver, na dor, a força que faltava para eu encerrar esse ciclo.

Agradeço à Profa. Dra. Cristiane Finger por suas contribuições na minha trajetória acadêmica, desde a graduação, em que foi minha professora, até os dias de hoje, no Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência (GPTV) e na Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede TELEJOR), além de ser uma inspiração como mulher e profissional. Neste sentido, também agradeço à Profa. Dra. Christina Ferraz Musse, que, através das leituras de seus trabalhos, ampliou meu olhar para a importância dos estudos sobre a memória na imprensa, assim como colaborou com novos caminhos durante encontros proporcionados pela Rede TELEJOR e em

congressos de comunicação. Ao Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto, que me apresentou novas formas de pensar o jornalismo, qualificando o estudo sobre meu objeto de pesquisa em sua disciplina no PPGCOM/UFRGS. Aos professores que estiveram na minha banca de qualificação, indicando novos percursos e que agora, juntamente com Christina Ferraz Musse, compõem a banca final. Ao Prof. Dr. Luciano Klöckner meu agradecimento pela oportunidade de ter sido sua aluna de Iniciação Científica durante a minha graduação, experiência que me inseriu na pesquisa acadêmica.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade do ensino gratuito e à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa, cujo auxílio financeiro foi imprescindível para a dedicação total à dissertação e a sua difusão em congressos nacionais e regionais. Ao PPGCOM/UFRGS, por ter me oferecido um ambiente de estudos saudável, com funcionários dispostos a ajudar com processos burocráticos, como Lucia Loss, Mara Meireles e Diego Tams, e pelo excelente quadro de professores, que tornaram minha passagem ainda mais instigante. Aos meus colegas de curso, por terem dividido angústias e me fortalecido com conselhos e dicas, além de termos criado, juntos, o Seminário Discente do programa. Aos meus alunos do estágio docente, agradeço pela paciência e pela valorização da minha presença em sala de aula.

Ao Prof. Dr. Andres Kalikoske, por colaborar com minha pesquisa durante a especialização em Televisão e Convergência Digital na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e por ter me alertado sobre a criação do *TV Mulher* de 2016. Também agradeço à *Globo Universidade*, sobretudo à Gisele Gomes, por ter iniciado o processo, e ao Juan Crisafulli, que possibilitou meu acesso aos programas do *TV Mulher* da década de 1980. À Inez Pereira da Luz, que escreveu a primeira dissertação sobre o *TV Mulher* em 1988 e, generosamente, me encaminhou o conteúdo de seu trabalho.

Aos demais familiares e amigos, que, durante esse período, compreenderam minha ausência e torceram por cada página aqui escrita, como a Caroline, que me deu bons conselhos nos momentos de maior dificuldade, a Juliane, que dividiu comigo as angústias da seleção, e o Eduardo, sempre disposto a retirar livros na biblioteca da PUCRS para facilitar meu estudo.

Durante esses dois anos, muita coisa mudou dentro daquelas conquistas

que “não cabem no Lattes”. Assim, agradeço ao meu companheiro de vida que, nesses últimos anos, de meu amigo, se tornou meu marido: Luiz Antônio, atuando como grande incentivador, estando ao meu lado na construção de artigos, capítulos e na preparação para congressos, inclusive presente a cada partida e chegada ao Aeroporto Salgado Filho. Também, me apoiando em cada escolha e me encorajando a ir mais longe, sendo a pessoa com quem dividi, diariamente, minhas inseguranças e planos.

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o papel da televisão na construção da memória sobre a representação feminina no Brasil. Através de percepções sobre memória, relações de gênero e do papel social do jornalismo e da televisão, nos dedicamos a analisar o *TV Mulher*. Procuramos compreender de que forma o programa constrói a memória sobre a representação feminina no passado e no presente e problematizamos a importância da televisão nessa construção. O *corpus* foi delimitado em três programas do *TV Mulher* de 1980, disponibilizados pela *Globo Universidade* para esta pesquisa, e na captação em tempo real do *remake* do *TV Mulher* em 2016. O material foi investigado a partir da Análise de Conteúdo, sistematizada por Laurence Bardin (2016), a partir da qual foi possível construir categorias temáticas que permitiram compreender os dois momentos de exibição do *TV Mulher* e pela análise do modo de endereçamento de Itania Gomes (2011) que, através de operadores, viabiliza a compreensão sobre como o programa se relaciona com a audiência. Na fundamentação teórica utilizamos, entre outros, os conceitos de Alfredo Vizeu (2005; 2009), Carlos Scolari (2014) e Joan Ferrés (1998) sobre televisão, Iván Izquierdo (2006), Marialva Barbosa (1995), Michael Pollak (1992) e Pierre Nora (1993) sobre memória, Branca Alves e Jaqueline Pitanguy (1991), Gilles Lipovetsky (2000) e Joan Scott (1995) sobre relações de gênero e Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005) e Rosa Maria Bueno Fischer (2002) sobre a representação feminina na televisão. Os resultados finais mostraram que o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina no Brasil ao se constituir em um lugar de memória, em que os temas discutidos em diferentes épocas podem ser revisitados.

Palavras-chave: Televisão. Jornalismo. Memória. Representação feminina. *TV Mulher*.

ABSTRACT

This thesis reflects on the role television plays in constructing memory about female representation in Brazil. We seek to analyze *TV Mulher* [literally, Women TV, a TV show directed towards a female audience] through perceptions about memory, gender relations and the social role of journalism and television. We aim to comprehend how that particular television show constructs the memory on female representation in the past and in the present and we question the importance of television on that construction. The *corpus* consists in three programs of *TV Mulher* in 1980, which have been made available by *Globo Universidade* for the present research, and also of real-time capture of *TV Mulher's* remake in 2016. The material was investigated based on Content Analysis Theory, systematized by Laurence Bardin (2016), allowing for the construction of thematic categories that made possible understanding the two historical moments the show was on air. We also follow Itania Gomes' (2011) addressing mode, which, through certain tools, enables the apprehension about how a television program relates to the audience. Our theoretical framework applies, among others, the concepts of Alfredo Vizeu (2005; 2009), Carlos Scolari (2014) and Joan Ferrés (1998) on television; of Ivàn Izquierdo (2006), Marialva Barbosa (1995), Michael Pollak (1992) and Pierre Nora (1993) on memory; of Branca Alves and Jaqueline Pitanguy (1991), Gilles Lipovestsky (2000) and Joan Scott (1995) on gender relations; and of Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005) and Rosa Maria Bueno Fischer (2002) on female representation on television. The final results show that *TV Mulher* builds the memory on female representation in Brazil by being a place of memory where the themes discussed in different times can be reviewed.

Keywords: Television. Journalism. Memory. Female Representation. *TV Mulher*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise temática <i>TV Mulher</i> 1980.....	51
Quadro 2 –Análise temática <i>TV Mulher</i> 1981.....	52
Quadro 3 – Análise temática <i>TV Mulher</i> 1982.....	53
Quadro 4 – Análise temática <i>TV Mulher</i> 2016.....	55
Quadro 5 – Categorias da análise qualitativa.....	64
Quadro 6 – Análise qualitativa de 1980	66
Quadro 7 – Análise qualitativa 1981	67
Quadro 8 – Análise qualitativa 1982	68
Quadro 9 – Análise qualitativa 2016	69
Quadro 10 – Operadores do Modo de Endereçamento.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTOS E CONTEXTOS DO OBJETO DE ANÁLISE.....	18
2.1	TELEVISÃO E EMOÇÃO	19
2.1.1	<i>TV Mulher</i>	30
2.2	MEMÓRIA	35
2.3	REPRESENTAÇÃO FEMININA	39
3	QUADRO METODOLÓGICO	45
3.1	ANÁLISE DA FREQUÊNCIA TEMÁTICA.....	49
3.2	ANÁLISE QUALITATIVA TEMÁTICA	50
3.2.2	Inferências	57
3.3	ANÁLISE QUALITATIVA CONCEITUAL	63
3.3.1	Inferências	71
3.3.1.1	Emoção e Memória	71
3.3.1.2	Conhecimento/Orientação e Representação feminina/Mulher.....	74
3.4	ANÁLISE DO MODO DE ENDEREÇAMENTO	75
3.4.1	Inferências	78
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICE A	93
	APÊNDICE B	106
	ANEXO	111

1 INTRODUÇÃO

A inquietação que impulsionou esta pesquisa surgiu durante a execução do trabalho de conclusão de curso da graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2014, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Ramos. Na época, estudaram-se "As transformações da mulher brasileira retratadas nas edições especiais das revistas *Realidade* e *Veja*". A partir dessa investigação, emergiu a reflexão sobre como o resgate de memória pode contribuir para debates atuais. Naquele trabalho, o objeto de pesquisa era composto pela *Realidade* de 1967 e por duas edições da *Veja*, de 1994 e de 2010. A proposta das três publicações era traçar o perfil da mulher brasileira, sendo que as da *Veja* faziam referência à *Realidade* como inspiração para as edições atualizadas.

Com o ingresso no Mestrado (2015) como aluna especial e, no ano seguinte, como aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), buscamos abranger a pesquisa sobre a representação feminina na televisão. Assim, o *TV Mulher* da *Rede Globo*, exibido na década de 1980, mostrou-se como o mais adequado por ter sido um dos raros programas, em rede nacional, a tentar compreender e representar a mulher nos anos 1980.

Foram coletados, no primeiro semestre de 2016, os dez episódios do *TV Mulher* apresentados no *Canal Viva*. Em uma pesquisa exploratória, encontramos partes dos programas de 1980 no site *Memória Globo* e em canais do *YouTube*. Nossa primeira percepção foi que os elementos encontrados não seriam suficientes para sustentarmos uma pesquisa em nível de mestrado por falta de amostragem.

Para que se pudesse acessar esse conteúdo, solicitamos o material de 1980 à *Rede Globo*, através da *Globo Universidade*. Após diversos pedidos, feitos entre 2015 e 2016, a emissora de televisão nos disponibilizou, em 2017, dois programas, praticamente na íntegra, do *TV Mulher*, bem como outros dois fragmentos. Essa foi a única forma de contato da pesquisadora com o objeto completo e com a data exata de transmissão, já que o material encontrado na *internet* nem sempre continha essa informação e não havia uma continuidade para ser possível a interpretação de como os assuntos eram abordados e de como a ligação entre eles era feita.

Durante esse processo, passamos a nos aprofundar nos estudos sobre televisão para compreendermos sua dimensão social, iniciando com sua inauguração em território brasileiro por Assis Chateaubriand, em 18 de setembro de 1950, que mudou os hábitos das pessoas. Se, antes, os encontros se davam em rodas de conversa na calçada de casa, seu surgimento originou os chamados televisinhos¹. A sua presença na sala de estar, o espaço mais importante da casa, também representa sua centralidade na vida dos telespectadores, que passaram a organizar sua rotina conforme a grade de programação (FECHINE, 2008).

Sua influência na vida social não se limita a isso, uma vez que, atualmente, os programas pautam discussões nas redes sociais, servindo como uma das engrenagens para a interação em multitelas “[...] amplificando o poder do telespectador e também reforçando o laço social” (FINGER, 2014, p. 219). Hoje, a audiência não precisa se adaptar aos horários da televisão porque podem usufruir de seus conteúdos *on demand*. Essas alterações na prática de assistir televisão exigem que sejam pensadas novas maneiras de fazê-la, como alerta Cristiane Finger (2013):

Para o desenvolvimento de conteúdos dentro desse contexto, é preciso considerar novos paradigmas, tais como: a articulação da TV com outras mídias interativas; o empoderamento do telespectador; a interação entre emissor e receptor; a possibilidade de acesso a qualquer hora e lugar; o uso da interatividade digital para customizar programação e programas; o fim das fronteiras rígidas entre conteúdo e publicidade; o fim da linguagem audiovisual padrão da TV; a adoção da linguagem multimídia, transversal, interativa, com a colaboração do usuário. (FINGER, 2013, p. 188).

A televisão aberta está presente na vida de 95% dos brasileiros, dos quais 77% assistem seu conteúdo por um tempo médio de três horas por dia, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 (PBM/2016). Quando é considerada a credibilidade, a pesquisa mostra que 63% dos entrevistados a escolhem como meio de comunicação para se informar sobre o que acontece no Brasil, dado que sobe para 89% quando somadas a primeira e a segunda opção (PBM/2016).

Sua relevância também é ressaltada por pesquisadores de mídia como Joan Ferrés (1998), que a considera o meio de comunicação com maior poder de fascinação e penetração, consistindo em um instrumento de socialização, assim

¹ Esse costume foi reflexo da fase elitista, em que poucas residências tinham o aparelho. Portanto, várias pessoas se encontravam para assistir televisão na casa de um vizinho (MATTOS, 2010).

como o fenômeno social e cultural mais impressionante da história. A televisão é apontada, por Dominique Wolton (2004, p. 135), como “[...] um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa”. O autor ressalta sua pertinência por estabelecer um laço entre todos os meios, mesmo que em um momento de rupturas sociais e culturais. Desta maneira, possuindo um papel antropológico por ser “[...] a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e faixas etárias [...]” (WOLTON, 2004, p. 137).

Cientes do papel social da televisão devido a sua visibilidade e popularidade, investigamos o seguinte problema de pesquisa: “Qual a importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina?” Realizamos essa pesquisa tendo em vista que as transformações na comunicação são constantes e refletem na televisão, como apontado por Sérgio Mattos (2010), na criação das sete fases de desenvolvimento da TV brasileira: elitista (1950-1964), populista (1964-1975), do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), da transição e da expansão internacional (1985-1990), da globalização e da TV paga (1990-2000), da convergência e da qualidade digital (2000-2010) e a fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital (2010-).

No dia 26 de novembro de 2003, foram estabelecidas as bases para a definição do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). A transição começou em março de 2016 e a previsão é que o sinal seja desativado, na maioria das cidades, até novembro de 2018. Algumas regiões ainda terão acesso ao sinal analógico até o dia 31 de dezembro de 2023² (IBGE, 2017).

Com a *internet*, a televisão também passou a se preocupar com conteúdos *on demand* e experiências interativas devido à fragmentação das audiências. Para esta nova fase da televisão, Carlos Scolari (2014) propõe o termo hipertelevisão como forma de “escapar” do prefixo *pós*, usado por autores como Alejandro Piscitelli (1995), Ignacio Ramonet (2002), Jean-Louis Missika (2007) e Francisco Rui Cádima (2011). Ambos os conceitos se referem às novas formas de ver, participar e interagir com a televisão. Scolari (2014) acentua que a criação dessa fase não se refere a uma nova etapa da paleotelevisão e da neotelevisão apresentadas por Umberto Eco (1984) e, mais tarde, exploradas por Francesco Casetti e Roger Odin, “[...] mas como uma configuração específica da rede sócio-técnica em torno do meio

² Informações do IBGE (2017).

televisivo” (SCOLARI, 2014, p. 45).

Apesar de inseridos nesse cenário contemporâneo, nosso interesse é olhar para o passado. Nesta pesquisa, nosso objeto de estudo é o *TV Mulher*, da *Rede Globo*, da década de 1980, e seu *remake* em 2016, exibido no *Canal Viva*. Essa escolha enriquece a pesquisa por consistir em um resgate histórico do Brasil em uma época de transformações políticas e sociais: a volta da democracia depois de 20 anos de ditadura militar. O programa também representou um avanço nas discussões sobre a mulher da época, causando polêmicas e debates sobre seu papel na sociedade, além de participar “[...] da socialização do conhecimento [...]” e da construção da realidade para esse público (MEDITSCH, 2010, p. 41). Assim, exercendo a função social do jornalismo, que “[...] é de orientar o homem e a sociedade num mundo real” (PARK, 2008, p. 51).

Outro fator que despertou nossa atenção foi a criação do *remake* do *TV Mulher*, que intercalou imagens e elementos do passado com o presente, ampliando o “[...] poder de mandar olhar [...]” que a televisão exerce e de indicar o que deve ser guardado pelo público (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 65). Marialva Barbosa (1995) afirma que os jornalistas são “senhores da memória” porque selecionam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Ou seja, os jornalistas dão visibilidade, ou não, a certos conteúdos, reconstruindo o passado. Nesse sentido, Chistina Ferraz Musse e Claudia Thomé (2016, p. 67) compreendem a imprensa como um “lugar da memória”, a partir do conceito de lugar de memória de Pierre Nora (1993). Esse resgate da memória pode ser uma forma de reescrever o passado e, no caso da televisão, de o rerepresentar.

O programa dos anos 1980 dedicava-se a mostrar os desafios da mulher da época, que vivia em uma constante luta pelos seus direitos, que não eram respeitados, e, na maioria das vezes, também não eram amparados pela legislação brasileira. A versão atualizada mostra o lugar que a mulher ocupa, hoje, na sociedade, sendo um reflexo do empoderamento feminino, que tem tido destaque nas discussões sociais, fenômeno semelhante ao que acontecia nas décadas de 1970 e 1980 com o início dos debates feministas no Brasil.

A audiência brasileira tem se mostrado favorável a conteúdos rememorados através do sucesso de atrações como *Vale a pena ver de novo* (1980), *Vídeo Show* (1983), minisséries e a criação do *Canal Viva* (2010), que é especializado em exibir

cenar de arquivo ou criar conteúdos inspirados em programas exibidos na *Rede Globo*. Além da criação do site *Memória Globo*, lançado em 2008, que, segundo Musse e Thomé (2016), constrói a memória da televisão e cativa os telespectadores através da memória afetiva.

O problema de pesquisa que instigou o estudo é compreender qual a importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina no passado e no presente. Nosso objetivo geral é entender de que forma o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina. Os objetivos específicos buscam:

- a) verificar semelhanças e diferenças nas abordagens dos temas explorados pelo *TV Mulher* na década de 1980 e em 2016;
- b) refletir sobre o papel social da televisão como influenciadora de comportamentos e costumes na sociedade;
- c) compreender de que forma o *TV Mulher* se relaciona com a audiência;
- d) investigar elementos que indiquem a importância da televisão como um lugar de memória.

Como primeira etapa desta pesquisa, consideramos importante fazer uma revisão da produção científica relacionada ao tema a que este estudo se dedica: *TV Mulher*, televisão, representação feminina e memória. A busca foi feita nas bases da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)³ e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes⁴, com o objetivo de verificar o contexto em que esta pesquisa se insere e encontrar trabalhos que pudessem contribuir ou apresentar lacunas da nossa investigação.

Na plataforma de busca da Capes, foram encontradas apenas duas dissertações ao procurarmos o termo "*TV Mulher*"⁵. Através do IBICT, utilizando a palavra-chave "*TV Mulher*" na opção todos os campos, e não a todos os trabalhos envolvendo "novela", "cinema", "publicidade" ou "comercial" no campo assunto⁶, achamos 108 trabalhos em que os resultados trouxeram pesquisas sobre TV e Mulher separadamente. Ao pesquisarmos pelos termos "Memória" e "Televisão", localizamos 116 trabalhos; com "Televisão", "Jornalismo" e "Gênero" encontramos

³ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

⁴ Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

⁵ Busca feita com o termo "TV Mulher" através do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

⁶ Essa estratégia de busca foi repetida com as demais palavras-chave.

27 trabalhos; ao buscarmos revista feminina no campo assunto, 57 resultados foram vistos.

A primeira dissertação feita sobre o *TV Mulher* não está disponível em formato digital, o que dificultou nosso acesso à pesquisa. No entanto, entramos em contato com a autora Inez Pereira da Luz, que a digitalizou para nos encaminhar. Intitulada “‘A nova mulher’. As contradições do modelo feminino na TV-Mulher”, o estudo foi apresentado em 1988 no mestrado em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Essa pesquisa se tornou relevante para o nosso estudo por ser a primeira dissertação sobre o programa e ter sido iniciada durante a sua exibição, dando-nos suporte para escrevermos sobre o que ele representava na época.

A outra dissertação de mestrado que encontramos sobre o *TV Mulher* foi apresentada em 2015 no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) por Heitor Campos Bueno: “Querida amiga Marta: sexualidade, feminismo e poder no programa *TV Mulher*”. Esta pesquisa analisou os efeitos produzidos no telespectador pelos discursos presentes no quadro Comportamento Sexual da sexóloga Marta Suplicy no *TV Mulher* através de cartas.

Além desses, ao pesquisarmos “televisão” e “memória” na busca por assunto, encontramos 14 trabalhos, dos quais utilizamos a tese de doutorado de Mário Abel Bressan Júnior: “A memória afetiva e os telespectadores: um estudo do *Canal Viva*”, defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a qual apresenta o conceito de memória tele-afetiva, despertada apenas pela televisão, que dialoga com nosso objeto de pesquisa.

Além dos filtros das plataformas, também foram analisados os títulos e os resumos dos trabalhos para que selecionássemos apenas os que se relacionam com o nosso tema. É importante ressaltar que alguns trabalhos relevantes podem ter sido perdidos devido às palavras-chave escolhidas e, até mesmo, a uma própria deficiência do catálogo por não ter todas as teses e dissertações digitalizadas. Nosso objetivo não foi esgotar toda a produção que envolve esses assuntos, mas encontrar contribuições e conhecer o contexto em que a investigação faz parte.

Para o estudo utilizamos inicialmente a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) para estabelecermos uma organização dos dados na pesquisa exploratória. Através

da primeira categorização criada a partir da frequência temática, propomos novas categorias de acordo com o referencial teórico. Também recorreremos à Análise do Modo de Endereçamento de Itania Gomes (2011) – por intermédio dos operadores de análise – para compreendermos de que forma o *TV Mulher* se relacionava com a audiência.

A presente dissertação está dividida em Fundamentação Teórica, composta por três subcapítulos: “Televisão e emoção” com as contribuições de Joan Ferrés (1998), Sérgio Mattos (2010; 2013) e Alfredo Vizeu (2005; 2009); “Memória”, com os preceitos teóricos de Marialva Barbosa (1995), Pierre Nora (1993) e Michael Pollak (1992) e Representação Feminina através de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1991), Gilles Lipovetsky (2000), Joan Scott (1995), Simone de Beauvoir (2009), Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005) e Rosa Maria Bueno Fischer (2002). Na sequência, temos o Quadro Metodológico, no qual explicamos os procedimentos de análise a partir de Laurence Bardin (2016), com Análise de Conteúdo, e Itania Gomes (2011), com Modos de Endereçamento. Iniciamos pela escolha do objeto de pesquisa e empírico, descrição da coleta de dados e análise a partir da observação preliminar. Com isso, passamos para a formulação de categorias a partir dos preceitos teóricos e sua aplicação para obtenção de dados. As inferências foram apresentadas na sequência de cada etapa de análise. Por fim, os resultados foram apresentados nas Considerações Finais como forma de contribuir para novos direcionamentos e aprofundamentos sobre a representação da mulher na televisão.

2 FUNDAMENTOS E CONTEXTOS DO OBJETO DE ANÁLISE

Investigar a televisão através de um programa que foi ao ar há 36 anos e que voltou à programação repaginado requer um conhecimento sobre suas principais transformações entre um período e outro. Dessa forma, foi possível compreender os cenários nos quais as duas versões do *TV Mulher*, uma na década de 1980 e outra em 2016, estavam inseridas. Essas informações foram importantes para identificarmos o que seriam tendências do meio de comunicação ou, ainda, características específicas dos programas.

No primeiro subcapítulo, estudamos a televisão a partir de três fatores principais: histórico, social e cultural. Não pretendemos traçar um perfil da televisão, nem esgotar suas características, mas refletir sobre sua relevância no decorrer de seus 67 anos. Além disso, acreditamos na importância de discutirmos sobre seu papel social na atualidade, momento em que nos deparamos com uma sociedade voltada para as novas tecnologias e redes sociais, na qual o público tem se distanciando da coletividade e se aproximando do consumo individual em *smartphones* e *tablets*, tomados por conteúdos *on demand*.

Discorreremos sobre a história da televisão através de suas principais fases a partir de autores como Alfredo Vizeu (2005; 2009), Carlos Scolari (2014), Dominique Wolton (1996; 2004), Sérgio Mattos (2010; 2013) e Umberto Eco (1984). Esse trajeto nos levou à realidade atual, quando discutimos sobre as novas formas de ver televisão e sua tendência para o futuro. Através dos autores Eduardo Meditsch (1997; 2010), Joan Ferrés (1998), Patrick Charaudeau (2013; 2016) e Robert Park (2008), desenvolvemos uma discussão sobre a importância social e a influência da televisão sob seus telespectadores. Nesse sentido, destacamos fatores referentes à sua função socializadora e sua relevância no acesso ao conhecimento.

No segundo subcapítulo, apresentamos a memória através dos autores Marialva Barbosa (1995) e Pierre Nora (1993), com enfoque sobre a televisão ser um lugar de memória e seus jornalistas serem senhores da memória. Nesse contexto, utilizamos Iván Izquierdo (2006), com o conceito de memória, e Michael Pollak, sobre memória coletiva (1992). Esses pesquisadores nos ajudaram a entender a importância de a memória ser preservada visando a conhecermos o passado e, também, o seu resgate em novos conteúdos para que seja lembrada.

Sobre representação feminina, no terceiro subcapítulo, nos baseamos em autores como Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1991), Joan Scott (1995), e Simone de Beauvoir (2009) sobre relações de gênero, Gilles Lipovetsky (2000) sobre as fases da mulher e Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005) e Rosa Maria Bueno Fischer (2002) sobre a representação feminina na televisão.

Por fim, apresentamos o programa *TV Mulher* em suas duas versões. De acordo com o objeto deste estudo, salientamos suas características e possíveis contribuições às gerações em que foi exibido. Como não se trata de um estudo de recepção, até mesmo por não ser viável, visto que a primeira versão foi exibida há mais de 30 anos, levantamos essas possíveis contribuições através da relevância da televisão na época, servindo como um alto-falante das discussões feministas que já ocorriam no país.

2.1 TELEVISÃO E EMOÇÃO

A televisão brasileira deu início aos seus trabalhos com a inauguração da TV Tupi Difusora, por Assis Chateaubriand, no dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo. Nesta época, o veículo de comunicação predominante era o rádio, o que refletiu no fazer televisão no Brasil, visto que as formas de trabalho foram submetidas à sua influência. Isso ocorreu devido à utilização de técnicos, artistas, estrutura e, inclusive, o mesmo formato de programação (MATTOS, 2010). Sérgio Mattos (2010) também lembra que, em junho de 1939, houve a primeira demonstração pública da televisão no país durante a Feira de Amostras do Rio de Janeiro, mas que só em 1949 ela começou a ser implantada.

O acesso da população à nova tecnologia, que servia como uma “janela para o mundo”, não foi fácil, podendo ser considerado um objeto de luxo restrito à elite. O governo, que tinha interesse em ter telespectadores, chegou a oferecer auxílio para que as pessoas adquirissem o equipamento, contudo, mesmo assim, apenas anos mais tarde este se tornou um artigo popular.

A influência do Estado sobre esse meio de comunicação continua até os dias de hoje. Em 2018, por exemplo, o governo federal distribuiu um kit de antena para as famílias que usufruem de algum benefício social provido pelo governo, como *Bolsa Família* e *Minha Casa Minha Vida*, para que elas obtenham sinal digital, uma

vez que a maioria das cidades brasileiras já terá desligado o analógico em 2018.

Umberto Eco (1984) classificou a televisão em duas fases: a “paleotelevisão” e a “neotelevisão”. De acordo com o autor, a paleotelevisão marcou o início da televisão, em que havia pouca oferta e demanda. Então, tinha-se um cuidado para câmeras e microfones não aparecerem, configurando uma tentativa de se apresentar como realidade, privilegiando a verdade. A neotelevisão, por sua vez, propunha um discurso sobre si mesma e sobre seu contato com o público, valorizando os seus bastidores, utilizando-se dos equipamentos para dizer “eu estou aqui”, o que reforçava sua credibilidade e a sensação de realidade.

Diferente da paleotelevisão, a neotelevisão estava inserida em um momento de maior autonomia do público, em que era possível trocar de canal, ainda mais com a facilidade do controle remoto. “Com a Paleotevê havia pouca coisa para ver: antes da meia-noite, todos para a cama. A Neotevê tem dezenas de canais, até de madrugada. [...]” (ECO, 1984, p. 203). A principal diferença entre uma fase e outra estaria em a paleotelevisão querer ser uma janela para o mundo exterior, enquanto a neotelevisão se propunha a mostrar a si própria (ECO, 1984).

Francesco Cosetti e Roger Odin (2012, p. 10) ainda percebem outra ruptura entre a passagem de uma fase para a outra, no que dizem que “A neotelevisão rompe com o modelo de comunicação pedagógica da paleotelevisão [...]” e é introduzido um processo de interatividade no qual o telespectador passar a opinar. Assim, “[...] Ela não é mais um espaço de formação, mas um espaço de *convívio*” (COSETTI; ODIN, 2012, p. 11, grifo dos autores).

Na neotelevisão, é percebida a proximidade entre espectador e conteúdo, enquanto na paleotelevisão era respeitada uma hierarquia. Além disso, na neotelevisão, percebe-se uma grade de programação que segue a temporalidade, percebida, ainda hoje, nos programas da televisão aberta. Também há uma valorização de programas que misturam informação e entretenimento (COSETTI; ODIN, 2012), o que Carlos Scolari (2014) acredita anular as diferenças culturais até introduzir o telespectador em um fluxo televisivo.

Estamos certamente muito longe do modelo pedagógico da paleotelevisão. A neotelevisão não é mais uma instituição que se inscreve como um prolongamento da escola ou da família, mas um lugar integrado ao espaço cotidiano, um “lugar onde se vive”, pelo menos se entendermos por isso um lugar onde, de ambos os lados da tela, há pessoas que passam horas e horas de suas vidas. (COSETTI; ODIN, 2012, p. 14).

No Brasil, Sérgio Mattos (2010) propôs a divisão da televisão em sete fases. A primeira é a elitista (1950-1964), período em que poucos tinham acesso a ela. De 1964 a 1975, entramos na populista, momento em que “[...] programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação” (MATTOS, 2010, p. 85). A mudança da primeira para a segunda fase foi um reflexo do Regime Militar (1964-1985), da época que este passou a utilizar os meios de comunicação de massa como instrumentos para persuadir, impor e difundir seus posicionamentos (MATTOS, 2010). Em vista disso, “[...] A televisão, pelo seu potencial de mobilização, foi mais utilizada pelo regime, tendo também se beneficiado de toda a infraestrutura criada para as telecomunicações” (MATTOS, 2010, p. 39).

A terceira fase, por sua vez, se caracteriza pelo desenvolvimento tecnológico (1975-1985) devido ao aperfeiçoamento das redes de televisão, que começaram a produzir seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando à exportação. A fase seguinte é a da transição e da expansão internacional (1985-1990), quando se intensificam as exportações de programas durante a Nova República. A fase da globalização e da TV Paga (1990-2000) se dá quando o Brasil busca modernidade e a televisão se adapta aos novos rumos de redemocratização.

A sexta fase é a da convergência e da qualidade digital (2000-2010), momento em que a interatividade se mostra cada vez maior nos veículos de comunicação, principalmente na televisão. Também nesta fase, no dia 26 de novembro de 2003, foram estabelecidas as bases para a definição do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD) a partir da assinatura do Decreto 4.901 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (MATTOS, 2013). O padrão de transmissão digital adotado no Brasil é o SBTVD-T (Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre) com base no padrão de transmissão japonês. Em 2 de dezembro de 2007, o sistema foi, inicialmente, implantado em São Paulo e, posteriormente, nas principais cidades do país – o sinal analógico será totalmente desativado em 2023.

A sétima e última fase descrita por Sergio Mattos (2010) é a da portabilidade, mobilidade e interatividade digital (2010-). Nesse momento, o mercado de comunicação e o modelo de negócio se reestruturaram com o espaço ocupado pelas novas mídias, como o celular, que se transformou num meio de comunicação de massa. Podemos arriscar em dizer que o celular se tornou um dispositivo da

televisão e vice-versa, já que os dois se completam para uma melhor experiência, principalmente em programas de entretenimento, que estimulam os internautas a ligar a televisão para assistir o que está sendo comentado nas redes sociais, criando um fluxo de audiência.

No momento que a televisão vive hoje, em um ecossistema midiático marcado pela interatividade, Carlos Scolari (2014) apresenta o conceito de hipertelevisão não como uma continuação das fases de Eco (1984), “[...] mas como uma configuração específica da rede sócio-técnica em torno do meio televisivo” (2014, p. 45). Assim, “[...] a *hipertelevisão* fala para as novas gerações com habilidades interpretativas aprendidas na navegação na web, no uso de *softwares* ou jogos de vídeo” (2014, p. 50 – grifo do autor). Para compreendermos o que seria o momento atual da televisão, nos dedicamos a um breve resumo sobre o que seriam algumas características da hipertelevisão identificadas pelo autor:

- 1) a multiplicação de programas narrativos: as séries contemporâneas contam com diversos personagens principais, que possibilitam a sua maior participação em outros programas narrativos marcados pela complexidade de interações;
- 2) a fragmentação da tela: consiste na modularização das informações em diferentes áreas da tela. Esse artifício já era utilizado em noticiários na década de 1980 e voltou como uma “abertura estética” em algumas ficções;
- 3) aceleração da história: o ritmo da hipertelevisão é acelerado, necessitando que as narrativas sejam contadas de forma rápida, indo direto ao ponto. Isso se explica pela dinâmica de contar várias histórias ao mesmo tempo;
- 4) narrativas em tempo real: produções que geram um efeito de gravação ao vivo, sem pós-produção, uma estética desordenada e crua;
- 5) histórias não sequenciais: consistem na presença de *flashback* e *flashforward*, originários do cinema;
- 6) expansão narrativa: a *hipertelevisão* é caracterizada pela expansão das narrativas em diferentes meios, o que foi definido por Henry Jenkins (2009) como narrativas transmídias.

Scolari (2014) também defende que o conteúdo gravado na era da

hipertelevisão só terá seu espaço se puder ser consumido sob demanda. Além do mais, isso não quer dizer que em determinados momentos, como um discurso político e um jogo de futebol, que

[...] as massas não voltem se reunir na frente das telas de forma simultânea (de *todas* as telas, das macro as micro, das velhas e das novas). [...]. [...] não se pode descartar o fato de que a *hipertelevisão* também deve preservar espaços de *broadcasting* (na forma de transmissão ao vivo) dentro do seu dispositivo. [...] hoje encontramos, também, uma coexistência de traços *paleo* e *neo* dentro de um ambiente *hiper*. (SCOLARI, 2014, p. 48, grifos do autor).

Como foi possível ver até aqui, este é um período de grandes transformações nos meios de comunicação e no comportamento social. Dessa forma, se faz necessário destacar o papel da televisão atualmente e entender qual o espaço das mídias antigas nessa nova esfera. Newton Cannito (2010) já dizia que o potencial da TV seria explorado com a chegada do digital, tornando-se ainda mais TV com a possibilidade de conteúdos sob demanda, podendo a ficção se utilizar de narrativas transmidiáticas. De acordo com Jenkins (2009), essas narrativas proporcionam interação e participação do público da televisão em outras mídias sem prejudicar a compreensão dos telespectadores de uma só tela. Assim como Scolari (2014), Cannito (2010) também aposta no futuro da televisão com conteúdos mais ao vivo, retornando aos primórdios da sua influência do rádio.

[...] o fluxo da televisão não se perderá (apesar da capacidade de armazenamento que ela terá); que a interatividade na televisão será baseada na potencialização do modo participativo que os espectadores já conhecem e utilizam atualmente; que esses espectadores poderão se agrupar em comunidades, em razão da maior segmentação que deverá ocorrer nos programas (o que já vemos na TV paga); que o paradigma da TV será o do jogo aliado à narrativa, e não o da enciclopédia aliada ao jogo, como na *internet*, e que haverá maior participação do público na produção de conteúdos, mas que, ao contrário do que ocorre na *internet*, haverá filtros que selecionarão os conteúdos e agregadores que verão como esses conteúdos amadores podem ser inseridos numa grade de programação de interesse genérico. Será a TV 1.5, isto é, antes de tudo, a televisão em seu máximo potencial, exercendo todos os seus potenciais criativos. (CANNITO, 2010, p. 219).

A televisão aberta brasileira já experimenta narrativas transmidiáticas. Exemplo disso foi a novela *Cheias de Charme* da *Rede Globo*, no ar do dia 16 de abril ao dia 28 de setembro de 2012, às 19h, que contava a história de três empregadas domésticas que ficaram famosas como cantoras. A trama criou um

ecossistema de conteúdos que iam desde a *internet* até a publicação de um livro. Também foi lançada uma marca de produtos de limpeza e calçados, por exemplo. O mais interessante na iniciativa foi o fato de a televisão dividir o espaço de protagonista com a *internet* quando divulgou o vídeo “Vida de Empreguete” no momento em que a cena da TV mostrava o conteúdo sendo publicado. Tratava-se do primeiro clipe das *Empreguetes*, grupo formado pelas personagens principais: Cida (Isabelle Drummond), Penha (Taís Araújo) e Rosário (Leandra Leal) (SERRA, 2012).

O conteúdo deu continuidade à narrativa da TV e funcionou como um fluxo da audiência de uma mídia para outra simultaneamente. Nas cenas seguintes, as personagens comentavam sobre o crescente número de visualizações do vídeo, integrando uma narrativa a outra. Além disso, outros programas da emissora contaram com a participação delas, tornando a narrativa ainda mais próxima da realidade. A novela também deu origem a um concurso no *Fantástico*, “A empregada mais cheia de charme do Brasil”, no qual a vencedora pode participar da gravação de um dos capítulos da novela.

O mesmo acontece em outras atrações em que os internautas/telespectadores podem escolher qual roupa o apresentador ou personagem deve usar entre as opções pré-estabelecidas. Além disso, em atrações como a *Sessão da Tarde*, já foi pedido que o telespectador escolhesse um filme entre as opções definidas. Todavia, como lembra Cannito (2010), a interação dos telespectadores não é uma novidade na televisão. Desde o começo, foi estimulada a participação da audiência através de cartas, depois por telefone e SMS e, agora, com a *internet*. O programa *Você Decide* é um exemplo, ao ar em 1992, seu fechamento era escolhido pelo público.

Finger (2014) afirma que não é possível uma interatividade plena na televisão em seu formato atual, uma vez que consiste em concessão do governo, sendo da responsabilidade do Estado o que vai ao ar. Dessa forma, um telespectador não pode interagir em um programa de TV sem ser submetido a uma mediação: “[...] O que não significa que o telespectador ou usuário não possa participar, de forma cada vez mais ativa, na escolha, no encaminhamento e no desfecho dos conteúdos” (FINGER, 2014, p. 218).

Mais do que refletir sobre a pertinência da televisão em um mundo em que a *internet* e as mídias digitais ocupam cada vez mais espaço, é necessário pensar sobre como as mídias antigas perpetuarão sua relevância na vida das pessoas. Sobre isso, Luiz Gonzaga Motta (2013), no livro *Análise Crítica da Narrativa*, nos dá algumas respostas, voltando nosso olhar para as narrativas, que é o que fará a televisão continuar sendo fundamental na vida social.

Motta (2013, p. 17) inicia a introdução do livro com uma frase essencial para entendermos a importância de nos dedicarmos aos estudos sobre narrativas: “Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados”. Se narrar faz parte da existência humana e vivemos mediante narrações, ela pode ser um caminho para compreendermos a relação existente entre a televisão e sua audiência.

[...] a narrativa é um dispositivo discursivo que visa seduzir e envolver os sujeitos interlocutores na criação de uma representação dramática do mundo (que chamei de *projeto dramático*). Deixei claro que a comunicação narrativa faz parte de um projeto argumentativo no qual os sujeitos interlocutores se envolvem em um jogo de *coconstrução* da realidade, e que o sentido provém não só dos conteúdos, mas também dos artifícios discursivos postos em prática em um ato comunicativo em contexto. (MOTTA, 2013, p. 211, grifos do autor).

O autor ainda levanta seis razões para estudarmos as narrativas. A primeira delas aponta que este tipo de estudo servirá para compreendermos quem somos e como construímos nossas próprias narrações. A segunda razão se refere aos jornalistas e comunicadores entenderem a forma como representam o mundo através das narrativas. Em complemento a essa, a terceira diz que para “[...] compreender por que às vezes tentamos representar fielmente o mundo e em outras, imaginativamente” (MOTTA, 2013, p. 27). A quarta propõe entender o tempo e como o representamos. A quinta mostra a importância de estudarmos as narrativas para verificarmos de que maneira elas estabelecem consensos a partir de dissensos. Por fim, a sexta nos dá o ponto chave para qualquer pesquisa acadêmica: visar a um resultado que reflita sobre o mercado de trabalho para que novas produções sejam mais adequadas: “[...] estudá-las, para melhor contá-las.” (MOTTA, 2013, p. 27).

A televisão está presente no cotidiano da maioria da população nacional. Este meio de comunicação possui um poder de fascinação que contagia e emociona os telespectadores (FERRÉS, 1998). O caráter democrático, acessível a pessoas de

todas as classes sociais e escolaridades, reforça, ainda mais, sua relevância por estabelecer um laço social, como ensina Wolton (1996, p. 113) que “[...] vem do fato de que cada um sabe que os programas estão ali, visíveis, que ele os assiste se quiser, sabendo que outros os assistirão simultaneamente, o que é uma forma de comunicação constitutiva do laço social”.

É importante ressaltar que a TV generalista se difere da TV temática. Na segunda opção, o telespectador sabe que está inserido em um público específico, enquanto, na generalista, ele pertence a um grande público, podendo, a princípio, ser todo o mundo. O laço social só pode ser estabelecido na televisão generalista porque consiste em um laço invisível que agrega um grande e anônimo público, ligando comunidades e pontos em comum, como sustenta Wolton (1996).

Estudar televisão e educar a sociedade para assisti-la é cada vez mais necessário, visto que, hoje, ocupa não só a sala de estar, como também está presente em todos os lugares da casa e, fora dela, em dispositivos móveis no bolso dos telespectadores. A televisão pode provocar interações sociais e interpretações sobre costumes, tendências e representações exibidas na TV. Ademais, a assistir também é um hábito e uma companhia, ocupando o tempo livre (BLÁZQUEZ, 1999; FECHINE, 2008; LEAL FILHO, 2006). Neste sentido, “Ela penetra hoje em todos os poros e frestas da sociedade. Dita hábitos, muda comportamentos, impõe padrões de linguagem, faz e desfaz na política” (LEAL FILHO, 2006, p. 23). Isso nos remete ao que Vera França (2009, p. 51) conceitua como televisão porosa, mas de uma forma inversa, na qual a televisão também é constituída de poros que “[...] captam os humores da sociedade, se encharcam de seus desejos, temores e tendências. [...]”.

Ao estudarmos o papel social da televisão, partimos da perspectiva de Vizeu (2009), que a considera um lugar de referência por contribuir para que a audiência compreenda o mundo, sendo um espaço não só de informação e entretenimento, como também pedagógico. De acordo com o autor, os jornalistas são considerados “ordenadores do mundo” pelos telespectadores (VIZEU, 2005, p. 110), assim como as empresas jornalísticas possuem credibilidade, autorização e “[...] tendem a fundamentar a sua força através do apelo à mediação entre a realidade e a audiência” (VIZEU, 2005, p. 111).

Também nos embasamos no estudo de Vizeu (2005) sobre Audiência

Presumida, elaborado a partir do conceito de Contrato de Comunicação de Charaudeau (2013), no qual se estabelece um vínculo entre a emissora e o telespectador, no que ambos têm conhecimento sobre o que um vai oferecer e o outro receber. Vizeu (2005) entende que os jornalistas constroem conteúdos através de uma percepção antecipada de sua audiência, semelhante ao modo de endereçamento que vamos explorar através da autora Itania Gomes (2011). Charaudeau (2016) também reforça a importância da televisão para a democracia, uma vez que oferece um espaço de discussões e informações sobre fatos do mundo.

Alfredo Vizeu (2005) compreende o telejornalismo como um “lugar de referência” e as empresas jornalísticas como instituições autorizadas e acreditadas pelo o que informam. Essa força consiste na mediação entre realidade e audiência. O segundo conceito é o da “audiência presumida” em que

[...] os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos. E o trabalho que os profissionais do jornalismo realizam, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias. [...]. (VIZEU, 2005, p. 94 - 95).

O *TV Mulher* possui credibilidade jornalística, mesmo se tratando de uma revista eletrônica de variedades. A presença de Marília Gabriela na ancoragem reforça seu caráter informativo, também ressaltando o lugar de referência por ser porta voz das lutas feministas na televisão. Podemos afirmar que o programa se encontra na reflexão de Itania Gomes (2008) sobre o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento, o chamado infotenimento. A autora explica que a expressão é utilizada para caracterizar programas que misturam assuntos atuais com recursos de entretenimento, como é o caso de talk shows, atrações sensacionalistas e demais conteúdos que dramatizam a vida cotidiana. Porém, ela reforça que a diferenciação entre informação e entretenimento “[...] está perdendo força como princípio organizador do campo midiático [...]” (GOMES, 2008, p. 95).

Charaudeau (2013, p. 255) discorre sobre o poder da imagem que tem efeitos, como a impressão de transparência e a evocação de memórias, que ainda não são passíveis de controle. Em termos de transparência, a imagem parece nos

mostrar, fielmente, a realidade por estarmos vendo cenas “reais”. Contudo, com a evocação de nossas lembranças, memórias, coletivas ou pessoais, demais experiências são despertadas em outras imagens. Dessa forma, cada telespectador receberá um conteúdo de um jeito único, de acordo com seu histórico e da forma com a qual se relaciona com determinado tema. Essa percepção de imagem nos ajuda a pensar como o *TV Mulher*, em sua segunda versão, utiliza imagens antigas.

Com essa mesma perspectiva, Ferrés (1998, p. 51) apresenta o “pensamento associativo”, no qual determinado conteúdo pode despertar associações positivas ou negativas e a “transferência”, que “[...] é um mecanismo que se realiza com base numa falsa atribuição” (FERRÉS, 1998, p. 51). É da mente humana criar essas conexões e associações com experiências vividas ao ser exposta a alguma situação, podendo transferir uma falsa percepção a partir da transferência de sentimentos.

Levando em conta que cada vez diminuem mais as experiências vividas pessoalmente e cada vez são maiores as que se vivem vicariamente, a televisão, que é o reino das experiências vicárias⁷, desempenha um papel decisivo na apresentação de modelos que incidirão na escolha da direção do comportamento. (FERRÉS, 1998, p. 54-55).

O autor também destaca a televisão como o “reino das emoções”, não servindo apenas para aumentar a audiência, como também para potencializar sua “capacidade socializadora”, tornando-se sedutora. Nesse sentido, “Tudo na televisão contribui para a hipertrofia das emoções. Não apenas as histórias; também os personagens, a entrada em cena, os recursos formais, as músicas e efeitos sonoros... [...]” (FERRÉS, 1998, p. 57).

Ao falar sobre relato e discurso, Ferrés (1998, p. 62) pontua que a via racional é utilizada quando a televisão pretende convencer os telespectadores sobre o que está sendo dito, potencializando a lógica da racionalidade. Porém, “[...] quando se recorre à via emotiva, o que se pretende é seduzir. Esta é a finalidade e a potencialidade das emoções”. O pesquisador ressalta que a televisão “[...] é o maior instrumento de socialização”, lembrando que, para haver socialização, é necessário que a imagem desperte emoção (FERRÉS, 1998, p. 13).

Porcello (2006, p. 156) lembra que “[...] TV é edição, é recorte, é fragmento”.

⁷ Significado de vicário, segundo o Dicionário Aurélio: “Que substitui ou faz as vezes de outrem”. (DICIONÁRIO AURÉLIO, [s.d.]).

Isso evidencia a responsabilidade dos profissionais ao escolherem determinado ângulo ou fragmento em relação a outro, sendo que os interesses desses sempre estarão de um lado. Nesse sentido, recordamos o conceito de Bourdieu (1997, p. 25), apontando que “[...] os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”. Os jornalistas buscam, de certa forma, tudo o que é sensacional e espetacular a partir da sua percepção, intensificando a dramatização através de suas imagens, o que aumenta a importância do ocorrido.

Neste trabalho, também compreendemos o jornalismo como uma forma de conhecimento, conforme apresentado por Park (2008), estando situado entre o senso comum e o conhecimento científico. Mais do que isso, nos aproximamos da visão de Meditsch (1997), que defende o jornalismo como uma forma de produção de conhecimento, tanto reproduzindo saberes quanto os degradando, podendo fazer isso simultaneamente. No que, também, vemos a televisão como um instrumento pedagógico (VIZEU, 2009).

O jornalismo produz e reproduz o conhecimento de uma forma mais simples, para que seja compreendido pela audiência de diferentes níveis escolares e na velocidade que a notícia é transmitida. Um conhecimento denso como o de pesquisas científicas não caberia no tempo do rádio e da televisão sem a síntese; claro que não possuirá o mesmo aprofundamento, mas dará os princípios para que a informação seja acessível a todos.

[...] Primeiro, que a televisão, enquanto mídia de informação, é um instrumento (entre outros) de funcionamento da democracia. Independentemente do que se pense, a televisão comunica fatos e eventos do mundo, circula explicações sobre o que é preciso pensar desses eventos e permite que isso seja debatido. Como tal, a televisão mantém um espaço cidadão de discussão, sem o qual não há democracia razoável, e ela não pode ser taxada, como se dizia em uma certa época, de “ópio do povo” [...]. (CHARAUDEAU, 2016, p. 15).

Assim, encerramos este subcapítulo compreendendo a relevância dos estudos de televisão para que a programação ofereça aos telespectadores conteúdos que favoreçam seu entendimento e o estimulem a debater sobre a sociedade. Ademais, apreender a importância de informar sobre fatos e entreter.

2.1.1 *TV Mulher*

O *TV Mulher*⁸ é considerado um marco na televisão brasileira por ter apresentado e debatido temas considerados tabus, gerando discussões e protestos no período de redemocratização do Brasil. O programa, que consistia em uma revista feminina eletrônica, acompanhou as transformações da época, dando voz às demandas dos direitos das mulheres que eram levantadas em movimentos sociais, por exemplo. Além disso, serviu de referência para o público feminino da época, que passou a adquirir protagonismo social e se informar através de seus conteúdos. Também foi a primeira vez que a *Rede Globo* dedicou suas manhãs a esse nicho, que, inicialmente, correspondeu em pontos na audiência (LUZ, 1988).

[...] A TV Globo preencheu o vazio cultural e político da população brasileira nos momentos em que as manifestações eram reprimidas com uma programação moderna, típica de realidades urbanas. Era o novo; novos padrões de comportamento, de consumo, de lazer, dentre outros. Mais tarde a novidade é o teor de contestação de diversos segmentos sociais permeando várias falas dos personagens “globais”. (LUZ, 1988, p.180).

A relevância do programa, apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias, também resultou na criação de versões locais em algumas capitais brasileiras. É o caso de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em que foi apresentado por Balala Campos e José Paulo Bisol, mais tarde substituídos por Maria do Carmo Bueno (ZERO HORA, 2016).

Acredita-se que a revista *Você, Mulher*, da década de 1970, publicada pela *Rio Gráfica Editora*, da família Marinho, funcionou como laboratório para experiências televisivas como a série *Malu Mulher*⁹ e o próprio programa *TV Mulher*. Esta foi a primeira revista feminina especializada na mulher solteira emancipada, concentrando-se no comportamento, principalmente ao mercado de trabalho não doméstico, diferente de outras edições do mesmo segmento, que se dedicavam ao vestuário e a receitas (LIMA, 2003). Tanto a série quanto o programa são lembrados

⁸ O site *Memória Globo* é um reservatório de informações sobre os programas exibidos na *Rede Globo*, dispondo de informações detalhadas sobre o *TV Mulher* original, pontuando inclusive as datas de suas principais mudanças. Cf. *Memória Globo* (s.d.) a-c.

⁹ A série apresentada de 24 de maio de 1979 a 22 de dezembro de 1980 representava a emancipação feminina através dos empasses vividos pela personagem Malu, interpretada por Regina Duarte, que era uma socióloga, divorciada e mãe de uma menina de 12 anos. Em decorrência de seu sucesso, também foi lançado o especial musical *Mulher 80* que falava do papel das mulheres na Música Popular Brasileira (MEMÓRIA GLOBO, s.d.) a.

como a abertura da televisão brasileira para os debates sobre a mulher na sociedade. Reforçando a relevância das revistas femininas em “[...] apresentarem dados importantes para entendermos os costumes sociais, além de influenciarem esses costumes” (TEMER, 2005, p. 2).

A partir dessa contextualização sobre o período de abertura para discussões sobre o papel da mulher na sociedade, constatamos a importância de nos dedicarmos ao estudo do *TV Mulher* por sua disposição a retratar o comportamento das mulheres nesse período de transição. Também ressaltamos que o *TV Mulher* original foi favorecido por sua redação estar inserida no mesmo espaço da de jornalismo da *Rede Globo*, reforçando seu formato híbrido de informação e entretenimento, o chamado infotainment (GOMES, 2008). Nessa perspectiva, Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005, p.7) também acredita que revistas e programas femininos não devem ser classificados apenas como entretenimento, uma vez “[...] considerando que ela é parte essencial para que a comunicação (e o jornalismo) cumpra a sua função social [...]”.

Na abertura do *remake* do *TV Mulher*, foram apresentados depoimentos de profissionais que fizeram parte da formulação do programa, entre eles estava o criador e diretor Nilton Travesso, cuja ambição era fazer um programa feminino. Sua pretensão era abrir um horário da manhã para falar da mulher que estava se emancipando (*TV MULHER*, 2016; [TRAVESSO]). Ney Gonçalves Dias conta que outra preocupação do diretor era o relacionamento entre a telespectadora e o programa (*TV MULHER*, 2016, [DIAS]). Rose Nogueira, roteirista de 1980, afirma que o nome *TV Mulher* era para ser, literalmente, uma televisão dentro da televisão, ou seja, apresentar o mundo através de uma ótica feminina (*TV MULHER*, 2016, [NOGUEIRA]).

O programa tinha como público-alvo as donas de casa, característica percebida em seu cenário, que reproduzia uma casa. Nesse sentido, havia um relógio na parede (atrás de Marília Gabriela) para que as mulheres não desfocassem de suas tarefas domésticas, o que era congruente a uma narrativa que pudesse ser compreendida sem que a atenção fosse exclusivamente dedicada a sua exibição (CANAL VIVA, [s.d.]a). O *TV Mulher* também explorava assuntos sobre esferas até então consideradas masculinas, como economia e noticiário internacional, além de serem esclarecidas dúvidas sobre o direito das mulheres, sexualidade, etc.

O *TV Mulher* possuía quadros temáticos com especialistas e tinha um espaço dedicado a entrevistas com personalidades da época, o Ponto de Encontro, e rerepresentava novelas da *Rede Globo*. Essa característica de reprisar conteúdos pode ser interpretada como um experimento da tendência, explorada em programas como o *Vale a Pena Ver de Novo* (espaço para a exibição de novelas antigas), *Vídeo Show* (programa que relembra atrações) e, mais recentemente, pelo *Viva*, do mesmo grupo, que tem como estratégia fortalecer a mídia tradicional reativando telespectadores antigos (BRITES, 2017b).

Durante o período de sua exibição, de 7 de abril de 1980 a 27 de junho de 1986, o programa passou por modificações, como trocas de horários, quadros, cenários e até mesmo de apresentadores. Em 1982, foi reformulado e começou a contar com uma plateia com 30 mulheres, que opinavam sobre os assuntos abordados. Em 1984, Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias foram substituídos por Ester Góes e César Filho, posto que, em janeiro de 1986, foi ocupado por Amália Rocha. Depois disso, em junho do mesmo ano, o programa entrou em férias e não voltou mais ao ar (GLOBO, 2003).

Outro momento marcante do *TV Mulher* foi quando o quadro Comportamento Sexual, de Marta Suplicy, foi censurado por tratar de temas como a homossexualidade (CANAL VIVA, 2016). Também de acordo com o site do *Canal Viva*, o *TV Mulher* teve uma versão italiana, o *TV Donna*, na *Telemontecarlo*, e, em 1993, a *Rede Globo* considerou exibir, novamente, o programa com um viés mais jornalístico, mas o projeto não foi levado adiante.

O *TV Mulher* também foi o primeiro programa a voltar a ser exibido após três décadas. A nova edição foi ao ar através do *Viva*, canal pago especializado em *remakes* e reapresentações de atrações da *Rede Globo*. A proposta veio em forma de série, em dez episódios semanais de 31 de maio a 2 de agosto de 2016, toda a terça-feira à noite.

Outro elemento percebido na narrativa dramatúrgica do *TV Mulher* é o fato de temas abordados em uma edição voltarem no programa seguinte com novas abordagens. Explicando melhor: a narrativa é organizada para ser exibida em forma de série. Cada episódio tem começo, meio e fim. E pode ser assistido isoladamente. Os episódios, apesar de abordarem temas diferentes, tem em comum a narrativa da apresentadora que faz a interligação entre as várias partes (programa em si) e o seu conjunto (a temporada toda). (PORCELLO; BRITES, 2017, p. 220-221).

O conteúdo trouxe inúmeras referências ao original, sendo a principal delas a presença de Marília Gabriela. A trilha de abertura “Cor de Rosa Choque”, composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho especialmente para a versão original, volta com a voz de Tulipa Ruiz e Arnaldo Antunes, dessa vez em um ritmo mais acelerado. Os quadros são basicamente os mesmos, assim como a construção do cenário.

A proposta da nova versão é “[...] abordar a agenda feminina sob uma nova perspectiva, com assuntos que não saíram da pauta, mesmo após 30 anos” (CANAL VIVA, [s.d.]b). A linguagem é igual à utilizada em 1983, quando Marília Gabriela passa a circular entre os quadros como um elo entre os assuntos que estavam mais voltados para as mulheres na faixa dos 40 anos (GLOBO, 2003). Ao longo das edições do novo *TV Mulher*, são exibidos trechos do original, que, de alguma forma, remetem ao tema central do episódio, estimulando o regate de memória e a emoção que essas declarações despertam.

Alguns fatores sobre a volta do *TV Mulher* em comparação com sua primeira versão indicam barreiras que o programa original não ultrapassou, como o fato de Marília Gabriela ser a apresentadora principal, apesar de ser Ney Gonçalves Dias quem detinha o poder de fala para explicar notícias e leis, simbolizando as relações de poder e gênero apresentadas por Joan Scott (1995). Com o retorno do *TV Mulher*, Marília comanda o programa sozinha, reforçando a ideia de que, em 2016, a mulher alcançou protagonismo no mercado de trabalho.

A volta do programa *TV Mulher* em 2016 coincide com o contexto histórico em que surgiu em 1980: um momento de posicionamento feminino, em que a luta social das mulheres necessitava de um espaço de discussão na mídia. Na contemporaneidade, as mulheres têm feito uso das redes sociais para externar questões de assédio e machismo, além de se reunirem em grupos virtuais em busca de sororidade¹⁰. O mesmo, há 30 anos, era vivenciado através dos Movimentos de Mulheres.

[...] depois de um ano eu estava tão desinibida, vocês lembram da outra festa? Que foi a primeira grande multa da *TV Mulher* por causa de uma palavra inadequada que a censura achou inadequada, mas hoje estamos aqui fazendo dois anos, né, e são dois anos, foram de muita pressão algumas horas. Pressão de dar vontade de ir para casa e esquecer isso e tal. Agora, ao mesmo tempo, foram dois anos tão gratificantes para mim

¹⁰ Termo que denota a aliança entre mulheres baseada na empatia e no companheirismo.

como pessoa, tão gratificantes, eu aprendi tanto e foi tão bom tudo isso. Também pela contribuição social e educacional que este programa vem tendo. (*TV MULHER 1982* [Suplicy]).

Além disso, a instabilidade política dos últimos anos também é semelhante a do momento em que o programa era exibido originalmente. De acordo com Inez Pereira da Luz (1988), o programa chegou ao fim em 1986 por não acompanhar as discussões das mulheres em seus últimos anos, perdendo sua relevância para os telespectadores, não sustentando a liderança da audiência.

No editorial de abertura da nova versão, Marília Gabriela dirige uma carta à Elis Regina, pontuando as principais mudanças no país que refletiram na vida das mulheres, como se atualizando a cantora sobre as transformações nos últimos 30 anos. O novo *TV Mulher* utiliza o acionamento de memória, através de referências antigas, para despertar sentimentos e identificação do público (BRITES, 2017a). Dessa forma, o programa também se constitui em um lugar de reflexão sobre os avanços do papel da mulher na sociedade em decorrência de suas conquistas e lutas. Nesse sentido, destaca o que melhorou na vida das mulheres e o que ainda precisa ser debatido. Além de que as duas versões se diferem pela mediação, visto que, de 1980 para 2016, o *TV Mulher* perdeu sua postura educativa (PORCELLO *et al.*, 2016).

Mais do que ampliar a visão feminina sobre seu lugar na sociedade, o *TV Mulher* de 1980 oferecia soluções práticas para melhorar a vida dessas mulheres, seja através da atuação jurídica, na qual advogados parceiros do programa ofereciam consultas gratuitas, até a criação de creches em bairros populares a partir da solicitação de telespectadores por meio de cartas. Em 1982, por exemplo, a prefeitura de São Paulo, por intermédio do prefeito Reynaldo de Barros, inaugurou a Creche *TV Mulher* do Jardim Damasceno em homenagem ao programa (*TV MULHER*, 1982).

Escolhemos o *TV Mulher* como objeto desta pesquisa a partir da compreensão de sua importância na memória da televisão brasileira como um arquivo sobre a sociedade em duas épocas separadas por três décadas e devido ao fato de trazer elementos relevantes sobre o uso da memória televisiva em conteúdos contemporâneos. Acentuamos que o *corpus* desta pesquisa não está disponível *online* em plataforma pública de forma integral, tendo sido captado durante sua

exibição¹¹ e os outros programas que fazem parte do *corpus* foram enviados pela *Globo Universidade* especialmente para esta pesquisa.

Optamos por analisar quatro programas, três de 1980 e um de 2016 a fim de compararmos as temáticas que prevaleceram nos 36 anos que separam uma versão da outra. Selecionamos como objeto empírico o primeiro episódio da nova fase do *TV Mulher*, apresentado no dia 31 de maio de 2016, por entendermos que contempla o principal momento do programa, com uma síntese do que foi o original e a proposta editorial da nova atração.

2.2 MEMÓRIA

Propomos discutir sobre os principais elementos de resgate de memória sem perder de vista o jornalismo e, assim, aprofundar a investigação sobre a construção da memória em relação à representação feminina, além de seu uso para criar lembranças no presente e/ou reconstruir o passado. Como diz Nora (1993, p. 9), a memória “[...] está em permanente evolução, [...] vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações [...]”. Ademais, é uma representação do passado criada através de lembranças, que podem ser vagas, simbólicas, particulares. A memória também pode ser representada por versões da imprensa, de forma que registros sobre determinado presente passam a ser a memória desses acontecimentos. Sendo assim, as imagens televisivas, os textos de jornais e os registros radiofônicos podem ser pensados como um lugar de memória por terem a razão de parar o tempo, bloqueando o esquecimento sobre os acontecimentos (NORA, 1993).

Começamos com uma provocação despertada a partir de estudos de pesquisadoras do grupo Comunicação, Cidade e Memória, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), de Minas Gerais. Christina Ferraz Musse e Claudia Thomé questionam sobre qual é a primeira memória que vem à cabeça quando falamos sobre os atentados do dia 11 de setembro, que provavelmente, consistirá em uma cena exibida na televisão. De acordo com as autoras, “[...] muito da nossa memória sobre as últimas cinco décadas é construída pelos sons e imagens veiculados [...]” (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 82).

¹¹ Assinantes do *Canal Viva* podem ter acesso aos episódios do *remake* através do *GloboPlay* por tempo determinado pela emissora.

Ou seja, a televisão seleciona o que deve ser lembrado e esquecido ao retomar momentos históricos. É nesse sentido que elas consideram a imprensa como um “lugar da memória” (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 67), também definindo o que deve ser lembrado a partir da percepção de seus profissionais sobre o passado e de suas intenções ao retomá-lo, podendo, até mesmo, reconstruí-lo.

O conceito “lugar de memória”, de Pierre Nora (1933), lembra que, para ser um lugar de memória, é preciso ter efeito nos “[...] três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional [...]” (NORA, 1993, p. 21), como museus, igrejas, estátuas, etc. Diferente da história, a memória não se delimita a acontecimentos, mas em lugares, enraizando-se no que é concreto:

[...] Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22).

Ao pensarmos a televisão como um lugar de memória, através dos estudos de Nora (1993) e de Musse e Thomé (2016), passamos a refletir sobre a evocação de imagens antigas em narrativas televisuais. Nesse sentido, recorreremos ao conceito de memória elaborado por Ivan Izquierdo:

Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só *lembramos* aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (IZQUIERDO, 2006, p. 9, grifos do autor).

Conforme o autor, somos aquilo que recordamos, da mesma forma que somos e vivemos através de narrativas, como afirma Motta (2013). Só fazemos aquilo que está em nossa memória, do contrário, não conseguiríamos sequer nos comunicar. Através da lembrança, também selecionamos aquilo que queremos “esquecer”. Uma vez que não é possível, realmente, esquecer, nosso cérebro se esforça para tornar difícil o acesso a essas “más lembranças” (IZQUIERDO, 2006).

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro;

isto é, nos dizem quem poderemos ser. O passado detém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando o efêmero presente em que vivemos, rumo ao futuro. [...]. (IZQUIERDO, 2006, p. 9).

Nossas memórias determinam nossa personalidade e o que podemos fazer. Cada um tem um acervo de memórias e uma percepção única sobre determinada lembrança, mesmo que seja sobre o mesmo fato, pois isto é uma questão individual. Nesse sentido, podemos imaginar a televisão com uma memória própria: ela pode ativar o que será lembrado e o que será esquecido (mesmo que não seja, efetivamente, possível esquecer). Da mesma forma que as pessoas, a TV também tem uma percepção única sobre determinado acontecimento, que não, necessariamente, é a mesma de outra pessoa ou emissora que tenha passado pela mesma experiência.

Izquierdo (2006) também nos apresenta o conceito de uma memória específica, que, por suas características, é, particularmente, relevante a esta pesquisa. Chamada de *Priming*, essa memória é adquirida e evocada por meio de “dicas”, podendo ser fragmentos de imagens, sons e personagens, como os que analisaremos no *TV Mulher*.

Pollak (1992) também pontua que a memória não é apenas constituída por elementos vividos pessoalmente, podendo ser apresentada por acontecimentos “vividos por tabela”. Isto é, os que são vividos pela coletividade, o que explica uma audiência jovem ter interesse por conteúdos que foram exibidos anos antes de seu nascimento.

Outra constatação: mesmo sem ter vivido na época da Ditadura Militar brasileira iniciada em 1964, as novas gerações revivem aquele período obscuro pelos relatos da imprensa ou depoimentos de familiares. A memória é reconstruída por essa coletividade. Também é possível que ocorra “[...] um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.” (POLLAK, 1992, p. 201). Nesse sentido, Bressan (2017) entende que a televisão funciona como um objeto de evocação da memória, não sendo apenas relacionado à memória afetiva. O autor propõe o conceito de memória tele-afetiva por acreditar que a experiência televisiva é única, também sendo um “[...] lugar de arquivo para acionar memórias” (BRESSAN, 2017, p. 172).

Marialva Barbosa (1995) afirma que os jornalistas são “senhores da

memória” da sociedade por construírem uma realidade para o futuro através de seus conteúdos, que, mais tarde, serão utilizados como documentos. Além disso, a autora afirma que esses profissionais não só constroem o presente, como também o constituem. Assim, “Ser senhor da memória e do esquecimento é, na verdade, ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro próximo ou distante.” (BARBOSA, 1995, p. 99). A autora também ressalta outro fator da atividade jornalística no que se refere à seleção de informações, estabelecendo o que deve ser notícia ou ser esquecido: “[...] o jornal está realizando uma seletiva reconstrução do presente e construindo, hoje, a história desse presente” (BARBOSA, 1995, p. 99). Desse modo, também seguimos a percepção de Patrick Charaudeau (2013) sobre o poder da imagem através da evocação:

Mas a imagem produz igualmente um efeito de *evocação*. Ela desperta, em nossa memória pessoal e coletiva, lembranças de experiências passadas sob a forma de outras imagens [...]. Esse poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história individual ou coletiva. (CHARAUDEAU, 2013, p. 255, grifo do autor).

A narrativa do *TV Mulher* consiste no encadeamento da memória e da emoção de forma explícita ou implícita para produzir sentidos na nova versão. Sobre as ocorrências de emoção, podemos destacar a carta direcionada a Elis Regina, em que Marília Gabriela, aparentemente, se emociona, até mesmo embargando a voz e enchendo os olhos de lágrimas. A emoção está condicionada à memória durante o programa, sendo despertada através de recordações e de trechos da versão original. Essa postura difere do *TV Mulher* de 1980, quando sua presença é mais discreta, estando condicionada ao contexto de luta das mulheres e à abertura para discutir sobre tema de seus interesses, até então ignorados pela grande mídia.

A trilha sonora, a construção dos quadros e, principalmente, a presença de Marília Gabriela como apresentadora do programa favorecem um ambiente que aciona memórias e emoções por remeter diretamente à versão de 1980. As telespectadoras que assistem o *TV Mulher* pela segunda vez são mais impactadas com essas características porque resgatam suas próprias memórias sobre o período.

Através desse panorama teórico, compreendemos que a televisão, em especial por conter imagens, adquiriu um lugar de referência (VIZEU, 2009) para

mostrar o passado, mesmo este sendo uma construção através dos interesses do programa em que é exibido. Reprisar programas antigos ou recriar conteúdos em cima deles faz com que memórias e lembranças sejam revitalizadas através desses novos estímulos. Assim, a televisão passa a operar como um lugar de memória, que registra os acontecimentos, e, também, como editor dessas recordações, ficando no seu poder o controle do que deve ser lembrado e esquecido na sociedade.

No caso do *TV Mulher*, buscaremos identificar como é construída a representação feminina em 1980 quando o programa foi criado para discutir as questões das mulheres da época e em 2016, quando ele retorna ao ar com a proposta de atualizar a agenda feminina. Na reapresentação, o *TV Mulher* faz uso de referências do passado, favorecendo-se da socialização despertada pela emoção.

2.3 REPRESENTAÇÃO FEMININA

As mulheres foram submetidas a uma condição de inferioridade em reflexo dos padrões patriarcais vividos até o século XX (AVELAR, 2001). Apesar do fim desses padrões, a sociedade brasileira segue a reproduzindo, o que se resume em os homens deterem o poder, predominando na ocupação de funções de liderança, cargos políticos e usufruindo de privilégios sociais. Com o decorrer dos anos, as mulheres passaram a adquirir novos espaços, deixando para trás o estereótipo criado pela própria legislação como elas sendo incapazes, quando eram representadas pelo pai ou pelo marido. Também foi superada, em certa medida, a objetivação dessas mulheres, uma vez que o próprio Código Civil previa a possibilidade de anulação do casamento caso o marido fosse enganado sobre a virgindade delas antes do matrimônio (BASSANEZI, 2000).

Gilles Lipovetsky (2000) apresenta a mulher em fases para compreendermos suas alterações de papéis, a primeira sendo desprezada e a segunda idealizada pelo homem, ambas sendo subordinadas a ele e ao que ele queria que ela fosse. Por fim, o autor classifica a terceira mulher, o que identificamos como sendo a mulher da contemporaneidade, que tem direito ao voto, estuda e trabalha, tem liberdade sexual, etc. O autor ressalta que a terceira mulher é uma autocriação feminina. Porém, as mulheres seguem sofrendo com o estereótipo de que a mulher

deve casar, ter filhos e exercer atividades subalternas.

Nesta pesquisa, partimos do entendimento de Simone de Beauvoir (2009) sobre não se nascer mulher, mas sim tornar-se mulher. De acordo com a autora, o ser masculino ou feminino é uma criação social, em que atividades são condicionadas a um sexo ou outro. Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1991, p. 55) dizem que “[...] Aprendemos a ser homens e mulheres e aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos”. Nesse sentido, a mulher possuiria aptidão para dotes domésticos e natureza emocional, enquanto o homem seria destinado ao trabalho fora de casa e à racionalidade, inferiorizando um dos sexos.

[...] os teóricos da discriminação de sexo apelam para a “natureza” da mulher para justificar sua posição social subalterna. Sendo ela, “por natureza”, um ser frágil e dependente, legitima-se a assimetria sexual. Este reducionismo biológico camufla as raízes da opressão da mulher, que é fruto na verdade de relações *sociais*, e não de uma natureza imutável. O novo debate feminista demonstra que a hierarquia sexual não é uma fatalidade biológica e sim o fruto de um processo histórico e, como tal, pode ser combatida e superada. Sendo *História*, e não *natureza*, é passível de transformação. (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 56, grifos das autoras).

Ainda de acordo com as autoras, a luta feminista existe no sentido de denunciar os conceitos de masculino e feminino que determinam um gênero sendo inferior ou superior ao outro. Essa hierarquia é uma construção ideológica e não apenas uma diferenciação biológica que implicaria em desigualdade; essa ideologia é “[...] transmitida, desde muito cedo, pela família, escola, meios de comunicação, religião, literatura e outros agentes socializadores” (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 63).

É a partir desses estereótipos que passamos a refletir sobre a representação feminina. Para isso, Joan Scott (1995) provoca sobre a conceituação de gênero para compreendermos essa relação de poder, em que as diferenças são transformadas em desigualdades. Assim, a autora afirma que o “[...] ‘gênero’ tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.” (SCOTT, 1995, p. 75).

Essas relações de gênero são reproduzidas, inclusive, em produções jornalísticas, como o próprio *TV Mulher*, que, em 1980, representava-as através de Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias: o homem possuía poder de falar, o conhecimento para esclarecer e interpretar questões sobre direito, economia, etc. A

apresentadora, a seu turno, simbolizava a voz feminina que começava a adquirir espaço. Essa dinâmica é visível quando, por exemplo, Marília Gabriela abria o programa com as principais notícias – que depois seriam explicadas por Ney Gonçalves Dias – e quando entrevistava personalidades do quadro Ponto de Encontro. Como afirma Márcia Veiga (2010), o próprio jornalismo é constituído por gênero, no que também está condicionado às concepções de gênero, subjetividades e visões de mundo de seus profissionais.

De acordo com Alves e Pitanguy (1991), o movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido. Deste modo, resistindo às agressões físicas, no caso de estupro e assassinatos, e em situações em que a mulher é tratada como um objeto desvalorizado. Neste sentido, podemos nos lembrar das propagandas de cervejas, que, em sua maioria e recentemente, deixou de objetivar as mulheres com trajes sensuais a serviço dos homens para as retratarem como consumidoras da bebida. Aproximando o assunto do que é aqui tratado, destacam-se os programas de auditório, que se utilizavam das mulheres como atrativos sensuais, a exemplo, Chacrinha e suas chacetes, Domingão do Faustão e etc.

O movimento também se dispõe a reivindicar o direito da mulher sobre sua sexualidade, desvinculando o sexo da função biológica da reprodução. Dessa forma, defende o direito de se ter filhos como uma opção consciente da maternidade, além do de se informar sobre a contracepção. Entre outras bandeiras, o movimento feminista também defende a igualdade de gênero, em que homens e mulheres possam ter os mesmos direitos, remunerações e funções, usufruindo das mesmas oportunidades, tanto no acesso ao trabalho quanto em sua ascensão e aprimoramento no mercado de trabalho. Além disso, busca a superação da jornada dupla, para que seja possível a divisão das tarefas domésticas e que sejam criadas creches e leis que facilitem o equilíbrio, como a licença maternidade (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 63).

O movimento feminista visa a demonstrar como essa diferenciação de papéis é reforçada na sociedade, em que a mulher é sempre passiva e o homem ativo, assim como o estado também exerce poder (masculino) sobre a mulher (propriedade). No caso do Brasil, ainda vivemos em uma sociedade em que essa hierarquia se faz presente, visto que o aborto é criminalizado, podendo levar até três

anos de prisão, de acordo com o artigo 124 do Código Penal. Em 2017, uma estudante de direito, com 30 anos, teve seu pedido de aborto negado pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A justificativa da requerente para o pedido era a falta de condições para criar um terceiro filho. A mulher conseguiu realizar o procedimento de forma legal na Colômbia (REVISTA EXAME, 2017).

De acordo com o Anuário de Segurança pública de 2017 referente a dados de 2016, houve 49.497 ocorrências de estupro (crescimento de 3,5%) e 4.606 casos de homicídio de mulheres, que corresponde a uma mulher assassinada a cada duas horas. A pesquisa ainda ressalta que apenas 621 desses casos foram classificados como feminicídios, sendo o baixo número explicado por se tratar do primeiro ano de implementação da Lei 13.104 referente a esse crime.

Apesar desses dados negativos, as mulheres têm se mostrado engajadas em manifestações virtuais como o uso da *hashtag* Meu Primeiro Assédio, lançada pela ONG feminista *Think Olga*, no dia 21 de outubro de 2015, depois de uma participante de 12 anos do *MasterChef Junior*, da *TV Bandeirantes*, ser alvo de comentários pedófilos. A *#meuprimeiroassédio* foi replicada 82 mil vezes até a meia-noite do domingo seguinte, dia 25 de outubro de 2015, entre *tweets* e *retweets*, dos quais 3.111 histórias compartilhadas no Twitter foram analisadas. O resultado apontou que a idade média do primeiro assédio é de 9,7 anos, sendo 65% deles praticados por conhecidos da vítima.

Lembrando que, em 2014, foi criada a *hashtag* “Eu não mereço ser estuprada” em manifestação ao resultado da pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostrando que 58,5% dos entrevistados concorda totalmente ou parcialmente que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. Nesse mesmo sentido, recordamos a vítima de 16 anos violentada por, pelo menos, 30 homens, no Rio de Janeiro, em 2016. O caso impactou parte da sociedade e foi assunto no *TV Mulher* de 2016, que, mesmo já tendo seu episódio da semana gravado, introduziu uma entrevista com Cármen Lúcia, presidente do Supremo Tribunal Federal, devido à relevância de sua abordagem. O jornal Extra publicou a “Carta do EXTRA aos leitores que não viram um estupro no estupro” (JORNAL EXTRA, 2016) em razão dos comentários de leitores que culpavam a vítima pelo crime. Fatos como esses acentuam a importância dos movimentos feministas para que sejam discutidos os direitos da

mulher brasileira, que ainda sofre com a violência e a desigualdade de gênero.

Enfatizamos que as mulheres, se assim quiserem, devem atuar em atividades domésticas ou em cargos políticos, por exemplo, mas o que queremos é intensificar que a mulher pode ocupar qualquer atividade, não podendo ser limitada ou discriminada pelo seu gênero. O discurso da maioria das revistas e programas dedicados ao público feminino da televisão aberta reforça que as mulheres se interessam por assuntos como dicas de moda, fofoca de celebridades e receitas, ficando para os homens os assuntos mais densos, como política e economia. Reproduzindo, dessa forma, estereótipos herdados da cultura patriarcal. Assim, ou a mulher é dona de casa, ou ela é um objeto de apreciação dos homens em programas de auditório.

Trata-se da mulher que mantém a casa, não como provedora de recursos, mais como “compradora” de tudo, ou quase tudo, que a família necessita: um alvo propício para todos os tipos de *merchandising* que permeiam o conteúdo do programa. Embora o tema da mulher que trabalha, que é auto-suficiente financeiramente esteja sempre presente no discurso, essa condição é tratada como uma exceção, ou pelo menos como uma tendência para o futuro. (TEMER, 2005, p. 13).

De acordo com Rosa Maria Bueno Fischer (2002), a mídia, em especial a televisão, estabelece sujeitos e subjetividades pois produz imagens e significações. Por se tratar de um lugar de referência para a sociedade, ao mostrar comportamentos, a televisão tem o poder de reproduzir estereótipos e desigualdades, ou de educar para uma sociedade mais igualitária. A autora ainda ressalta que a televisão é

[...] parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (FISCHER, 2002, p. 154).

Na televisão aberta, temos o caso do programa *Amor e Sexo*, transmitido pela *Rede Globo*, de Fernanda Lima, que aborda determinadas pautas que tiram os telespectadores da zona de conforto. Dessa maneira, muitas vezes, é alvo de críticas por parte dos mais conservadores, que não toleram discussões sobre sexualidade e diversidade de gênero. Por outro lado, essa repulsa dos telespectadores pode ser uma das razões pelas quais a televisão não impõe esses temas em seus programas, em outras palavras, para não afastar a audiência.

A importância do estudo sobre a representação feminina na televisão não se limita ao abordado em programas jornalísticos. Também é importante ressaltar as desigualdades reforçadas em propagandas e na teledramaturgia:

[...] ora, por exemplo, a mulher negra é incluída, por ser reconhecida como alvo do mercado (é assim que uma mulher negra de seus 30 anos pode aparecer num comercial do desodorante 'Dove'), ora é fixada no seu papel de subalterna nos repetidos papéis das atrizes negras em telenovelas; ora a mulher de seus 40 ou 50 anos, de classe média, aparece na sua possível e necessária juventude e autonomia profissional, cobrindo-se de cremes perfumados da 'Natura', ora oferece-se como plenamente submissa servindo, ao marido que chega do trabalho, o verdadeiro 'amor' do tempero 'Sazon', devidamente acompanhada da empregada doméstica. [...]. (FISCHER, 2002, p. 159).

Apesar de algumas iniciativas de mudança, uma vez que percebemos a tendência em abordar o tema, a televisão aberta brasileira continua reproduzindo desigualdades de forma que oferece os estereótipos esperados por sua audiência em razão de esses comportamentos estarem enraizados na cultura brasileira. Dessa forma, a representação feminina na televisão, principalmente aberta, tem um percurso longo pela frente para que as mulheres se identifiquem com o que é mostrado na tela na televisão.

Através desse breve resgate teórico sobre os papéis da mulher na sociedade e da reflexão sobre a televisão como reprodutora de estereótipos, utilizamos essa bibliografia como aporte para analisarmos questões de representação feminina encontradas no objeto de pesquisa.

3 QUADRO METODOLÓGICO

Ao desenvolver um trabalho acadêmico de conclusão de curso, como esta dissertação, é comum os discentes se questionarem sobre qual metodologia adotar de acordo com as limitações e necessidades do objeto e do problema pesquisados. Com isso, optamos por descrever os nossos passos metodológicos antes mesmo de definirmos a metodologia escolhida para a nossa investigação a fim de mostrar o caminho percorrido de forma que facilite o percurso de novos pesquisadores que venham a ler este trabalho.

Como dito anteriormente, o interesse neste estudo emergiu de uma curiosidade sobre como eram os conteúdos especializados para o público feminino e de que forma eles contribuía para a ascensão da mulher na sociedade naquela época. Primeiramente, explorou-se o que havia de material disponível sobre o TV Mulher de 1980, no que foram encontrados fragmentos desses programas no site *Memória Globo* e no *YouTube*. Além disso, foi feito contato com a *Rede Globo*, em 2015, através da *Globo Universidade*, para solicitar acesso a uma amostragem mais abrangente.

No primeiro momento, debruçamo-nos em uma pesquisa bibliográfica sobre três assuntos principais: *TV Mulher*, televisão e memória. A partir do conhecimento construído, identificamos lacunas na literatura sobre esses assuntos, o que ampliou nossa curiosidade sobre o objeto de estudo, possibilitando relacioná-lo com teorias. Além disso, passamos a desenvolver o estado da arte, o que nos apontou estudos aproximados com o que estávamos buscando.

Durante o primeiro ano de mestrado, foi lançado, pelo *Canal Viva*, da *GloboSat*, o *remake* do *TV Mulher*, exibido em 10 episódios de maio a agosto de 2016. A exibição destes novos programas gerou mudanças significativas no projeto de pesquisa original, que se voltou, especialmente, à nova versão, visto que esta apresentava uma amostragem mais consistente do que o de 1980, cuja falta de um programa na íntegra impossibilitava entender o universo do objeto. Então, contratamos uma equipe de *clippagem*, que coletou os dez episódios exibidos que fazem parte do acervo da presente pesquisa. Sem ignorar os fragmentos do programa original e os relacionando com a nova versão, foi possível elaborar um projeto de pesquisa submetido à banca de qualificação em junho de 2017.

Uma semana antes da apresentação do projeto, a *Globo Universidade* encaminhou dois DVDs com conteúdos do *TV Mulher* de 1980, contendo dois programas praticamente inteiros de 9 de março de 1981 (com 41 minutos e 33 segundos) e de 2 de abril de 1982 (com 1 hora, 2 minutos e 37 segundos). Também foi enviado parte do primeiro programa exibido do *TV Mulher* em 7 de abril de 1980 (com 18 minutos e 3 segundos) e uma entrevista com Raul Seixas, do quadro Ponto de Encontro (com 13 minutos e 41 segundos). Com essa nova possibilidade de objeto de estudo e a formulação do *corpus*, junto com a banca, concluiu-se que, com o acesso a esse material, mesmo com a pesquisa avançada sobre o *remake*, seria mais relevante analisar o programa original, que, agora, continha uma amostra suficiente para o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, não mais olhando somente os fragmentos de 1980 usados no *remake*, mas propondo uma comparação entre as duas versões separadas por três décadas.

Assim, nossa curiosidade passou a ser sobre quais conteúdos permaneceram em pauta após três décadas e qual a necessidade de rerepresentar um programa como este. Mais do que essas perguntas iniciais, passamos a problematizar sobre de que forma o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina no passado e agora.

Com o nosso objeto de pesquisa determinado e inicialmente explorado, encontramos no livro “O que pesquisar quer dizer – Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES”, de Juremir Machado da Silva, caminhos para iniciarmos a pesquisa sem, necessariamente, fecharmos o olhar para um método. No decorrer deste percurso, percebemos que a Análise de Conteúdo propunha um caminho semelhante ao que já estávamos fazendo de acordo com a necessidade do objeto e passamos a adotar as formas de organização e compreensão propostas por Laurence Bardin (2016), que se mostrou um método perfeitamente aplicável.

Ao aprofundarmos os estudos sobre Análise de Conteúdo, compreendemos que se trata de um método empírico que estabelece regras de organização e interpretação a partir de um objetivo. De acordo com Laurence Bardin (2016, p. 37, grifos da autora) trata-se de “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações.”. A análise de conteúdo consiste em um único instrumento disposto de inúmeras possibilidades de análise, sendo um método aberto, podendo ser adaptado conforme a necessidade do objeto a ser investigado e dos objetivos

propostos.

O primeiro passo da análise é chamado de descrição analítica, na qual optamos pela análise dos “significados”, e não dos “significantes”, que obedece a procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens (BARDIN, 2016). A autora lista regras que as categorias de fragmentação devem obedecer para que a análise categorial seja válida, apesar de ressaltar que essas regras são raramente aplicáveis. São elas: homogêneas, exaustivas, exclusivas e adequadas ou pertinentes. Também estabelecemos o uso das técnicas temáticas e frequenciais, nas quais identificamos quais temas são tratados nos programas através de palavras que favorecem associações e a frequência com as quais aparecem nos dois momentos do *TV Mulher*.

Na pré-análise, foi feita a organização e o conhecimento do objeto a ser investigado, correspondendo a um período de intuições com o objetivo de tornar “[...] operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.” (BARDIN, 2016, p. 125). A autora acentua que essa fase, normalmente, pretende escolher os documentos a serem analisados, criar as hipóteses e objetivos e elaborar indicadores que fundamentem a interpretação final.

Dessa maneira, a primeira atividade consistiu na leitura flutuante, ou seja, no contato com os documentos e textos analisados a fim de obter impressões e orientações. Para escolher o *corpus*, nos deparamos com algumas regras apresentadas por Bardin (2016): da exaustividade (os elementos do *corpus* que ficarem de fora da pesquisa devem ser justificados no plano do rigor), da representatividade (a amostra deve ser uma parte representativa do universo inicial porque seus resultados serão generalizados), da homogeneidade (os documentos devem obedecer a critérios precisos de escolha) e de pertinência (devem corresponder ao objetivo). Portanto, neste primeiro momento, foram assistidos todos os fragmentos e programas completos coletados dos anos 1980 e de 2016¹².

O segundo passo consistiu na escolha dos documentos que fazem parte do *corpus* submetido aos processos analíticos, sendo selecionados os três programas enviados pela *Globo Universidade* por serem melhores amostras da versão original, possibilitando a compreensão do universo e de continuidade, sem se limitar a

¹² Salientamos que este material não está disponível na internet de forma integral, podendo ser acessado apenas no acervo da presente pesquisa.

fragmentos. Além desses, incluímos a entrevista de Marília Gabriela com Elis Regina no primeiro programa de 1980¹³.

Para a amostra dos programas do *TV Mulher* de 2016, optamos pelo primeiro exibido porque consiste em criar uma linha do tempo entre uma versão e outra, remetendo, constantemente, à memória de forma mais intensa do que nos programas seguintes. Ademais, apresenta, de forma mais clara, o objetivo da criação do *remake*, trazendo depoimentos de pessoas que produziram e que assistiram o programa de 1980. Apesar de selecionarmos edições específicas, levamos em conta os demais fragmentos de 1980 e programas de 2016 como contextualização para compreendermos o universo do nosso objeto ainda que não sejam submetidos à análise.

Dessa forma, entendemos que o *corpus* selecionado contempla as regras apresentadas por Bardin (2016), já que os elementos que não fazem parte do *corpus* são justificados. Além disso, estão de acordo com o objetivo geral da pesquisa, que busca identificar de que forma o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina no passado e no presente. Bardin explica que (2016, p. 128), “[...] objetivo é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados”. A autora também indica que, durante a pré-análise, seja feita a determinação do “[...] recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados.” (BARDIN, 2016, p. 130).

A terceira fase da análise consistiu em formular hipóteses e objetivos. Nossa hipótese foi criada através do conceito de Barbosa (1995, p. 88) sobre os jornalistas serem Senhores da Memória. Através da perspectiva da autora, entendemos que o *TV Mulher*, assim como a televisão, é uma ferramenta que registra e mostra o que deve ser lembrado, tornando-se um acervo da realidade de cada época.

Por consequência, foi desencadeada a formulação do nosso problema de pesquisa, que questiona a importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina no passado e no presente. Nosso objetivo geral, como aludido na introdução, é compreender de que forma o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina. Nossos objetivos específicos, por sua vez, visam a

¹³ Disponível em Mofo TV (2015a, 2015b). parte 1: https://www.youtube.com/watch?v=6ci4h57ji_Q parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=HAHBxfk5uX4>. Acesso em: 12 fev. 2018.

verificar semelhanças e diferenças nas abordagens dos temas explorados pelo *TV Mulher* na década de 1980 e em 2016, refletir sobre o papel social da televisão como influenciadora de comportamentos e costumes na sociedade, compreender de que forma o *TV Mulher* se relaciona com a audiência e investigar elementos que indiquem a importância da televisão como um lugar de memória.

Com esse enfoque, estabelecemos dois grupos de categorias, um para a análise quantitativa e outro para a qualitativa. De acordo com Bardin (2016, p. 61), “Um sistema de categorias é válido se puder ser aplicado com precisão ao conjunto da informação e se for produtivo no plano das inferências”. Além disso, optamos pelo processo de categorização em que se repartem os elementos conforme são encontrados, no procedimento por “caixas” apresentado por Bardin (2016) como “[...] aplicável no caso de a organização do material decorrer diretamente dos funcionamentos teóricos hipotéticos” (BARDIN, 2016, p. 149).

3.1 ANÁLISE DA FREQUÊNCIA TEMÁTICA

Ainda na leitura flutuante, estabelecemos categorias temáticas identificadas tanto nas amostras de 1980 quanto nas de 2016, favorecendo a comparação entre as duas décadas. Com isso, verificamos de que forma esses temas foram tratados, selecionando índices para, assim, podermos afirmar quais foram as principais temáticas que permaneceram após 30 anos e as diferenças e semelhanças em suas abordagens.

Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros. Desde a pré-análise devem ser determinadas as operações de *recorte do texto* em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de *codificação* para o registro dos dados. (BARDIN, 2016, p. 130, grifos da autora).

Na análise quantitativa, nos detivemos em perceber quais temas prevaleceram nos programas selecionados através de sua frequência de aparição. Assim, percebemos que tanto os programas de 1980 quanto os de 2016 abordavam temas relacionados à economia, direito da mulher, maternidade e sexualidade. A repetição desses assuntos nos possibilitou identificar a predominância desses temas, podendo ser considerados as principais pautas de ambos os momentos do *TV Mulher*, apesar de a sexualidade não estar presente no primeiro programa de

1980, o que pode ser explicado por não termos a edição na íntegra. A partir disso, estabelecemos as seguintes categorias:

- a) economia;
- b) maternidade;
- c) sexualidade;
- d) direito da mulher.




Desse modo, transformamos dados brutos do texto em dados representativos, que indicam características do objeto analisado e proporcionam um maior entendimento sobre o programa e os motivos da criação da nova versão. Assim, identificamos a necessidade de analisarmos essas categorias temáticas a fim de compararmos as abordagens dos temas com o intuito de verificarmos as semelhanças e as diferenças de 1980 e 2016, questão que contempla o primeiro objetivo da pesquisa através de uma análise qualitativa.

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA TEMÁTICA

Nas páginas seguintes, mostraremos, através de quadros, o contexto ou os trechos selecionados para a comparação. Na primeira coluna, colocamos a categoria, escolhida através da análise quantitativa; na segunda, o trecho ou contexto selecionado para a análise qualitativa; e, na terceira, colamos *frames*¹⁴ para que fosse possível compreender o universo do programa. Após a exibição dos cinco quadros, um para cada programa analisado, traremos as inferências identificadas a partir da comparação, além de mostrarmos os próximos passos da pesquisa, que consistirá em uma nova análise qualitativa através das teorias estudadas anteriormente.

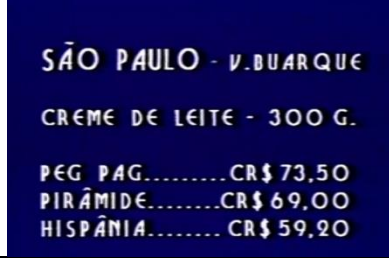

¹⁴ Imagem fixa de um produto audiovisual.

Quadro 1 – Análise temática *TV Mulher* 1980

1980		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
ECONOMIA	Na vinheta, aparecem mulheres vestindo branco, ocupando funções técnicas em uma emissora de TV. Possivelmente, representam a vontade feminina de assumir novos espaços no mercado de trabalho.	
MATERNIDADE	A maternidade foi abordada no programa durante a entrevista de Marília Gabriela com Elis Regina, símbolo de mulher “libertária” daquela década, que problematizava sobre a dificuldade de ser mãe e operária em um país que não oferecia creches: “Porque a gente ainda tem uma grana para ter uma babá ou um bom colégio pra o filho ficar em um período de maior arrocho de horário de trabalho e as “senhouras” que estão ajudando a construir o país não têm nem a creche que a fábrica deveria ter [...]” (TV MULHER, 1980). A cantora também fala sobre ser mãe de uma menina em uma sociedade machista: “[...] O mundo é dos homens, administrado por homens, os empresários são homens, os diretores de TV são homens [...]”.	
DIREITO DA MULHER	Em <i>Direito da Mulher</i> , Ney Gonçalves Dias lia cartas selecionadas de telespectadores solicitando auxílio sobre questões de direito em geral, no que o especialista dava soluções. A primeira carta respondida no programa foi de uma mulher de 31 anos, desquitada e com dois filhos. “Meus vizinhos não aceitam meu estado civil. Eu e meus filhos temos sido hostilizados pelos moradores do prédio, pelas mulheres do prédio. Estou desesperada e não consigo achar outro apartamento porque me exigem certidão de casamento” (TV MULHER, 1980). Em resposta, o apresentador esclarecia que isso era contra a lei: “[...] Quando alguém interfere numa visita em um apartamento, entre visitado e visitante, há um problema de intimidade que é violado, que é o artigo 162 do Código Penal Brasileiro [...]” (TV MULHER, 1980 [Dias]). Outra telespectadora narra episódios em que sofreu preconceito racial: “Sou negra, tenho sido agredida tanto verbalmente quanto também por objetos que atiram a nossa janela e área de serviço. Uma vizinha gritou no corredor que lugar de negra é na cozinha e até o novo zelador tentou me forçar a entrar pela porta de serviço [...] Nossa situação está cada vez mais difícil, quais são as providências legais?” (TV MULHER, 1980, [telespectadora anônima]). Ney Gonçalves Dias explica: “Existe no Brasil uma lei, que é a Lei 1.390, que pune com a pena de três meses a um ano de detenção e com uma multa de 5 a 20 cruzeiros quem comete um crime por preconceito de raça [...]”.	

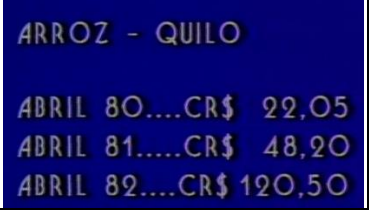

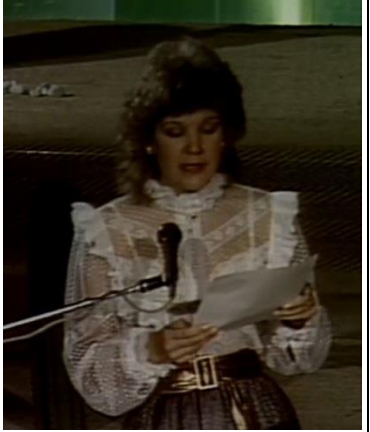
Fonte: elaborado pela autora (2017).


Quadro 2 – Análise temática *TV Mulher* 1981

1981		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
ECONOMIA	Bolsa de Mercadoria era um quadro que se dedicava a listar estabelecimentos, como açougues e mercados, mais baratos, ensinando a mulher a comparar preços.	 <p>SÃO PAULO - V. BUARQUE CREME DE LEITE - 300 G. PEG PAG.....CR\$ 73,50 PIRÂMIDE.....CR\$ 69,00 HISPÂNIA..... CR\$ 59,90</p>
DIREITO DA MULHER	Marília Gabriela inicia o programa com um editorial em que fala sobre o Congresso da Mulher Paulista com o objetivo de discutir o direito das mulheres. Na sequência, Ney Gonçalves Dias explica, detalhadamente, sobre a importância do encontro que reuniu as mulheres: “É evidente que o congresso também não pretendeu resolver num sábado todos os problemas da mulher brasileira, mas é um tipo de manifestação, que coincidindo com o dia Internacional da Mulher, trouxe a baila vários assuntos e valeu porque mesmo antes da realização do congresso esse programa aqui se ocupou durante toda a semana passada, pelo menos em alguns pontos, ao congresso. [...] Olha, se o assunto já ganhou uma repercussão grande no final de semana é porque ele mereceu a atenção daquelas pessoas que fazem jornal para aquelas pessoas que vão ler jornais”.	

Fonte: elaborado pela autora (2017).




Quadro 3 – Análise temática *TV Mulher* 1982



1982		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
ECONOMIA	Marília Gabriela faz comparação dos preços dos produtos mais consumidos no dia a dia nos anos 1980, 1981 e 1982.	 <p>ARROZ - QUILO</p> <p>ABRIL 80....CR\$ 22,05</p> <p>ABRIL 81.....CR\$ 48,90</p> <p>ABRIL 82....CR\$ 120,50</p>
DIREITO DA MULHER	<p>Ney Gonçalves Dias aborda a violência contra a mulher ao verificar que 90% das cartas que o quadro Direito da Mulher recebe se refere a queixas de mulheres que apanham dos maridos. O caso foi, inclusive, assunto do <i>Globo Repórter</i>, da <i>Rede Globo</i>, que fez uma matéria especial a partir das cartas. O apresentador questiona as telespectadoras que estão em uma plateia sobre o que elas acham dessa violência que a mulher sofre a cada dia em sua casa.</p> <p>Nas respostas, as mulheres expõem opiniões que partem desde dialogar com o marido, até problematizações sobre isso ser um problema de estrutura social, até revidar: “[...] É a maneira do homem parar de bater. Entendeu, eu acho que se a mulher revidar na primeira vez, da outra vez ele já fica mais receoso” (TV MULHER, 1982, [telespectadora anônima]). Ao questionar sobre quais das teorias o restante da plateia concorda, a maioria aplaudiu a que defendia revidar.</p>	
SEXUALIDADE	<p>Marta Suplicy iniciou sua fala propondo uma discussão sobre os adolescentes através da análise de 153 cartas recebidas no primeiro um ano e meio do programa. A apresentadora chama a atenção para falta de informações dos jovens e o sentimento de culpa e o medo que vivem a sexualidade. “[...] Depois, isso foi o aspecto que mais me baqueou, foi a reprodução de papéis sociais de homem e mulher. Sabe o que eu quero dizer com isso? Aquele negócio, homem é de um jeito e mulher é de outro e esse tipo de coisa. O nosso adolescente pelas cartas deles eu pude encontrar esse preconceito idêntico que se vê em todo o lugar. O adolescente não está mudando isso, o papel, o jeito com que ele vê o homem e a mulher. Isso realmente me abalou [...]” (TV MULHER, 1982 [Suplicy]). Com isso, ela lê cartas de dois adolescentes, um menino de 14 anos e de uma menina de 19 anos sobre masturbação. Enquanto a carta o menino mostrava a preocupação dele com ele, a menina estava preocupada se havia perdido a virgindade se masturbando e se o futuro marido acreditaria que ela perdeu a virgindade dessa forma, além de não saber diferenciar o rompimento do hímen com a menstruação.</p>	

DIREITO DA MULHER	Ney Gonçalves Dias questiona a inexistência da aposentadoria para a dona de casa “[...] Porque deve ser muito duro a mulher chegar com 65 anos e falar assim: ‘meu marido deixa dez para fazer isso e comprar aquilo’. Passa a vida inteira pedindo. Vocês concordam ou não concordam? [Palmas]” (TV MULHER, 1982 [Dias]).	
-------------------	--	---

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Quadro 4 – Análise temática *TV Mulher* 2016

2016/1		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
VINHETA	A vinheta do novo <i>TV Mulher</i> mostra partes de corpos de mulheres vestidas de preto destacando detalhes como joias. Marília Gabriela, a apresentadora, aparece nas imagens fazendo poses, evidenciando seu protagonismo.	
ECONOMIA	No quadro, são abordados temas referentes à mulher que refletem na economia. É o caso da taxa de analfabetismo feminino, que caiu na comparação entre 1980 e 2016. “Então, uma revolução que se deu pela educação, pelo acesso à educação, fundamental que vai se relacionar com a inserção no mercado de trabalho de melhores vagas. Outro dado, chefia de família, você falou disso. Nós somos agora senhoras dos nossos destinos, dos nossos lares (TV MULHER, 2016, [Oliveira])	
MATERNIDADE	Marília Gabriela entrevista Maria Rita sobre temas variados, como sua história e carreira aos moldes da entrevista que fez com Elis Regina em 1980. Em certo momento, a apresentadora fala sobre ter sido uma mãe atrapalhada e que tem culpas. No que Maria Rita também afirma ter culpas: “[...] E nesse ponto, quando minha mãe esteve aqui que ela falou para você que quando eu nasci ela entendeu a mãe dela, que pena que eu não a tenho viva, mas eu senti isso também [...]”.(CANAL VIVA, 2016a)	

SEXUALIDADE	<p>A sexóloga Regina Navarro Lins contextualiza a história das mulheres na “[...] luta contra a opressão, desde que o sistema patriarcal se instalou, há mais ou menos cinco mil anos. Aquele sistema de dominação do homem, as mulheres foram humilhadas, menosprezadas [...] (TV MULHER, 2016 [Lins])” e fala sobre o comportamento das mulheres na atualidade ao se depararem com o ônus da igualdade com os homens, como pagar a conta do motel, que foi a enquete do episódio.</p>	
DIREITO DA MULHER	<p>Marília Gabriela fala com Gabriela Manssur sobre a legislação proteger as mulheres. A especialista faz uma regressão sobre a época em que existia o estatuto da Mulher Casada, entre outros exemplos. “[...] Hoje em dia nós temos várias conquistas legislativas, como a Lei Maria da Penha, a Lei das Empregadas Domésticas, a Lei do Feminicídio, a lei que regulamenta o estupro de vulnerável, de uma menina menor de 14 anos. (TV MULHER, 2016 [Manssur]).</p> <p>Marília Gabriela questiona se essas leis protegem no cotidiano, no que a comentarista afirma que “[...] vivemos em um país com uma cultura extremamente machista, patriarcal, em que convivemos com essas injustiças, mas o mais importante é que a mulher hoje está empoderada e ela tem hoje a sua disposição direitos e informações para fazer valer esses direitos [...] (TV MULHER, 2016, [Manssur]).</p>	

Fonte: elaborado pela autora (2017).

3.2.2 Inferências

Como dito anteriormente, as principais temáticas percebidas foram utilizadas como categorias de análise (economia, maternidade, sexualidade e direito da mulher), incluindo a vinheta (formato) do programa. Na sequência, vamos destacar as semelhanças e as diferenças nas abordagens temáticas de cada versão.

Na vinheta da década de 1980, verificamos uma encenação do desejo das mulheres da época, que consistia na ocupação de novos espaços na sociedade, inclusive no mercado de trabalho. As mulheres aparecem vestidas de branco, usando luvas enquanto manuseiam equipamentos técnicos de uma emissora de televisão, funções que até hoje são destinadas, em sua maioria, aos homens. A trilha sonora é a música Cor de Rosa Choque, feita, exclusivamente, para o programa.

Em 2016, a vinheta original é recordada apenas no primeiro programa dando lugar a uma nova encenação. Na vinheta atualizada, as mulheres vestem roupas pretas. Também são privilegiadas as cenas em que a vaidade feminina é destacada, como *close* em brincos e pulseiras. A trilha permanece sendo Cor de Rosa Choque, porém em uma versão mais ágil. A apresentadora Marília Gabriela aparece fazendo poses, evidenciando que a mulher já adquiriu o lugar almejado, mas não por isso se limitou à parte técnica, estando, também, no protagonismo do mercado de trabalho. Também podemos dizer que houve uma mudança no pleito feminino que antes era marcado pela tentativa de ingressar no mercado de trabalho e que agora a luta é contra o assédio nesse ambiente.

Através da categoria Economia, observamos que, em 1980, o programa entendia a importância da mulher na economia doméstica, ensinando-a a comparar preços de produtos da cesta básica e, mais tarde, de outros itens, como eletrodomésticos. Entretanto, ainda se limitava ao lar, representando o lugar da mulher naquele momento. Já em 2016, a pauta muda e, agora, é ressaltada a relevância do papel da mulher na economia e no mercado de trabalho através de dados sobre o seu protagonismo social. É o caso do trecho em que é destacado seu espaço como chefe de família porque “[...] um a cada três lares brasileiros são chefiados por mulheres, mulheres com ou sem maridos, cônjuges e companheiros” (TV MULHER, 2016, [Oliveira]) no trecho em que a especialista fala da diminuição

da taxa de analfabetismo feminino, que “[...] era de 26% em 1980, caiu para 8,7% agora em 2014” (TV MULHER, 2016, [Oliveira]). Apesar dessa mudança, as mulheres ainda recebem salários mais baixos do que os dos homens e enfrentam barreiras para entrar no mercado de trabalho, assunto que foi tema do editorial de abertura da nova versão (CANAL VIVA, 2016a)¹⁵.

Analisamos a categoria Maternidade através de dois episódios do programa *TV Mulher* que se relacionam diretamente: as entrevistas de Marília Gabriela com Elis Regina (1980) e com Maria Rita (2016). Por isso, a pesquisa compara a entrevista de 1980 (de estreia do programa) com a entrevista de Maria Rita em 2016 (na reestrela). Ambas as entrevistadas reconhecem que a maternidade fez com que se identificassem mais com suas mães. No caso de Elis Regina, a cantora traz a realidade de mães que não têm acesso à creche ou condições de contratar alguém para cuidar de seus filhos, situação comum em 1980. Tanto que o próprio programa solicitou à prefeitura que fosse criada uma creche, através do pedido de telespectadores, e a mesma foi entregue no aniversário do programa em 1982.

Elis Regina também destaca suas inseguranças de ser mãe de uma mulher, bem como Maria Rita reconhece ter culpas. Ambas continuaram trabalhando após serem mães. As perguntas e respostas das duas entrevistas são semelhantes: quem assistiu o *TV Mulher* de 1980 deve ter percebido a forte ligação entre esses dois trechos. No editorial de abertura, Marília Gabriela diz que, na contemporaneidade, as mulheres optam por ser ou não mães, inclusive abrindo mão de constituir uma família em prol da carreira. Sabemos que a sociedade ainda vê a maternidade como um instinto feminino, como se a mulher só fosse realizada após casar e ter filhos, também um reflexo da cultura patriarcal. Ainda nesse tema, percebemos inserção de Marília Gabriela ao dizer que

[...] Eu não sei mais como é a maternidade, eu fui uma mãe muito atrapalhada. Um peso enorme naquela liberdade que eu quis tanto, eu fui mãe tão cedo. Você também... E depois vieram culpas, você já não deve ter tido culpa alguma. (TV MULHER 2016, [MARÍLIA GABRIELA]).

Situação semelhante a que aconteceu em 1982, quando Ney Gonçalves Dias comentou que a apresentadora sofria ao deixar os filhos em casa com a babá

¹⁵ Disponível, na íntegra no Anexo a esta dissertação.

quando estavam com febre. Isso mostra Marília Gabriela na mesma situação das mulheres, colocando-a como uma defensora das causas feministas e em busca de seu lugar na sociedade. Esse fato também possibilita a identificação das telespectadoras que tinham o mesmo problema, servindo, inclusive, de inspiração por já estar em uma posição de protagonismo.

Nos anos 1980, homens e mulheres sofriam com a falta de informações e conhecimento sobre seu corpo e sexualidade. Em particular, as mulheres eram ainda mais prejudicadas por não terem abertura nem com a própria família para falar sobre esses assuntos. Além disso, ainda conviviam com os preconceitos sociais que as reprimiam como é o caso da virgindade, que significava que a mulher era pura, respeitável e digna de um casamento.

As regras da sociedade patriarcal, na qual os homens tinham liberdade e a mulher deveria satisfazê-los e servi-los, também estavam impregnadas no pensamento da época. Prova disso é a preocupação da telespectadora que enviou uma carta à Marta Suplicy, declarando se importar com o pensamento masculino sobre sua virgindade. A desinformação da telespectadora também aparece quando ela diz não saber a diferença entre menstruação e rompimento do hímen, que é a causa da sua angústia.

[...] Eu tenho medo de saber a verdade e com isso estou me afastando cada vez mais dos homens. Tenho 19 anos, nunca tive um namorado e você pode dizer que esse negócio de virgindade não conta mais, mas onde eu moro ainda é muito importante. E qual homem que vai acreditar que eu perdi a virgindade me masturbando? [...] (TV MULHER, 1982).

Em 2016, ainda existem mulheres que reproduzem um comportamento machista pela pressão do ambiente onde vivem. No entanto, agora, a informação sobre sexo está mais acessível: escolas oferecem disciplinas de educação sexual e a *internet* com espaço para esclarecimentos sobre esse tema. Diferente de 1980, quando as respostas tinham que ser obtidas através das cartas que eram enviadas ao programa, hoje, o público encontra as informações que busca com mais facilidade.

A sexóloga do novo *TV Mulher* estabelece uma diferenciação interessante sobre as mulheres contemporâneas: as independentes (financeiramente) e as autônomas (que não se importam com os preconceitos sociais), porém, nem todas as que se consideram autônomas realmente são, pois não querem o “lado negativo”

dessa opção e defendem isso como cavalheirismo.

[...] o cavalheirismo é prejudicial às mulheres. Isso que as mulheres têm que entender. Gentileza é ótimo, mulher tem que ser gentil com homem, homem com mulher, mulher com mulher, homem com homem, todos deveriam ser gentis, cavalheirismo implica em você passar subliminarmente a ideia de que a mulher é incompetente, é incapaz. [...]. (TV MULHER, 2016).

As mulheres dos anos 1980 utilizavam o programa como fonte de informação. Elas precisavam daquele espaço para conhecer seus limites e até onde poderiam avançar. Em 2016, o espaço não é destinado ao conhecimento, mas ao debate sobre novas percepções da sexualidade e do próprio comportamento feminino diante de seu protagonismo. O *TV Mulher*, na versão moderna, diz mais do mesmo. Não precisa mais se preocupar em ensinar sobre temas como virgindade e masturbação, pois eles já fazem parte do cotidiano.

Em *Direito da Mulher*, identificamos que as mulheres, em 1980, sofriam com os mesmos problemas sociais de hoje, como a violência doméstica. O que mudou é que elas denunciam mais seus agressores e abusadores. Situações como o divórcio não causam mais estranhamento como em 1980:

[...] Meus vizinhos não aceitam meu estado civil. Eu e meus filhos temos sido hostilizados pelos moradores do prédio, pelas mulheres do prédio. Estou desesperada e não consigo achar outro apartamento porque me exigem certidão de casamento [...] (TV MULHER, 1980 [Telespectadora anônima])

Além disso, as mulheres não precisam mais de um programa de televisão para denunciar, porque agora são amparadas pela legislação; ainda que essas leis não sejam insuficientes para uma proteção que evite a violência doméstica, abusos sexuais, entre outros.

[...] 90% das cartas que nós recebemos são de queixas de mulheres que apanham dos maridos. O *Globo Repórter*, da *Rede Globo*, inclusive fez uma matéria especial sobre esse assunto, levou as cartas e fez uma pesquisa [...]. O que vocês acham dessa violência que a mulher sofre a cada dia em sua casa? Como até agora os programas de rádio e televisão só perguntam para os homens o que eles acham. [...]. (TV MULHER, 2016 [Dias])

Em 1980, o programa buscava soluções para as mulheres, já em 2016, são mostrados os meios disponíveis para que elas se defendam. Todavia, percebemos que faltou ao programa uma problematização maior do que o simples listar leis.

Seria necessário saber o porquê de medidas protetivas não serem eficientes.

[...] As mulheres fazem uso dessas leis, elas estão denunciando mais as questões de violência, elas estão indo mais atrás de seus direitos. É claro que nós ainda vivemos em um país com uma cultura extremamente machista, patriarcal, em que convivemos com essas injustiças, mas o mais importante é que a mulher hoje está empoderada e ela tem hoje a sua disposição direitos e informações para fazer valer esses direitos. Eu acredito que as portas da justiça estão abertas para essas mulheres. [...] (TV MULHER, 2016 [Manssur]).

Nos programas de 1980, 1981 e 1982, há predominância de notícias gerais, principalmente sobre serviços básicos, com uma abrangência maior de temas, aproximando-se da variedade de assuntos de um telejornal. Também apresentavam um maior compromisso com o jornalismo, inclusive com repórteres trazendo notícias ao vivo do local dos acontecimentos. Diferentemente, em 2016, cada edição do *TV Mulher* tinha um tema central. Isso pode ser explicado pelo público, uma vez que a primeira versão era diária (televisão aberta) e a segunda semanal (televisão fechada).

Ambas as edições mostram a luta das mulheres por seus direitos e reposicionamento na sociedade, fazendo entender que elas ainda não alcançaram seus objetivos, apesar de agora serem amparadas pela lei e ocuparem posições no mercado de trabalho. A nova versão estimula o debate sobre temas que são vitais para o protagonismo feminino. Contudo, mesmo separadas por 36 anos, as conquistas das mulheres ainda não alcançaram os mesmos privilégios que os homens.

O formato do *TV Mulher 2016* é semelhante ao original, mas vale destacar algumas diferenças interessantes: a nova versão tem uma edição mais acelerada, cortes secos, intensifica as emoções e exhibe trechos da versão original. Os assuntos são abordados através de conversas com Marília Gabriela. Ademais, os colunistas poucas vezes olham para a câmera. Na versão de 1980, os apresentadores falam como se estivessem conversando com o telespectador, o que reforça a proximidade e a sensação de verdade sobre o que é dito.

Enquanto, em 2016, os temas são abordados de forma como se o telespectador já tivesse algum conhecimento prévio sobre o assunto, em 1980, os temas eram explicados como que pela primeira vez, de uma forma muito mais didática, o que também pode ser explicado por se tratarem de televisões diferentes:

uma aberta e outra fechada.

Existe no Brasil uma lei, que é a lei 1.390, que pune com a pena de três meses a um ano de detenção e com uma multa de 5 a 20 cruzeiros quem comete um crime por preconceito de raça. Eu também acho que a pena é muito leve e que a multa é muito irrisória, é por isso que eu fico estupefato quando a televisão, o rádio, os jornais, as revistas, as pessoas discutem o problema da violência urbana sem levar em consideração o problema da reforma do código penal brasileiro que está absolutamente defasado, um código feito em 1940 para uma realidade de 1980 [...]. Se alguém jogar objetos pela sua área de serviço já é outro crime, que é o de agressão [...]. (TV MULHER, 1980, [Dias]).

Na carta à Elis, Marília Gabriela escreve para uma suposta leitora como se ela vivesse ainda nos anos 1980, construindo um diálogo entre o *TV Mulher* atual e o que o antecedeu há 36 anos. Para falar do mundo virtual de hoje, a apresentadora adota uma narrativa que remonta aos textos de TV da época. No diálogo imaginário com Elis Regina, ela explica:

[...] O preconceito racial ainda grita; explode amplo, geral e irrestrito na *internet*, que é uma rede de comunicação muito necessária, importante e louca que mudou a forma de ver e viver o mundo. Foi preciso criar, e já está em ação, uma polícia especial para investigar e punir culpados [...]. (TV MULHER, 2016, [MARÍLIA GABRIELA], 2016).

Assim, julgamos ser possível chegar às seguintes inferências:

- a) o formato e as temáticas das versões são semelhantes, a diferença se dá em sua abordagem e narrativa, além de uma estar inserida em televisão aberta e a outra em fechada;
- b) a edição de 2016 é inspirada no programa da década de 1980, possuindo a mesma proposta editorial e apresentadora. Além disso, trabalha com fragmentos de memória do original que dialogam com os assuntos atuais, mostrando que alguns temas seguem em debate na agenda feminina enquanto outros já se tornaram conquistas das mulheres;
- c) na década de 1980, os quadros do programa tinham um papel fundamental de informação, visto que os próprios telespectadores enviavam cartas em busca de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1997). Os comentaristas explicavam os temas detalhadamente de forma didática, enquanto, na versão de 2016, nota-se que os assuntos são

expostos e debatidos como se os telespectadores já dominassem a temática. Além do mais, agora, o programa não responde mais questões de telespectadores pelo fato de ser gravado;

- d) em 1980, as perguntas trazidas pelos telespectadores eram envolvendo questões básicas sobre sexualidade ou assuntos banais do cotidiano. A televisão tinha uma centralidade maior e era o principal lugar de referência (VIZEU, 2009) para orientar e educar as pessoas. Em 2016, a televisão continua sendo o principal veículo de comunicação de massa do país, mas outros meios, como a *internet*, permitem um acesso mais fácil e imediato;
- e) causas dos movimentos feministas que eram bandeiras no passado e figuravam a pauta do programa, hoje não têm mais lugar porque já foram atingidas pelas mulheres, embora se saiba que ainda há muito por conquistar. As lutas, atualmente, são outras, como o assédio;
- f) o programa de 2016 no *Canal Viva* pode ter servido como um piloto (programa-experiência) para a volta do *TV Mulher* para a televisão aberta. Ainda de forma preliminar, podemos inferir que o *TV Mulher*, da maneira como ele se apresenta nas duas versões, não poderia ir ao ar nem na televisão segmentada, nem na aberta pelo fato de já ter perdido sua função social: o programa já não é fundamental para o esclarecimento de temas. As discussões que dão visibilidade às lutas feministas ainda estão restritas a programas de alcance limitado ou em horários de menor audiência.

3.3 ANÁLISE QUALITATIVA CONCEITUAL

Para a análise qualitativa, estabelecemos um novo recorte no objeto. Selecionamos trechos em que são tratados os temas predominantes, de acordo com a análise quantitativa anterior, e incluímos passagens do editorial de abertura (Carta para Elis) narrado por Marília Gabriela. Decidimos analisar a carta, além dos trechos selecionados anteriormente, porque ela oferece temas e estratégias relevantes para a nossa compreensão do programa. Ademais, contextualizamos outras características que possam favorecer inferências relevantes, como é o caso da

exibição de fragmentos da versão de 1980 articulados com a nova narrativa.

Além disto, definimos novas categorias de análise de acordo com o referencial teórico e de nossas percepções na pesquisa exploratória. Assim, identificamos que o programa consiste em quatro pilares que guiarão a investigação:

Quadro 5 – Categorias da análise qualitativa

Categoria	Autor de referência
Emoção	Joan Ferrés (1988)
Memória	Pierre Nora (1993); Marialva Barbosa (1995); Michael Pollak (1992) e Ivàn Izquierdo (2008)
Conhecimento/orientação	Alfredo Vizeu (2005; 2009); Robert Park (2008) e Eduardo Meditsch (1997)
Representação feminina/Mulher	Branca Alves Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1991); Gilles Liposvetsky (2000), Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005) e Rosa Maria Bueno Fischer (2002)

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Os elementos de emoção foram analisados através do pensamento de Ferrés (1998), o qual argumenta que as imagens capazes de gerar emoções são socializadoras, no sentido de que terão influência sobre os comportamentos. Em relação à memória, selecionamos os conceitos sobre os tipos de memória estudados no segundo subcapítulo, principalmente no que se refere à memória coletiva (POLLAK, 1992), que, como o nome diz, são as lembranças vividas pela coletividade, ou seja, não necessariamente vividas pessoalmente. A memória *Priming* (IZQUIERDO, 2006), por sua vez, refere-se àquela adquirida ou evocada por meio de dicas. Por fim, retomamos o conceito de Barbosa (1995) sobre os “Senhores da memória”, considerando os jornalistas como construtores do presente ao selecionar informações e a televisão como um lugar de memória (NORA, 1993).

Compreendemos que a função do programa, principalmente a versão de 1980, é orientar seus telespectadores, característica percebida e fundamentada através dos autores Alfredo Vizeu (2009), que considera a televisão um lugar de referência e com função pedagógica, e de Robert Park (2008) e Eduardo Meditsch (1997), que compartilham da visão do jornalismo como uma forma de conhecimento. Por fim, utilizamos os autores Branca Alves Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy

(1991) e Gilles Lipovetsky (2000), que contextualizam a mulher na sociedade, e Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2005) e Rosa Maria Bueno Fischer (2002), no que se refere à representação dessa mulher na televisão.

Assim, partimos para a preparação do material e o teste das técnicas. Dividimos os quatro programas em tabelas e destacamos trechos e contextos que mostram situações representativas do todo para ilustrarmos de que forma identificamos as categorias no *corpus*. Terminadas essas etapas, passamos para a exploração do material, que consistiu em colocar em prática os passos e as escolhas detalhadas anteriormente. Após isso, passamos para o tratamento dos resultados e interpretações através da síntese e seleção dos resultados, inferências e utilização dos resultados com fins teóricos e pragmáticos.

Quadro 6 – Análise quantitativa de 1980

1980	
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO
EMOÇÃO	Em entrevista com Marília Gabriela, Elis Regina se posiciona em defesa das mulheres operárias e recorda sua mãe: “Eu acho que no fundo eu virei a minha mãe, fiquei mais parecida [...]” (TV MULHER, 1980 [Elis Regina]).
MEMÓRIA	A memória da mulher da época é criada durante o programa. A partir dele, conseguimos compreender os preconceitos vividos através das próprias mulheres que enviavam cartas ao programa, além das discussões e notícias levantadas durante sua exibição, que retratam o modo de viver da mulher da época.
CONHECIMENTO/ ORIENTAÇÃO	Os apresentadores do programa e dos quadros consistiam em pessoas com poder de fala para orientar os telespectadores sobre os assuntos do momento e para responder as dúvidas enviadas por cartas. Entre eles, estava um advogado e uma sexóloga, por exemplo.
REPRESENTAÇÃO FEMININA/ MULHER	Durante o quadro Ponto de Encontro, que recebia celebridades da época, Marília Gabriela entrevista Elis Regina. A cantora reflete sobre a falta de creches, questão também levantada em outros momentos do <i>TV Mulher</i> de 1980. O programa abordava temas que eram debatidos por grupos feministas da época. A postura do <i>TV Mulher</i> em relação às lutas feministas trouxe resultados práticos à sociedade da época através de solicitações às prefeituras.

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Quadro 7 – Análise qualitativa 1981

1981	
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO
EMOÇÃO	O apresentador utiliza-se de uma emoção subliminar para falar da importância das mulheres irem às ruas lutar por seus direitos ao abordar o Congresso da Mulher Paulista “[...] o resultado me parece bom porque as pessoas foram à praça pública para discutir seus problemas, as mulheres saíram de casa no fim de semana para debater problemas sobre a participação da mulher nesta comunidade [...]” (TV MULHER, 1981, [Dias]).
MEMÓRIA	A memória da representação feminina na televisão é criada a partir do perfil traçado da mulher daquela época. Exemplo: “[...] É um movimento novo ainda para alguns setores da comunidade brasileira este debate da mulher na nossa sociedade. [...]” (TV MULHER, 1981 [Dias]). O programa registra o que era debatido e as questões da mulher naquele momento, incluindo suas próprias dúvidas através de cartas.
CONHECIMENTO/ ORIENTAÇÃO	O programa explicava os principais assuntos do país de forma a orientar seus telespectadores, ensinando-os sobre as mudanças da época sobre seus direitos e como recorrer a alguma injustiça. O discurso, principalmente, de Ney Gonçalves Dias e de Marta Suplicy era didático, como, por exemplo: “[...] o Congresso (da Mulher Paulista) é um instrumento importante a mais na discussão dos temas que envolvem a mulher na sociedade [...]” (TV MULHER, 1981, [Dias]).
REPRESENTAÇÃO FEMININA/ MULHER	Marília Gabriela, na abertura do programa, comenta sobre o congresso da mulher paulista, ressaltando o interesse das mulheres sobre os problemas do país, e, mais do que isso, se coloca no lugar das mulheres no discurso: “[...] Ou seja, os problemas do Brasil interessam e muito às mulheres, afinal, somos um pouco mais da metade da população. [...]” (TV MULHER, 1981 [Marília Gabriela]).

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Quadro 8 – Análise qualitativa 1982

1982	
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO
EMOÇÃO	Marta Suplicy desabafa ao comentar sobre as cartas que recebeu de adolescentes no último um ano e meio do programa. Inclusive, utiliza o termo “nosso” adolescente, mostrando proximidade, e “me abalou”, revelando o sentimento negativo sobre suas constatações.
MEMÓRIA	A memória da representação feminina na televisão é criada a partir do que o programa registra como interesses e dúvidas da mulher da época: como violência feminina, falta de conhecimento sobre sexualidade, etc.
CONHECIMENTO/ ORIENTAÇÃO	Ney Gonçalves Dias (1980) explica sobre violência contra mulher através de diálogos com mulheres da plateia: “[...] Se a mulher apanhar o que a senhora acha que ela deve fazer? A lei diz que a mulher que sofre violência deve ir à delegacia e apresentar queixa e depois instaurar um laudo. [...]” (TV MULHER , 1982 [Dias]).
REPRESAÇÃO FEMININA/ MULHER	Marta Suplicy aproxima-se das telespectadoras ao referir-se às mulheres ao dizer “[...] estou falando de todas nós aqui”, inserindo-se no contexto, dando a entender que ela está do mesmo lado das telespectadoras, as representando: “[...] Eu estou falando da adolescente, mas estou falando de todas nós aqui, de todas nós que vivemos dessa forma prestando conta o tempo todo da gente, do nosso ser, é muito sério isso para evolução da mulher. [...]” (TV MULHER, 1982, [Suplicy]).

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Quadro 9 – Análise qualitativa 2016

2016	
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO
EMOÇÃO	<p>A emoção está presente durante todo o primeiro episódio da nova versão do <i>TV Mulher</i>. A começar pelo editorial de abertura, narrado por Marília Gabriela e direcionado à Elis Regina como se fosse uma carta. Além disso, o episódio traz falas de diretores e produtores do programa original, que agregam com recordações. São usados fragmentos do programa original como gancho, no jargão jornalístico, para abordar determinado tema que será debatido na sequência. “[...] Você voltou algumas vezes ao programa e se não me falha a memória, e ela falha muito, foi nessa nossa primeira conversa que você vaticinou que as mulheres brasileiras viviam numa dicotomia: tinham um pé fincado na lua e o outro na senzala. [...]”.</p> <p>Marília Gabriela embarga a voz durante a abertura, emoção explicada por voltar à frente do programa após 36 anos.</p> <p>No último bloco, é feita uma referência ao <i>TV Mulher</i> original ao trazer Maria Rita como convidada, acompanhada de sua filha, repetindo uma cena do programa da década de 1980 quando Elis Regina levou Maria Rita ainda pequena. Além dessa semelhança, os temas da entrevista retomam os mesmo pontos e, inclusive, contando com respostas parecidas.</p> <p>Em outro momento da entrevista, Marília Gabriela pergunta para a filha de Maria Rita “O que você vai ser quando crescer?”, no que a menina responde que será pequena. Marília pergunta “Você vai ser pequena quando crescer?” E ela responde, surpreendendo a apresentadora e sua mãe: “A minha avó era pequena.” Assim, Marília diz: “Ela era pequena. Você vai ficar daquele tamanho da sua avó?” No que a menina responde positivamente e a apresentadora finaliza: “Então você vai ficar enorme [...]”.</p>
MEMÓRIA	<p>Os fragmentos de 1980 são introduzidos na nova narrativa de forma que mostram o que mudou, ou não, sobre os temas discutidos. Em sua maioria, discutem as mesmas questões, salientando que, apesar de muitos avanços, as mulheres ainda não atingiram total protagonismo social. Fragmentos de memória do programa original são colocados na narrativa, além de comparações diretas entre uma década e outra: “[...] Se as senhoras de Santana não vão mais às ruas para protestar contra o quadro de sexo que a Marta Suplicy, então sexóloga, fazia na época, as delegacias de mulheres vieram e viraram uma necessidade absoluta para defender a mulher contra inúmeros abusos morais e sexuais, a violência doméstica, o chamado feminicídio, que acabou denominando apenas o crime de morte intencional. [...] O preconceito racial ainda grita; explode amplo, geral e irrestrito na <i>internet</i>, que é uma rede de comunicação muito necessária, importante e louca que mudou a forma de ver e viver o mundo”.</p>

	Foi preciso criar, e já está em ação, uma polícia especial para investigar e punir culpados. Ainda bem! [...].
CONHECIMENTO/ ORIENTAÇÃO	O programa baseia-se, principalmente, em dados de pesquisa e discute as mudanças entre a década de 1980 e agora. São dadas explicações breves sobre os assuntos e é sempre ressaltada a evolução do papel social e empoderamento feminino atual.
REPRESENTAÇÃO FEMININA/ MULHER	A representação feminina está presente quando Marília Gabriela e as outras colunistas se colocam próximas às questões das mulheres, inclusive se incluindo, como é o caso do trecho a seguir, em que a apresentadora mostra que Elis Regina é uma mulher que representava a telespectadora da década de 1980: “[...] Você foi a síntese da mulher da época: libertária mas romântica, independente com muitas carências a resolver, mãe com culpas pela falta de tempo, crítica e autocrítica feroz, corajosa que chorava quietinha e se perguntava porquê? Uma mulher que testava sua aparência e, como todas, brincava inventando modas, resvalando nos excessos, fossem para mais ou para menos. Você era nós, todas nós, um espelho gentilíssimo porque o seu talento...esse era só seu [...]”.

Fonte: elaborado pela autora (2017).

3.3.1 Inferências

3.3.1.1 Emoção e Memória

Figura 1 – Entrevista de Marília Gabriela com Elis Regina na década de 1980 (acompanhada por Maria Rita) e sua entrevista com Maria Rita (acompanhada de sua filha Alice), em 2016



Fontes: *Rede Globo, TV Mulher* (1980) e *Canal Viva, TV Mulher* (2016)

Optamos por registrar as inferências das categorias “Emoção” e “Memória” de forma articulada por acreditarmos que, quando analisadas em conjunto, favorecerem resultados significativos, uma vez que identificamos que uma está ligada a outra na narrativa do programa. Desta maneira, verificamos que a emoção faz parte da construção da narrativa do primeiro episódio da nova versão do *TV Mulher* de forma explícita. Ou seja, o programa se propõe a emocionar, recordar o passado e discutir as mudanças na vida social das mulheres nos últimos 36 anos.

Para analisarmos essa categoria, nos baseamos nos ensinamentos de Ferrés (1998) a partir dos quais, com a análise da categoria “memória”, concluímos que a socialização pela emoção ocorre quando a memória é despertada. Esse fenômeno acontece através de fragmentos do programa original ou referências e por lembranças, como as ditas pela apresentadora no editorial de abertura do *TV Mulher* de 2016. Constatamos que se trata de uma estratégia de engajamento, o uso de pílulas de memória (POLLAK, 1992; IZQUIERDO, 2006), que cativa o telespectador, que é socializado ao se emocionar revendo cenas do passado.

De acordo com Ferrés (1998), os telespectadores são influenciados pela emoção, e não pela razão. Ou seja, “[...] os efeitos principais da televisão são

inconscientes, despercebidos/inadvertidos” (FERRÉS, 1998, p. 13) e o autor também diz que a televisão “[...] é o reino das emoções e das aparências” (FERRÉS, 1998, p. 20). Isso também demonstra a razão pela qual a televisão é um dos meios de comunicação mais influentes, já que as decisões humanas também são motivadas pelas emoções (FERRÉS, 1998). Nesse sentido, por exemplo, quando tomamos alguma decisão e a justificamos com questões racionais, na verdade, apenas estamos dando um motivo por ter feito uma escolha de caráter instintivo.

Essas considerações são de capital quando se abordam os efeitos da televisão, porque sua influência, intencional ou não, consciente ou inconsciente, exerce-se na esfera da emotividade. É desde a emotividade que a televisão pode condicionar a liberdade humana. É desde a emotividade que pode burlar a racionalidade. É desde a emoção que incide sobre o inconsciente. (FERRÉS, 1998, p. 23).

A partir disso, verificamos que a memória é uma dessas estratégias inconscientes do telespectador utilizadas pelo *TV Mulher* para conquistar sua audiência. Uma vez que a influência é maior quando não é percebida, assim, a televisão seduz os telespectadores através de recordações de 36 anos atrás, em um momento de nostalgia, durante a experiência televisiva que, por si só, é descansada. Também identificamos outras características que nos fazem refletir sobre a influência da televisão, como o pensamento associativo e a influência que os programas mais sérios, mais discursivos e mais intelectualizados exercerem sobre a audiência (FERRÉS, 1998). Nesse sentido, o *TV Mulher* favorece o pensamento associativo ao retomar recordações da década de 1980, atingindo, com maior influência, os telespectadores que assistiram ao programa original ou que fazem parte do público que tem o programa em sua memória coletiva (POLLAK, 1992). O *TV Mulher*, tanto o de 1980 quanto o de 2016, é focado no discurso sério, reforçando o lugar de fala de explicar os temas em discussão sobre a mulher brasileira, ou seja, constitui-se em um programa com influência.

Através de nossas percepções, intercaladas com os conceitos teóricos, podemos afirmar que o papel social da televisão como influenciadora de comportamentos e costumes na sociedade é identificado em ambos os programas. Isso foi percebido por meio das estratégias que partem desde o resgate de memória para atingir a emotividade e o pensamento associativo, até a influência por intermédio das explicações sobre temas referentes à mulher.

Assim, concluímos que o *TV Mulher* de 1980 contribuiu para que as mulheres da época conhecessem seus direitos, espaços sociais e seu próprio corpo, transformando o comportamento delas. Essa influência do programa também é percebida através das próprias cartas das telespectadoras, que mudam seu discurso no decorrer dos anos de exibição. O *remake* do *TV Mulher*, com fragmentos e inspirações em 1980, desperta recordações através da memória *Priming* (IZQUIERDO, 2006) por ser evocada por meio de dicas, ou seja, aos fragmentos de 1980 exibidos antes ou depois de algum tema abordado, como se fosse uma comparação em tempo real entre as duas épocas.

Verificamos que o *TV Mulher* é socializador por gerar emoção (FERRÉS, 1998), influenciando os telespectadores, que se sentem cativados pela memória tele-afetiva (BRESSAN, 2017). Podemos afirmar que a memória coletiva (POLLAK, 1992) aparece quando há identificação dos telespectadores com aquele passado apresentado na televisão, seja ele vivido pessoalmente ou através de histórias familiares. Diferente do *TV Mulher* original, que influenciou nas mudanças de comportamento das mulheres na sociedade, identificamos que a nova versão contribuiu para que o tema fosse refletido, visto que muitos dos assuntos debatidos em 1980 seguem sem resoluções mesmo após três décadas.

Além de enfatizar o papel social da televisão para a mudança da sociedade, através dessa análise, também foi possível investigar elementos que indicam a importância da televisão como um lugar de memória (NORA, 1993). O *TV Mulher* reforça seu papel social em 1980 ao voltar, em 2016, com a estratégia de mostrar a história das mulheres na televisão, ressaltando seu papel nas transformações das mulheres nos anos 1980 e reafirmando seu lugar de referência (VIZEU, 2009) sobre o tema. Identificamos que o objetivo do *TV Mulher* de 2016 foi reafirmar a importância da televisão como um lugar de memória, como um arquivo/registro em que é possível pesquisar o passado da sociedade e compreender a evolução dos papéis sociais. Ademais, dizer que ela deu conta de representar a mulher da época e fazer parte da sua evolução.

Através do conceito “Senhores da Memória” (BARBOSA, 1995), o papel dos jornalistas é reforçado enquanto responsáveis pelo conteúdo que é selecionado para entrar novamente no ar, ou seja, tendo o poder de construir o presente, no primeiro momento do *TV Mulher*, e reconstruir o passado através do que é recordado. Assim,

podemos dizer que o *TV Mulher* faz parte da construção da memória sobre a representação feminina na televisão em dois momentos: em 1980, quando registra, diariamente, as transformações femininas e, em 2016, quando retoma temas que avançaram, ou não, na vida das mulheres brasileiras. Dessa forma, construindo a memória do retrato da mulher em duas décadas separadas por 36 anos. Mais do que isso, a televisão mostra que estava presente nos dois momentos, como um lugar de resgate do passado.

3.3.1.2 Conhecimento/Orientação e Representação feminina/Mulher

A partir das categorias “Conhecimento/Orientação” e “Representação feminina/Mulher”, averiguamos a importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina. Decidimos analisar as duas categorias de forma articulada, assim como feito nas duas anteriores, por entendermos que a representação feminina na televisão nos dois programas está em torno do conhecimento e na orientação oferecida nas duas versões do *TV Mulher*.

Com isso, verificamos que a versão original diferencia-se do *remake*, principalmente, por ter sido o primeiro programa dedicado às pautas da agenda feminina da época na busca de mudar seu lugar na sociedade. Desse modo, foi responsável pela difusão das lutas feministas e estimulou mudanças sociais para um público que não tinha acesso a outros meios para se informar e aprender.

O *TV Mulher* cumpriu um bom papel e foi relevante ao dar visibilidade aos temas que não eram discutidos. A televisão pode fornecer o ambiente necessário para que as causas que as mulheres reivindicam sejam conquistadas. O programa também reforça o lugar de referência da televisão, como instrumento pedagógico (VIZEU, 2005), e do jornalismo, como forma de produção de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1997).

O programa de 2016 não agrega para a evolução das pautas feministas e também não é comparável com o espaço atingido pelo programa original na televisão e na vida das pessoas. O *remake* não representa a mulher contemporânea, apenas lista suas conquistas e o que ainda deve mudar nos próximos anos, de maneira que consiste em uma comparação entre os dois momentos da mulher na sociedade.

A versão de 1980 também pode não ter trazido algo novo ao que estava sendo discutido em grupos feministas, mas deu visibilidade a esses temas que, até aquele momento, não haviam tido espaço na televisão aberta. A não ser pela dramaturgia, que já abordava alguns desses temas – caso da novela *Malu Mulher*, também exibida na época e acessível a um número maior de mulheres. O *TV Mulher* de 1980 evidencia o papel social da televisão como influenciadora dos costumes da sociedade através da informação e do conhecimento. Nesse mesmo aspecto, a temática também favorece para o seu protagonismo, por se tratar de um tema nunca antes falado na televisão e do interesse das mulheres nos anos 1980.

3.4 ANÁLISE DO MODO DE ENDEREÇAMENTO

Em complemento à Análise de Conteúdo, recorreremos ao método de análise de programas jornalísticos televisivos através dos modos de endereçamento propostos por Itania Gomes (2011). Seu pressuposto é perceber uma orientação em relação ao acontecimento e ao receptor. Essa orientação é o modo de endereçamento que leva em conta as especificidades de um programa, facilitando a compreensão de como ele se relaciona com sua audiência.

Aqui, portanto, adotamos o conceito de modo de endereçamento naquilo que ele nos diz, duplamente, da orientação de um programa para o seu receptor e de um modo de dizer específico; da relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido de um produto televisivo e do seu estilo. Nessa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. Ele permite verificar como instituição social e forma cultural se atualizam num programa específico. (GOMES, 2011, p. 36).

Para compreendermos como o *TV Mulher* se relaciona com sua audiência, utilizaremos os operadores de modos de endereçamento de forma articulada, conforme orientado por Itania Gomes (2011). A autora afirma que a análise só é válida dessa forma, visto que, se os operadores forem descritos e interpretados de forma isolada, a compreensão será sobre cada um deles, não sendo possível acessar o modo de endereçamento. Abaixo, destacamos as características de cada operador:

Quadro 10 – Operadores do modo de endereçamento

Operadores de análise	Referencial teórico
Mediador (apresentador ou âncora, comentaristas, correspondentes, repórteres)	É fundamental analisar quem é e como se posiciona diante das câmeras/telespectador para se compreender o modo de endereçamento. Nesse sentido, é preciso levar em conta os vínculos que cada um dos mediadores estabelece com os telespectadores, familiaridade, credibilidade, etc. “A noção de performance, tal como utilizada no teatro, pode se mostrar um importante recurso descritivo para este operador analítico.” (GOMES, 2011, p. 38);
Contexto comunicativo:	Esse operador compreende tanto o emissor quanto o receptor e o espaço e o tempo em que o processo comunicativo se dá: Um programa jornalístico sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente [...] ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. (GOMES, 2011, p. 39).
Pacto sobre o papel do jornalismo:	É estabelecido um acordo sobre o que o telespectador deve esperar do programa e o que este deve oferecer, semelhante ao conceito de Contrato de Comunicação apresentado por Charaudeau (2013); [...] Para compreensão do pacto é fundamental a análise de como o programa atualiza as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade,

	factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as ideias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera. [...] (GOMES, 2011, 39).
Organização temática:	[...] No caso dos programas de jornalismo temático, parece quase óbvio dizer que a temática é o operador de maior importância para a análise do modo de endereçamento – programas esportivos, programas culturais, programas ecológicos. Nesses casos, cabe analisar como a temática é abordada e como se articula aos outros operadores de análise. [...] (GOMES, 2011, p. 40).

Fonte: elaborado pela autora (2017).

3.4.1 Inferências

A partir desses operadores, compreendemos de que forma o *TV Mulher* se relaciona com a audiência. Nosso primeiro passo foi separar a análise de 1980 e de 2016 porque entendemos que, apesar de contemplarem o mesmo programa e as edições serem semelhantes, os direcionamentos e as abordagens são diferentes, refletindo na forma como se relacionam com a audiência. A seguir, apontamos as principais inferências a partir da análise dos modos de endereçamento.

O *TV Mulher* de 1980 se destinava às mulheres que não tinham acesso às discussões sobre as transformações femininas da época. O programa atingia esse público atenuando suas inquietações. Ademais, estimulava a interatividade através de cartas, as quais respondiam de forma a educar esses telespectadores, que usavam o programa como meio de informação. Esse contato programa/telespectador ocorria nos principais quadros do programa sobre temas diversos, como sexualidade, direitos, serviço público e moda.

Em uma comparação entre as décadas, percebemos que a forma de comunicação entre mediadores e telespectadores era mais estreita em 1980 do que em 2016. Essa diferenciação pode ser explicada pelo fato de que, no primeiro momento, os mediadores olhavam para a câmera, passando a ideia de estarem falando, diretamente, com o telespectador. Em 2016, os apresentadores dos quadros olham, esporadicamente, para a câmera, sendo que, na maioria das vezes, o olhar é voltado para a apresentadora Marília Gabriela, que liga os quadros em forma de bate-papo.

Os vínculos entre mediadores e telespectadores na primeira década analisada também ressaltam um tom de familiaridade, pois era como uma conversa entre amigos ou confidentes. O mesmo não se repete em 2016, uma vez que há um tom mais informativo. A interpretação dos apresentadores ao lerem as cartas em 1980 também demonstra uma performance diferenciada, pois se colocavam no lugar do telespectador. Isso proporcionava uma sensação de identificação com o público, que tinha as mesmas dúvidas e angústias. Por fim, ambas as edições contam com a credibilidade de seus especialistas nos temas dos quadros e da própria apresentadora.

O programa de 2016 destinava-se às mesmas mulheres que assistiram a

versão original, como uma forma de atualizá-las sobre a agenda feminina do século XXI. Nesta análise, também levamos em conta o contexto comunicativo. Assim, vale ressaltar que, em 1980, a televisão já exercia forte influência na vida dos brasileiros. Quadro diferente de 2016, quando a TV já concorre com outros meios de comunicação, como a *internet* e suas múltiplas plataformas.

Identificamos algumas diferenciações de cenário e de edição, que nos dão respostas sobre qual é a audiência do *TV Mulher*. Em 1980, por exemplo, era reforçado o direcionamento às donas de casa, uma vez que continha, até mesmo, um relógio para que a telespectadora controlasse o tempo para suas atividades domésticas. Além disso, a própria construção narrativa foi pensada de forma que a mulher não precisasse estar olhando para a televisão para entender a mensagem. Já em 2016, percebemos que o cenário não traz tantas informações, sendo um ambiente contemporâneo.

O programa trabalha alinhado aos valores jornalísticos por meio da referência de Marília Gabriela. Embora sendo um programa gravado, o *TV Mulher* de 2016 teve agilidade para tratar de um tema da atualidade, como o estupro coletivo no Rio de Janeiro que horrorizou o país. Marília Gabriela fez uma entrevista (gravada) sobre o assunto.

Os fragmentos de memória utilizados servem como uma forma de cativar as antigas telespectadoras através das memórias afetivas e teleafetivas. As novas gerações, que passaram a assistir o *remake*¹⁶, se viram motivadas por questões como: um programa que marcou época e, mais do que isso, a época de nossas mães e avós, que recordam da atração com carinho, consistindo-se em uma memória herdada na qual as telespectadoras se interessaram por ouvir contar nos círculos familiares e sociais.

Por se tratar de um programa temático, no caso a agenda feminina, torna-se evidente que seu direcionamento era em relação às mulheres. Contudo, o que nos trouxe até aqui foi o interesse de compreender de que forma o *TV Mulher* se relaciona com sua audiência e, através disso, identificar por quem ela é constituída. Sendo assim, cada momento do *TV Mulher* se relacionou de uma maneira diferente com sua audiência.

Destarte, verificamos que, em 1980, ele se tratava de um programa

¹⁶ Motivação idêntica que originou esta pesquisa.

destinado, principalmente, às donas de casa, como dito anteriormente, mas também atingia homens e adolescentes. Sua forma de comunicação é marcada pela proximidade, pela familiaridade e, de modo destacado, pela credibilidade que era reforçada pela presença do jornalismo e por seus mediadores – uma jornalista (Marília Gabriela), um advogado (Ney Gonçalves Dias) e uma sexóloga (Marta Suplicy).

Em 2016, o cenário é outro, pois se trata de uma atração destinada a recordar a anterior, reforçando sua relevância social em 1980, às mulheres da época e o que elas poderiam repercutir nas gerações seguintes. Ou seja, o programa estava atualizando a mesma mulher que já o havia assistido, mais do que isso, em um segundo plano, também atingia as descendentes dessa mulher, que assistiram ao programa a convite delas ou motivadas pela memória herdada.

A temática, em ambos os programas, é abordada a partir de todos os campos sociais. No entanto, ressaltamos que, em 1980, se tratava de uma abordagem pedagógica e com intuito educacional, de informar aquelas mulheres e, de certa forma, prepará-las para um mundo que estava se abrindo para elas. Em 2016, a temática é abordada de uma maneira mais crítica, ao que não mudou em 36 anos. Nesse sentido, podemos dizer que, em 2016, o programa não se fez necessário para os questionamentos de 1980, até porque a sociedade já avançou sobre vários temas e o acesso à informação está mais facilitado.

Podemos afirmar que o tema proposto pelo programa não se esgota aqui e ainda há muito a ser debatido, mas acreditamos que o seu formato não atinge a audiência da forma esperada, não a engaja como a da primeira versão. Isso ocorre porque a versão contemporânea não aprofunda a discussão, limitando-se a estabelecer um diálogo entre especialista e apresentadora, que traz informações relevantes, contudo não problematiza as limitações e próximos passos a serem percorridos. Assim, verificamos que o programa de 1980 construiu um estilo diferenciado, que marcou sua época, e, 36 anos depois, o trouxe de volta à grade de programação da televisão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrarmos um ciclo com uma dissertação de mestrado, há uma reflexão sobre o conhecimento adquirido nesta trajetória de 24 meses. Nesse período, aprendemos a recuar e avançar no estudo, num processo que, muitas vezes, é necessário voltar às primeiras páginas, refazer a análise e reencontrar caminhos. Porém, nada disso faz sentido se não tivermos um objetivo maior do que apenas concluir um trabalho. Debruçamo-nos sobre os estudos de televisão, memória e representação feminina por acreditarmos em uma produção de conteúdo qualificada e na importância do papel social da TV.

Se o desejo clássico dos jornalistas em início de carreira é “mudar o mundo”, talvez o do pesquisador seja encontrar métodos e teorias que possibilitem transformar a sociedade, a prática da sua profissão, o ensino na sua área ou questionar o que deve ser alterado e apresentar possíveis formas de se fazer isso. Um mestrado em Comunicação e Informação pode representar um objetivo concluído na vida acadêmica, assim como é um instrumento que refletirá nas novas gerações profissionais.

Ciente dessa responsabilidade, podemos afirmar que Elis Regina nunca esteve tão atualizada ao dizer, em 1981, que “[...] a gente precisava arrumar um jeito de resolver esse conflito do século XIX com o século XXI, que estamos com um pé na mucama e um pé na lua fantasiada de astronauta”. Ser mulher nunca foi fácil. Reduzida apenas como mãe, esposa e dona de casa, acima de seus interesses, as brasileiras sempre foram vistas como um ser inferior e subordinado ao homem.

O século XX não revolucionou a vida das mulheres, mas, de certa forma, a transformou. Se, antes, não tinham voz na política, em 1932, elas conquistaram o direito ao voto e, em 2014, o Brasil elegeu a primeira mulher presidente da República. Também foi o novo século que trouxe o uso do anticoncepcional, dando mais liberdade para as mulheres viverem sua sexualidade. Em 2017, a pílula anticoncepcional já é questionada e há recusa de seu uso por muitas mulheres, que denunciam os métodos contraceptivos como prejudiciais à saúde. Entretanto, algumas coisas ainda estão longe de mudar, como a legalização do aborto, a violência doméstica, o respeito ao corpo feminino e o assédio sexual.

O programa *TV Mulher*, objeto desta pesquisa, também não mudou a vida

das mulheres, mas assegurou visibilidade às suas lutas. O que era discutido de forma dispersa encontrou um ponto de encontro no qual mulheres que não tinham acesso a essas reflexões puderam repensar seu espaço na sociedade sem precisar sair de casa. Isso foi feito abrindo horizontes sobre sexo, direitos, mercado de trabalho e demais assuntos de seu interesse.

O programa foi um marco na televisão brasileira por ter sido o primeiro a falar sobre a mulher sem o estereótipo de dona de casa. Mesmo assim, percebe-se que, apesar dessa postura, ele não venceu essa barreira, assim como nenhum programa da televisão aberta brasileira conseguiu vencer. O cenário do *TV Mulher* original mostrava um relógio na parede para que as telespectadoras não perdessem o horário de fazer o almoço, por exemplo. Também não exigia completa atenção, pois era mais falado do que mostrado para não desviar o olhar das mulheres de suas tarefas domésticas.

O *TV Mulher*, como um programa jornalístico, ocupou um lugar de referência e de mandar olhar (VIZEU, 2009; MUSSE; THOMÉ, 2016) e se desenvolveu através do jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1997). Com isso, ensinava telespectadores, indiretamente, através de pautas e, diretamente, por meio das respostas de cartas recebidas pelo programa.

Com essa pesquisa, podemos concluir que a televisão é responsável pela memória contemporânea da sociedade, além de consistir em um lugar de boas lembranças. Enfrentamos, nesta pesquisa, o desafio de não ter acesso aos arquivos das emissoras de televisão por ainda não serem abertos ao público, um clamor antigo dos pesquisadores. Porém, algumas iniciativas da televisão, como o *Canal Viva*, reforçam esse lugar de memória (NORA, 1993) através de novelas, *remakes* e exibições de programas antigos. Assim, a televisão brasileira constrói não só a memória da representação feminina através do *TV Mulher* e de suas novelas, como também de todas as transformações da sociedade, que, de forma distorcida ou não, é a nossa história narrada em imagens. Dessa maneira, só sabemos o que foi discutido sobre a mulher na televisão na década de 1980 porque a televisão eternizou o presente para o futuro (BARBOSA, 1995).

Desse modo, compreendemos como o *TV Mulher* falava das questões das brasileiras e que não há espaço para um programa assim na contemporaneidade porque, hoje, as mulheres já têm outras formas de se informar em formatos mais

atrativos. Ao longo desse período, a televisão também mudou e, com o novo poder do telespectador, precisa entreter e se fazer necessária, reforçando sua importância e presença. A neotelevisão (ECO, 1983) está presente quando a televisão fala de si mesma, como é o caso do *Canal Viva*, especializado nisso.

O *TV Mulher* 2016 ilustra essa mudança de paleotevê para neotevê, entendido que, em 1980, o principal era o conteúdo e as transformações que aquela exibição representava. Em 2016, por sua vez, é mostrada a presença da televisão e do programa nos primeiros passos do protagonismo feminino, além de reforçar seu lugar de memória, como alguém que estava lá, que mostrou na época e volta a apresentar novos debates. Reforça-se, dessa forma, a importância da televisão para contar a história da sociedade e refletir sobre seus dilemas (BARBOSA, 1995; MUSSE; THOMÉ, 2016). O programa também possui três características da hipertelevisão (SCOLARI, 2014): a utilização de uma narrativa mais acelerada e objetiva, a gravação em tempo real (simulando o ao vivo e com uma estética crua e com cortes secos) e a narração de histórias não sequenciais através do uso de *flashback*.

A importância da televisão na construção da memória sobre a representação feminina está presente quando ela retrata a mulher da época, possibilitando compreender como era representada. No caso de 1980, é mostrada uma mulher que cuidava da casa, apesar de muitas mulheres já estarem no mercado de trabalho, e, agora, com a exibição de um *remake* do programa em 2016, pelo *Canal Viva*, com seu empoderamento e poder aquisitivo para adquirir coisas sem o apoio financeiro do homem. Com isso, o *TV Mulher* reforça sua relevância por ter registros, constituindo-se em um lugar de preservação e revisitação de memórias (NORA, 1993). Dessa forma, a televisão também se constitui em um instrumento pedagógico (VIZEU, 2009), além de refletir sobre a sociedade no passado e agora através de ângulos definidos por seu editorial.

Dessa maneira, afirmamos que o *TV Mulher* constrói a memória sobre a representação feminina no passado e no presente porque funciona como um instrumento de preservação do momento histórico, que poderá ser acessado por gerações futuras. A televisão também se constitui em um lugar de memória que pode ser revisitado, apresentando um retrato na época. Ademais, é uma influenciadora de comportamentos e costumes sociais, visto que o programa de

1980 estimulou as mulheres a mudarem seu modo de vida.

Não foi possível compreender, neste primeiro momento, se o TV Mulher foi criado para a mulher moderna, como era sua proposta, e o que significava ser uma mulher moderna na década de 1980. Ressaltamos que o programa original era ao vivo e que em certo momento contou com uma plateia de 30 pessoas. Também possuía um conteúdo mais profundo e revolucionário para época.

O novo *TV Mulher* se relaciona com a audiência através de estratégias narrativas que utilizam a emoção e a memória como pontos-chave, enquanto o original dedicava-se ao conhecimento e às discussões daquela década. Dessa forma, compreendemos que o *TV Mulher* também usa a memória para socializar através da emoção. Esse resgate de memória, por sua vez, contribui para debates sobre a situação atual, como é o caso do programa de 2016 que apresenta um Brasil atrasado em relação às questões de gênero e ressalta a importância do feminismo.

Enfatizamos que articular a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) com a Análise do Modo de Endereçamento de Itania Gomes (2008) possibilitou atingirmos nossos objetivos e facilitou a problematização sobre os dois momentos do *TV Mulher*, uma vez que evidenciaram as temáticas, estratégias narrativas (emoção e memória) e o relacionamento do programa com a audiência.

Acreditamos que a divisão em categorias temáticas através da frequência em que os temas foram abordados possibilitou reconhecermos as principais questões das mulheres nesse intervalo de três décadas, além de conseguirmos identificar, através de categorias criadas a partir do pensamento dos autores, as estratégias televisivas. Os operadores de análise do modo de endereçamento, por serem verificados em conjunto, viabilizaram uma visão mais abrangente, favorecendo o entendimento de como o programa foi pensado, diferente da Análise de Conteúdo, que permite uma análise específica de cada parte do conteúdo selecionada. Assim, encontramos nessa junção uma forma de analisar os programas em todos os aspectos propostos.

Por fim, destacamos a falta de programas que falem para as mulheres atualmente, principalmente na televisão aberta. Eles existem, estão no ar, mas não representam as telespectadoras críticas, esclarecidas e que buscam informação relevante. O que se vê, em geral, são programas femininos que se limitam a temas

supérfluos (decoração, moda, maquiagem, receitas, etc.), como o programa *Mais Você* e o *Encontro com Fátima Bernardes*, ambos da *Rede Globo*, como se as mulheres não tivessem interesse em outros assuntos (política, economia, noticiário internacional, meio ambiente, etc.). Com o alcance e penetração da TV, sua programação pode e deve permitir os avanços necessários para a construção de uma sociedade plural e igualitária para mulheres e homens.

Em consequência dessas constatações, compreendemos que em pesquisas futuras devemos continuar nos dedicando aos estudos referentes à representação da mulher na mídia; objetivando, porém, analisar a produção de conteúdo femininos no contexto da hipertelevisão, a fim de oferecermos possíveis contribuições aplicáveis na criação de novos programas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marília. **Mulher que teve pedido negado no Brasil faz aborto na Colômbia**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/mulher-que-teve-pedido-negado-no-brasil-faz-aborto-na-colombia/>>. Acesso em: 10 jan. 2018
- ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.
- AVELAR, Lúcia. **Mulheres na elite política brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- BARBOSA, Marialva. Senhores da Memória. In: Intercom – **Ver. Bras. De Com.**, S. Paulo, Vol. XVIII, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70/Almedina Brasil, 2016.
- BASSANEZI, Carla. Os modelos de mulher, de esposa, de mãe e de dona de casa durante os anos 50 e 60 do século XX, através das revistas femininas. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2009.
- BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DO INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). Disponível em: <<http://bdt.d.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 09 fev. 2017
- BLÁZQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRASIL **Decreto-Lei n. 2848**, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 12 fev. 2018
- BRASIL. **Lei n. 13.104**, de 9 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência. **Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM 2016): Hábitos de consumo de mídia da população brasileira**. Brasília: SECOM/PR, 30 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRESSAN JUNIOR, Mario Abel. **A memória afetiva e os telespectadores**: Um estudo do *Canal Viva*. 2017. 183f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BRITES, Francielly. A memória televisiva em narrativas digitais: Um estudo da página do Canal Viva no Facebook. Intercom 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0508-1.pdf>.

_____. O passado no presente: Memória afetiva como estratégia do *TV Mulher* para atrair a audiência 2017. ALCAR, 2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-historia-das-midias-audiovisuais/o-passado-no-presente-memoria-afetiva-como-estrategia-do-tv-mulher-para-atrair-a-audiencia/view>.

BUENO, Heitor Campos. **Querida amiga Marta**: sexualidade, feminismo e poder no programa *TV Mulher*. 2015. 2015. 124f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Carta do EXTRA aos leitores que não viram um estupro no estupro. **Jornal Extra**, 1 de jun. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/carta-do-extra-aos-leitores-que-nao-viram-um-estupro-no-estupro-19410619.html>. Acesso em: 12 fev. 2018

CANAL VIVA. Relembre todas as temporadas do programa na TV Globo. [s.d.]a Disponível em: <http://canalviva.globo.com/especial-blog/vivo-no-viva/post/tv-mulher-relembre-todas-temporadas-do-programa-na-tv-globo.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CANAL VIVA. SOBRE. [s.d.]b. Disponível em: <http://canalviva.globo.com/programas/tv-mulher/sobre.html/>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CANAL VIVA. **Carta de Marília Gabriela dedicada a Elis Regina**. [S.l.], 2016a. Disponível em: <http://canalviva.globo.com/programas/tv-mulher/materias/carta-de-marilia-gabriela-dedicada-elis-regina.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: Canal Viva, 31 mai. 2016. Programa de TV.

_____. **Entrevista completa com Maria Rita**. 2016b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=leS2rFXLIV8>. Acesso em: 18 mai. 2017.

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. Summus Editorial, 2010.

CAPES. **Banco de Tese e Dissertações**. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em: 09 nov. 2017.

CASSETTI, Francesco; ODIN, Roger. Da Paleo à Neotelevisão: abordagem semiopragmática - De la paléo à la néotélévision. **Ciberlegenda**, Niterói, [s.v.], n. 27, p.8-22, 2012. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/596/339>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Disponível em: [http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/) Acesso em: 09 fev. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. A televisão é capaz de informar? **Revista MATRIZES**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 13-23, mai./ ago. 2016.

COSTA, Cristiane Finger. O telejornal em qualquer lugar: uma sondagem sobre a recepção de notícias nos dispositivos portáteis. **Conexão-Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, UCS. v. 12, n. 23, p. 185-200, jan./jun. 2013.

_____. O telejornalismo na hipertelevisão: os desafios dos produtores e dos receptores das notícias no mundo multitelas. In: VIZEU; MELLO; PORCELLO; COUTINHO (Org.). **Telejornalismo em Questão**. Florianópolis: [s.e.], 2000, p. 213-231.

DICIONÁRIO. **Dicionário Aurélio**. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/vicario>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. Estação das Letras e Cores, 2008.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na(e pela) TV. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Segurança Pública em Números 2017**. Disponível em http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/INFOGRAFICO_ANUARIO_11_2017_Retificado_15-12.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018

FRANÇA, Vera. A televisão porosa: traços e tendências. A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 27-52.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo [17-47]. In: _____ (Org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 17-47.

_____. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de Castro (Org.). **Em torno das Mídias: práticas e ambiências**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 95-112.

GLOBO. **Dicionário da TV GLOBO**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Desligamento de sinal analógico é novo passo de transição para o digital. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/17373-desligamento-de-sinal-analogico-e-novo-passo-de-transicao-para-o-digital.html>. Acesso em: 12 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA [IBICT]. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Disponível em: < <http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA [IPEA]. **O Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf. Acesso em 20 nov. 2017.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV sob controle** – A resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006.

LIMA, Luísa Guimarães. **Você, Mulher em revista**: Estudo sobre uma modernização do discurso de gênero, na década de 70. INTERCOM–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/60076143875123951577356075566605757842.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.

LUZ, Inez Pereira da. **“A Nova Mulher”**. **As Contradições do Modelo Feminino na TV- MULHER**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1988.

Marília Gabriela volta com o “TV Mulher”. **ZERO HORA**, 28 e 29 de maio de 2016, p. 8.

MATTOS, Sérgio. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas – Bahia. Editora UFRB: 2013.

_____. **História da Televisão Brasileira** – Uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In. BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

_____. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **MALU MULHER**. [s.d.]a. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/malu-mulher/curiosidades.htm>. Acesso em: 25 nov. 2016.

_____. **PONTO DE ENCONTRO**. [s.d.]b Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/tv-mulher-ponto-de-encontro.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

_____. **TV MULHER**. [s.d.]c Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/tv-mulher-inicio.htm>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MISSIKA, Jean-Louis. **La fine dela televisione**. Trad. Augusto Zuliani. Milán: Lupetti, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: UnB, 2013.

MOFO TV. TV Mulher (1980): Elis Regina conversa com Marília Gabriela – parte 1. **Youtube**, 24 mar. 2015a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6ci4h57ji_Q. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. TV Mulher (1980): Elis Regina conversa com Marília Gabriela – parte 2. **Youtube**, 24 mar. 2015b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HAHBxfk5uX4>. Acesso em: 12 fev. 2018.

MUSSE, Christina Ferraz e THOMÉ, Claudia. Telejornalismo e Poder: memórias (re)construídas pelo "Jornal Nacional". In: EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (Org.). **Telejornalismo e Poder**. Florianópolis: Insular, 2016, p. 65-83.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In. BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**, v. 2. Porto Alegre: Sulina,

2008, p. 51-70.

PISCITELLI, Alejandro. De la centralización a los multimedios interactivos. **Diálogos de la Comunicación** 41, 1995. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2700507>. Acesso em: 10 jul. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORCELLO, Flávio. Edição em TV: como contar bem uma história. In: **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 155-168.

PORCELLO, Flávio; BRITES, Francielly. *TV Mulher*: a encenação da realidade na televisão. **Rizoma**, v. 5, n. 2, p. 198-214.

PORCELLO, Flávio et al. *TV Mulher* nos anos 80 e agora: representação feminina, gênero e protagonismo social. In: 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor. 2016, Palhoça – Unisul. **Anais...** Disponível em: <http://sbpior.org.br/congresso/index.php/sbpior/sbpior2016/paper/viewFile/56/64> Acesso em: 18 mai. 2017, p.1-17.

RAMONET, Ignasi (ed). **La post-televisión: Multimedia, Internet y globalización económica**. Barcelona: Icaria, 2002.

REDE GLOBO. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: *Rede Globo*, 02 abr. 1982. Programa de TV.

REDE GLOBO. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: *Rede Globo*, 07 abr. 1980. Programa de TV.

_____. **TV Mulher**. Rio de Janeiro: *Rede Globo*, 09 març. 1981. Programa de TV.

REVISTA CLAUDIA. **Aliança entre mulheres baseada na empatia e no companheirismo**. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/o-que-quer-dizer-sororidade-e-por-que-voce-precisa-dela/>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SCOLARI, Carlos A. This is the end: as intermináveis discussões sobre o fim da televisão. In: CARLON, Mario; FECHINE, Yavana (Org.). **O Fim da Televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014, p. 34-53.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez.1995. [71-99].

SERRA, Amanda. UOL, 27 set. 2012. **Com 35 produtos, clipes e hits, "Cheias de Charme" se destaca por unir internet e TV**. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/27/com-20-produtos-clipes-e-hits-cheias-de-charme-se-destaca-por-unir-internet-e-tv.htm?cmpid=copiaecola> <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/27/com-20-produtos-clipes-e-hits-cheias-de-charme-se-destaca-por-unir-internet-e-tv.htm>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Mais Você: uma análise da revista feminina na televisão. In: **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2005.

THINKOLGA. **Hashtag Transformação: 82 mil tweets sobre o #primeiroassedio**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. Tese de Doutorado. Mestrado em Comunicação e Informação--Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.


_____. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, v. 1, n. 40, 2009.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

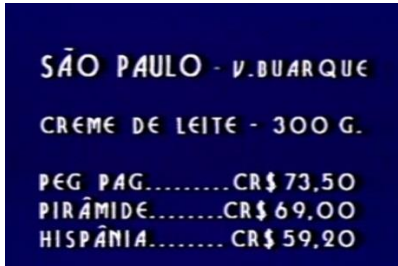

_____. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editora UNB. 2004.

**APÊNDICE A – FICHA DE TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA TV MULHER DA DÉCADA DE 1980
REFERENTE ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE**

1980		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
ECONOMIA	Vinheta: Mulheres ocupando funções técnicas em uma emissora de TV possivelmente representando a vontade feminina de assumir novos espaços no mercado de trabalho.	
MATERNIDADE	<p>Elis Regina: Muito mais difícil que ser artista e ser mãe é ser operária e ser mãe. Porque a gente ainda tem uma grana para ter uma babá ou um bom colégio pra o filho ficar em um período de maior arrocho de horário de trabalho e as “senhoras” que estão ajudando a construir o país não têm nem a creche que a fábrica deveria ter [...].</p> <p>Marília Gabriela: A barra de ser mulher é assim tão forte?</p> <p>Elis Regina: Não, a barra de ter filha mulher é mais forte.</p> <p>Marília Gabriela: Por quê? Explica isso.</p> <p>Elis Regina: É diferente, eu não sei te explicar o que é. Não sei explicar para as pessoas o que é. Eu tinha dois filhos homens. Dois primogênitos. Aí, de repente, eu estava me preparando para ter meu terceiro filho homem, se chamaria Tiago, e apareceu uma moça na sala de parto. Eu tomei a moça no pau da mão do médico. “É minha me dá”. Eu saquei a partir daquela hora, eu não sei por que</p>	

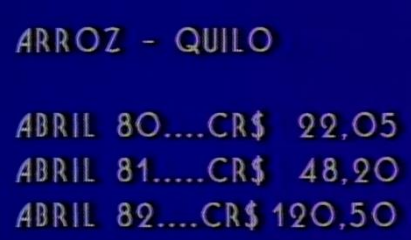

<p>MATERNIDADE (cont.)</p>	<p>cargas d'águas, muita coisa tinha mudado na minha cabeça. Eu acho que no fundo eu virei a minha mãe, fiquei mais parecida, mais com a cara ela, com o cabelo parecido com o dela, comecei a vestir igual a ela. A Maria Rita me deu essa chance de apaziguar um dado muito importante na minha vida que é “mama”.</p> <p>Marília Gabriela: Você passou a talvez aceitar coisas que você não aceitava?</p> <p>Elis Regina: É. Muito mais fácil de você compreender a preocupação que às vezes você acha que é “grudança”, aquele negócio de ficar atrás de você, um tempo maior do que uso para os outros filhos. Uma grande preocupação que ela tinha comigo. Eu passei a entender realmente, a barra não está muito para gente. O mundo é dos homens, administrado por homens, os empresários são homens, os diretores de TV são homens [...]. De repente a Maria Rita me deu uma visão outra, sabe, de batalhar para que o lado dela fosse mais simplificado. A meiguice dela me devolveu a meiguice que eu tinha perdido. De repente eu comecei a me rever, bastante parecida comigo, sendo também muito parecida com o César [...].</p>	
<p>DIREITO DA MULHER</p>	<p>Carta de telespectadora 1: Tenho 31 anos, sou desquitada e tenho dois filhos. Moro em um prédio do bairro Ipiranga em São Paulo e estou com um problema seríssimo. Meus vizinhos não aceitam meu estado civil. Eu e meus filhos temos sido hostilizados pelos moradores do prédio, pelas mulheres do prédio. Estou desesperada e não consigo achar outro apartamento porque me exigem certidão de casamento. Um dia desses chegaram até mesmo a chamar a polícia, por sorte eu não estava em casa, só para mostrar até onde chega a incompreensão. Posso levar meus amigos em casa? E como devo proceder? Estão proibindo meus amigos de subirem e estão me ameaçando com uma ação de despejo.</p> <p>Ney Gonçalves Dias: É muito comum hoje mulheres solteiras, desquitadas, viúvas encontrarem muita dificuldade para locação porque muitas vezes pedem a certidão de casamento [...]. Quando alguém interfere numa visita em um apartamento, entre visitado e visitante, há um problema de intimidade que é violado, que é o artigo 162 do Código Penal Brasileiro [...]. Não há ação de despejo porque os tribunais brasileiros não têm julgado favoravelmente as ações de despejo por imoralidade.</p>	

<p>DIREITO DA MULHER</p>	<p>Nem estamos falando de imoralidade, estamos falando de descrição e respeito, então você vai continuar no seu apartamento e ninguém vai molestar você [...], você pode continuar recebendo os seus amigos e pode continuar recebendo até seu companheiro se tiver porque, aqui entre nós, Silvia Cristina da Silva, é de uma hipocrisia imaginar que a pessoa que mora sozinha tem que fazer voto de castidade.</p> <p>Carta telespectadora 2: Sou física, tenho 40 anos de idade e meu marido é publicitário. Moramos na Lagoa no Rio de Janeiro. O prédio é ótimo, mas estamos enfrentando um preconceito dos mais sérios e cruéis: o racial. Sou negra, tenho sido agredida tanto verbalmente quanto também por objetos que atiram a nossa janela e área de serviço. Uma vizinha gritou no corredor que lugar de negra é na cozinha e até o novo zelador tentou me forçar a entrar pela porta de serviço. Sou proprietária e desde então não tenho permitido que minha empregada suba pelos fundos, aliás ela é branca. Nossa situação está cada vez mais difícil, quais são as providências legais?</p> <p>Ney Gonçalves Dias: Existe no Brasil uma lei, que é a lei 1.390, que pune com a pena de três meses a um ano de detenção e com uma multa de 5 a 20 cruzeiros quem comete um crime por preconceito de raça. Eu também acho que a pena é muito leve e que a multa é muito irrisória, é por isso que eu fico estupefato quando a televisão, o rádio, os jornais, as revistas, as pessoas discutem o problema da violência urbana sem levar em consideração o problema da reforma do código penal brasileiro que está absolutamente defasado, um código feito em 1940 para uma realidade de 1980 [...]. Se alguém jogar objetos pela sua área de serviço já é outro crime, que é o de agressão [...].</p>	
--------------------------	---	--

1981		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
ECONOMIA	Bolsa de Mercadoria era um quadro que se dedicava a fazer uma pesquisa dos lugares com preços mais baratos, além de indicar estabelecimentos, como açougues e mercados com preços mais baixos.	
DIREITO DA MULHER	<p>Marília Gabriela: As mulheres se reuniram em congressos e debates para discutir seus problemas. Problemas sérios que vão desde a tradicional discriminação em todos os setores, principalmente no trabalho, até a validade ou não da legalização do aborto, passando pela necessidade de creches e da divisão do trabalho doméstico. Sem esquecer as condições em que vivemos pelo motivo de sermos brasileiras. Ou seja, os problemas do Brasil interessam e muito às mulheres, afinal, somos um pouquinho mais da metade da população. Do Congresso da Mulher Paulista nós vamos falar, durante o programa, uma reportagem de Fátima Beltrão. Ela vai mostrar a divisão lamentável que ocorreu este ano com dois grupos disputando a honra de debater a questão. É, tem gente que gosta de dividir, não tem jeito mesmo [...].</p> <p>Ney Gonçalves Dias: [...] O Congresso da Mulher Paulista marcou este fim de semana em São Paulo. Quem leu os jornais de São Paulo no sábado já sabia que o congresso seria dividido em duas alas que deveria se reunir em dois locais diferentes, eventualmente com duas plataformas de trabalho. É evidente que em uma que é</p>	

<p>DIREITO DA MULHER</p>	<p>patrocinada por pessoas vinculadas ao Jornal Hora do Povo teriam um enfoque político maior do problema. Enfim, isso é muito comum que aconteça, não quero discutir esse assunto profundamente por uma razão muito simples: eu acho que não estamos muito habituados ao exercício da democracia. Os dois grupos poderiam muito bem ter se encontrado, reunido e discutido os problemas da mulher paulista. Mesmo porque não era uma reunião deliberativa, não era um congresso legislativo, ou seja, não se ia resolver nada neste congresso que fosse definir o futuro da mulher brasileira de São Paulo. Então, o congresso é um instrumento importante a mais na discussão dos temas que envolvem a mulher na sociedade contemporânea desde os problemas políticos, ideológicos, até problemas mais simples da sua vinculação de trabalho, da existência de creches e etc. Pelo que se observou, existiam duas tendências: um grupo que queria discutir o assunto na sua ligação mais direta como aborto, mercado de trabalho, emprego, desemprego e etc. E outro grupo que queria colocar o problema em um ângulo mais amplo político. Nós não estamos habituados a discutir nada neste país sem que a coisa já se rache antes de se discutir a pauta de problemas. É um movimento novo ainda para alguns setores da comunidade brasileira este debate da mulher na nossa sociedade. Mais importante do que tudo isso é o que ocorre permanentemente na base dessa sociedade que independe do congresso, tanto é que o congresso se realizou e a sociedade continuou nesta segunda-feira a sua vida normal. Mas é evidente que o congresso tem a sua importância na proporção que ele acelera aquelas reivindicações, sejam elas de qualquer natureza que estejam na base da sociedade. Ninguém pode dizer que o congresso deveria ser ideológico ou político, deveria ser de acordo com a pauta da Hora do Povo ou de acordo com a pauta das pessoas que reivindicavam a discussão do aborto, por exemplo, do desemprego. Eu tenho impressão que o correto, mais útil, mais fecundo, mais eficiente, seria a colocação em debate daqueles problemas que formam a base desta sociedade que todos nós sabemos quais são, mas, de qualquer forma, o resultado me parece bom porque as pessoas foram à praça pública para discutir seus problemas, as mulheres saíram de casa no fim de semana para debater problemas sobre a participação da mulher nesta comunidade. Logo mais, por volta das 10h45 minutos, a repórter Fátima Beltrão</p>	
------------------------------	---	--

<p>estará fazendo aqui um balanço do dia Internacional da Mulher que foi comemorado ontem, face a essa programação realizada na praça da Sé e anteriormente no sábado que os dois grupos debateram o problema. É evidente que o congresso também não pretendeu resolver num sábado todo os problemas da mulher brasileira, mas é um tipo de manifestação, que coincidindo com o dia Internacional da Mulher, trouxe a baila vários assuntos e valeu por quem mesmo antes da realização do congresso esse programa aqui se ocupou durante toda a semana passada, pelo menos em alguns pontos, ao congresso. Divulgando o congresso, entrevistou pessoas referentes ao congresso. A imprensa falou do assunto na sexta-feira e falou com mais insistência no sábado. Recordo-me inclusive de um editorial na Folha de São Paulo na edição de sábado passado. Olha, se o assunto já ganhou uma repercussão grande no final de semana é porque ele mereceu a atenção daquelas pessoas que fazem jornal para aquelas pessoas que vão ler jornais. De qualquer forma, fica aqui a nossa satisfação pela realização do congresso. Oxalá um dia essas duas facções possam se encontrar e resolver o problema de uma forma mais conjunta, ou então não, cada um que siga o seu caminho [...] o importante é que alguma coisa se faça para mulher brasileira em termos de debate, discussão e medidas práticas. Principalmente coisas feitas pelas mulheres, mesmo o congresso dividido, porque se a mulheres esperarem, dos homens nunca terá um congresso, nem dividido em duas, nem em dez facções.</p>	
--	--

1982		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
ECONOMIA	Marília Gabriel faz comparação dos preços dos produtos mais consumidos no dia a dia entre os anos 1980, 1981 e 1982.	 <p>ARROZ - QUILO</p> <p>ABRIL 80....CR\$ 22,05</p> <p>ABRIL 81.....CR\$ 48,20</p> <p>ABRIL 82....CR\$ 120,50</p>
VIOLÊNCIA CONTRA MULHER	<p>Ney Gonçalves Dias: [...] 90% das cartas que nós recebemos são de queixas de mulheres que apanham dos maridos. O <i>Globo Repórter</i>, da <i>Rede Globo</i>, inclusive fez uma matéria especial sobre esse assunto, levou as cartas e fez uma pesquisa [...]. O que vocês acham dessa violência que a mulher sofre a cada dia em sua casa? Como até agora os programas de rádio e televisão só perguntam para os homens o que eles acham. Existem teorias como a vitimologia de que a mulher provoca o marido para bater nela. Então [...], o que a senhora acha desse negocia de mulher apanhar? O que a senhora imagina, que solução a senhora proporia, como a senhora vê isso?</p> <p>Senhora da plateia 1: Bem, eu acho que principalmente nos dias de hoje, que tudo evoluiu tanto, que a mulher vem se esclarecendo cada vez mais. Eu acho que isso é coisa do passado, não pode existir mais de forma nenhuma.</p> <p>Ney Gonçalves Dias: Se a mulher apanhar o que a senhora acha que ela deve fazer? A lei diz que a mulher que sofre violência deve ir à delegacia e apresentar queixa e depois instaurar um laudo. O que a senhora acha? Ligar para a família, ligar para o padre,</p>	

<p>VIOLÊNCIA CONTRA MULHER</p>	<p>para o serviço social?</p> <p>Senhora da plateia 1: Acho, absolutamente, que a mulher que apanha, pelo amor de Deus, né? Então não há união, ela deve tentar um pouco mais com o marido, dialogar e tudo mais, ver seu direitos de igual para igual. Primeiro lugar ali dentro, depois apelar para fora.</p> <p>Ney Gonçalves Dias: [...] Que você acha? Você concorda com a senhora que falou ali? Senhora plateia 2: Olha, eu acho que o homem bater em mulher é um problema sério, muito mais sério que só diálogo em casa. Eu acho que é um problema de estrutura social que é muito violento.</p> <p>Ney Gonçalves Dias: Então você acha que a sociedade que é violenta fora e leva essa violência para dentro do lar e repercute lá? Senhora plateia 2: Exatamente, eu acho que tudo fora do lar é violento. Na vida do homem no trabalho, da mulher também é dura.</p> <p>Ney Gonçalves Dias: Então tivemos duas colocações pessoais: uma que propõe diálogo e acerto e uma solução de natureza social. Sendo a causa um problema social. A senhora, o que a senhora acha nessas circunstâncias, o que a mulher deve fazer? Rezar, pedir a Deus, acender uma vela?</p> <p>Senhora plateia 3: Revidar, é a única maneira do homem parar de bater. Entendeu, eu acho que se a mulher revidar na primeira vez da outra vez ele já fica mais receoso.</p> <p>Senhora plateia 4: A mulher se não pode com as mãos pega uma panela quente e joga nele.</p> <p>Senhora plateia 5: Eu acho que qualquer forma de violência é um absurdo, seja contra a mulher, seja contra qualquer pessoa.</p> <p>Senhora plateia 6: Eu acho ridículo, detesto, nem gosto de falar. Apesar de que eu sou casada, graças a Deus, nunca aconteceu isso e espero nunca acontecer. A plateia concorda através de palmas que a solução e revidar.</p>	
--	---	--

SEXUALIDADE


Marta Suplicy:

[...] Eu pensei que talvez a gente devesse falar do adolescente. Por que o adolescente? Porque ele é a nossa esperança, é o nosso futuro. Para fazer um trabalho sério sobre o adolescente eu peguei, junto com a psicóloga Heloísa Fornazari, que até está aqui presente não sei aonde, nós analisamos 153 cartas de adolescentes recebidas no primeiro um ano e meio do programa. Então, foi feita uma análise partindo do seguinte princípio: o adolescente manda a carta. Então, eu procurei na carta primeiro o que ele quer saber, qual informação específica que o adolescente queria saber, depois quais valores morais esse adolescente está transmitindo. Depois, que sentimentos ele transmite naquela carta para mim, expectativas encobertas, que é o que a pessoa quer saber, mas às vezes ela não põe escrito. Ela pergunta uma coisa, mas você lendo a carta percebe que a intenção dela é outra. Então, tudo isso, de todas essas cartas foi analisado, codificado e entendido. Bom, o que apareceu, aí que não é nada animador. E é isso que eu quero conversar com vocês em uma conversa séria. Primeiro, uma falta de informação total que, com tabu a repressão que a gente vive não me espanta. Espanta algum de vocês que nosso adolescente tenha falta de informação? Não espanta. A gente está sabendo que eles têm mesmo. Bom, isso mais ou menos eu esperava. Agora me espantou muito o sentimento enorme de culpa que nosso adolescente vive a sexualidade. Eu poderia imaginar isso também, porque quem não tem informação gera ansiedade, gera culpa e um monte de coisas. Agora o nível que veio é muito impressionante. Ou seja, uma fase que é para viver bem e aprender do sexo e ter prazer e ir aprendendo as coisas devagarzinho é vivido com extrema culpa. Outro aspecto que ficou claro foi o medo generalizado, medo, medo de sexo. Depois, isso foi o aspecto que mais me baqueou, foi a reprodução de papéis sociais de homem e mulher. Sabe o que eu quero dizer com isso? Aquele negócio, homem é de um jeito e mulher é de outro e esse tipo de coisa. O nosso adolescente pelas cartas deles eu pude contar esse preconceito idêntico que se vê em todo o lugar. O adolescente não está mudando isso, o papel, o jeito com que ele vê o homem e a mulher. Isso realmente me abalou. Então, para exemplificar um pouco, vou ler uma carta de adolescente homem e uma carta de adolescente mulher para exemplificar essa





SEXUALIDADE	<p>história, principalmente do estereótipo que estou me referindo. Quer dizer, de todos os preconceitos que a gente tem de que homem tem que ser de um jeito e mulher tem que ser de outro como essas cartas mostram isso tudo o que eu falei. Vou ler uma carta que é referente à masturbação que começa daí, como o rapaz vê a masturbação e como a mocinha vê a masturbação. Prestem a atenção, olhem a carta do rapaz:</p> <p>“Eu escrevo esta carta esperando que você me dê respostas para os meus problemas. Eu tenho 14 anos, mas pareço ter 17. Meu tórax é muito grande, não muito, mas ele da impressão de ser inchado. As tetas são um pouco grandes, elas ficam como se estivessem queimando por dentro. Aí eu costumo passar o braço. Eu tenho vergonha de ficar sem camisa perto dos meus amigos e colegas. Tenho medo que eles me chamem de ‘masturbador’. Acho eu que é isso que provoca tudo. Eu não posso evitar a masturbação. Um colega me disse que se a pessoa parar de se masturbar ela fica estéreo. É verdade. Os meus testículos estão grandes, há mais ou menos dois anos atrás eles eram pequenos. Hoje eles estão bastante grandes esse crescimento é normal? Responda-me, por favor, dizendo qual o causador desses problemas. Eu ia fazer natação em um clube, mas eu não fui por causa desses motivos todos”. Então, vocês vejam como ignorância, o que esse rapaz não tem como informação sobre o próprio corpo dele. Como ele tem sentimento de culpa por se masturbar, que seria uma atividade natural, né. Ele acha que, por exemplo, as tetas grandes, que ele chama, é um fenômeno que dá na adolescência quando os hormônios começam a funcionar muito depressa. Um numero enorme de rapazes tem isso e não tem nada a ver com masturbação é uma coisa hormonal. Como masturbação é feio e como ele se masturba ele já está sendo castigado, entenderam? Tudo isso provoca um tomento horrroso porque ele não pode mais tirar a camisa. Então, ele não vai ao clube. O que a gente vai observando é que como espalha e as consequências que vão acontecendo. O rapaz passa a ter seu sistema emocional bloqueado ao mesmo tempo em que o social porque ele para de fazer um monte de coisa. Então, agora, eu vou mostrar a carta da moça para vocês terem a ideia do problema que passa na cabeça dela:</p> <p>“Teve um dia que eu estava perto de ficar menstruada e senti vontade de me masturbar e o fiz. Logo após eu senti alguma coisa escorrendo e eu pensei ter</p>	
-------------	---	--

SEXUALIDADE	<p>ficado menstruada. Isso passou. Depois de algum tempo eu comecei a ler alguns livros a respeito de sexo, já que era impossível falar disso com a minha mãe ou com a minha casa. Então eu descobri a existência do hímen que é a causa da minha tortura até hoje. Lendo a respeito eu descobri que ele pode ser visto a olho nu. Então eu procurei me olhar, não sei se é porque eu não sei o que ele é, mas eu não consegui vê-lo. Eu acho que aquele sangramento foi a ruptura do hímen porque ao me masturbar eu fazia força com as pernas. Eu não tenho coragem de ir ao médico para tirar a dúvida. Eu tenho medo de saber a verdade e com isso estou me afastando cada vez mais dos homens. Tenho 19 anos, nunca tive um namorado e você pode dizer que esse negócio de virgindade não conta mais, mas onde eu moro ainda é muito importante. E qual homem que vai acreditar que eu perdi a virgindade me masturbando? Gostaria que você me orientasse e caso saiba de outros métodos de saber a existência da virgindade que mandasse para mim por favor. Também gostaria de saber se quando o hímen se rompe o sangramento é por vários dias, por algumas horas, pois no meu caso foi de quatro dias. O número exato de dias que eu fico menstruada. Sei que pode haver o sangramento ou não, mas geralmente tem. Estou desesperada”.</p> <p>Aí de novo vocês veem a falta de informação. A gente ri porque da vontade de rir, mas gente, a gente pode chorar. Entende, é de chorar a falta de informação dessa moça. O suplicio que essa moça está vivendo por não saber dessas coisas, agora o ponto que me interessou muito nessa carta, não sei se vocês perceberam. A preocupação do rapaz era uma preocupação dele com o corpo dele, a moça está preocupada com quem, gente? Vocês notaram com quem ela está preocupada? Com o homem, com o marido. A frase é ótima, ela diz assim: “Qual homem que vai acreditar que eu perdi a virgindade me masturbando?” Quer dizer, o corpo não é visto como uma coisa da sua propriedade, mas como uma mercadoria alheia que você quando vai casar tem que prestar conta pro outro. E todas as cartas de adolescente mulher é isso. A vivência da sexualidade em relação ao outro. Ela tem sempre que prestar contas. Eu estou falando da adolescente, mas estou falando de nós aqui, de todas nós que vivemos dessa forma prestando conta o tempo todo da gente do nosso ser, é muito sério isso para a evolução da mulher. Depois, o outro aspecto que o adolescente fala muito é a intimidade do namoro onde a coisa</p>	
-------------	---	--



	<p>se reproduz no mesmo estereótipo. É da seguinte maneira, sobre a intimidade no namoro não teve uma carta de homem preocupado com a intimidade no namoro, só de mulher. Quer dizer, é uma preocupação da mulher como preservar a virgindade. Então, é aquele negocio se eu dou eu vou, se eu não faço aquilo que o cara quer ele vai embora, se eu faço eu não fico virgem, é aquela preocupação o tempo todo. Então, a gente vê de novo a mulher vivendo a sexualidade dela preocupada em alguma coisa e o homem preocupado em obter. Então, aquela época do namoro que é aquela coisa gostosa que as pessoas podiam ir se conhecendo, fica ela tentando se defender e ele tentando obter. Vocês reparam como é que acontece? Bom, então tem muito mais, mas já foi dado aqui o meu tempo, então eu gostaria de me despedir de vocês, mas falando desses resultados eu acho que são muitos sérios a medida que eles mostram a insegurança, as preocupações, os medos, quer dizer, como está a cabeça do nosso adolescente que não está nada boa. E principalmente como é a reprodução de tudo isso que a gente não gosta que está vivendo. Então, deixo aqui esse material para vocês refletirem, pensarem e que a gente possa fazer alguma coisa como mãe, como mulher e como educadora. E um bom dia para todos.</p>	
<p>DIREITO DA MULHER</p>	<p>Ney Gonçalves Dias: [...] Por que razão não é criado no país, ou não é estudado no país, porque aqui tem aposentadoria até para ex-governador, tem aposentadoria para ex-presidente que está tudo rico. Já passou lá vai ganhar a vida inteira, é vitalício, é o único país no mundo. Por que não tem aposentadoria, por exemplo, para dona de casa? Podia ser feito um seguro saúde, qualquer coisa que viesse dar a mulher a uma certa altura da vida, uma segurança. Porque veja bem, o homem casa, eu não estou puxando a brasa para ninguém, estou examinando um caso real. O casal vai tocando a vida. A mulher passa a vida inteira dedicando aos seus filhos. Eu vejo a Gabriela aqui fazendo o programa com lágrimas nos olhos quando os filhos dela estão com febre em casa e fica ligando para a empregada desesperada. Então, essa mulher que faz tudo e que ajuda indiretamente o país, quando ela chega a uma certa idade da vida ela chega assim e diz: o que eu fiz a não ser trabalhar para o meu marido, para meus filhos e para minha casa. Aí, se desgraçadamente ela se separa, ela não sabe atuar na área normal da vida, ela não foi preparada para trabalhar fora de casa, então, ela</p>	


DIREITO DA MULHER	<p>vivendo com o marido ela é dependente do marido, vivendo sem o marido ela se torna muito mais dependente do marido e agora no abandono. Por que não dar a mulher que trabalhou a vida inteira e dedicou um tipo de atenção e cuidado com previdência. Eles não gastam tanto com previdência? [...].</p> <p>Marília Gabriela: Esse trabalho da dona de casa, que muitas vezes é colocado, ou que a vida toda foi colocado em segundo plano, é o que pode haver de mais bonito dentro da sociedade porque ela existe em função desse trabalho. O trabalho de uma dona de casa, que é o de cuidar do seu marido, dos seus filhos e manter a sua casa é na verdade a manutenção da base da sociedade. Já imaginou se esse marido que trabalhou tanto que a gente fala tanto, desse homem que detém esse poder, chegasse em casa e encontrasse a casa desarrumada, a comida mal feita e etc e tal. Se ele teria condição de voltar, se isso muitas vezes é repetido, daria condições para ele voltar a trabalhar. Da para entender? Eu estou querendo ser simplíssima. Quer dizer, na verdade, o trabalho da dona e casa é o trabalho de manutenção da sociedade, e é lindíssimo esse trabalho.</p> <p>Ney Gonçalves Dias: [...] para que ela venha a receber no final da sua vida um pecúlio que lhe dê pelo menos liberdade. Porque deve ser muito duro a mulher chegar com 65 anos e falar assim: “meu marido deixa dez para fazer isso e comprar aquilo”. Passa a vida inteira pedindo. Vocês concordam ou não concordam? [Palmas]</p>	
----------------------	--	--

**APÊNDICE B – FICHA DE TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA *TV MULHER* DE 2016
REFERENTE ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE**

2016/1		
CATEGORIA	UNIDADE DE CONTEXTO	IMAGEM
VINHETA	A vinheta do novo <i>TV Mulher</i> mostra partes de corpos de mulheres vestidas de preto destacando detalhes como joias. Marília Gabriela também aparece na vinheta fazendo poses.	 A vinheta do novo TV Mulher mostra partes de corpos de mulheres vestidas de preto destacando detalhes como joias. Marília Gabriela também aparece na vinheta fazendo poses.
ECONOMIA	<p>Flávia Oliveira: [...] mas, palavra da moda agora, empoderamento mesmo, protagonismo como você falou, eu acho que o mercado de trabalho, a inserção, a independência financeira que o mercado de trabalho proporciona é um marco na vida de qualquer mulher.</p> <p>Marília Gabriela: Você consegue hoje ver com clareza marcos significativos para mulher nesse protagonismo nos últimos 30 anos?</p> <p>Com certeza, a segunda metade do século XX foi meio século da mulher, o grande fenômeno, sobretudo na sociedade brasileira foi essa inserção da mulher. Vou te dar um dado: educação. A taxa de analfabetismo feminino era de 26% em 1980, caiu para 8,7% agora em 2014, por tanto, século XXI. Nós tínhamos um</p>	 Flávia Oliveira e Marília Gabriela no programa.

ECONOMIA	<p>analfabetismo maior que dos homens lá atrás, agora nossa taxa de analfabetismo é menor. Então, uma revolução que se deu pela educação, pelo acesso à educação, fundamental que vai se relacionar com a inserção no mercado de trabalho de melhores vagas. Outro dado, chefia de família, você falou disso. Nós somos agora senhoras dos nossos destinos, dos nossos lares. Em 1970, o professor Marcelo Nery, da Fundação Getúlio Vargas, ele fala que pelas pesquisas estatísticas brasileiras você se quer conseguia descobrir se havia uma mulher chefe de família porque havendo um homem numa residência ele era automaticamente o chefe.</p> <p>Marília Gabriela: Mulher não existia.</p> <p>Flávia Oliveira: Mulher não existia num protagonismo familiar relevante. E hoje você tem vários tipos de arranjos familiares, mulheres que moram sozinhas, mulheres com seus filhos, casais sem filhos, casais em que a chefia familiar é compartilhada então justamente por ter uma equivalência de funções, de papeis, de protagonismos, então, você tem essa divisão mais repartida, mais igualitária das famílias. E hoje, Gabi, um a cada três lares brasileiros são chefiados por mulheres, mulheres com ou sem maridos, cônjuges e companheiros. Sabe que é muito interessante o que eu chamei a atenção sobre educação. Nós tivemos uma segunda metade do século XX, no final do século XX, muita inserção, mas sobre tudo de uma mulher de classe média. Falo em relação a escolaridade e a salários melhores. Hoje você tem um fenômeno em razão aos programas de inclusão social e tudo mais de jovens da periferia entrando na universidade, buscando novas posições. Essa talvez seria a semente desse novo feminismo que a gente fala tanto que é atuante na universidade, nas redes sociais e também nas ruas. Dai vem essa força de #meuprimeiroacédio, #meuamigosecreto, #agoraquesãoelas, #representatividadeimporta, são umas meninas, umas jovens, uma geração de mulheres que vai lá e fala na cara, abre o peito e se joga. Isso é fascinante, né?</p>	
----------	--	--

<p>MATERNIDADE</p>	<p>Marília Gabriela: [...] Eu não sei mais como é a maternidade, eu fui uma mãe muito atrapalhada. Um peção naquela liberdade que eu quis tanto, eu fui mãe tão cedo. Você também... E depois vieram culpas, você já não deve ter tido culpa alguma.</p> <p>Maria Rita: [...] E muito culpa. Acho que mãe sem culpa não existe. Essa relação continua a mesma. E nesse ponto, quando minha mãe esteve aqui que ela falou para você que quando eu nasci ela entendeu a mãe dela, que pena que eu não a tenho viva, mas eu senti isso também. Porque não mudou tanto. Você no seu texto de abertura... Que eu chorei copiosamente, chorei de perder a linha, chorei de ter que sentar [...].</p> <p>Marília Gabriela: O que você vai ser quando crescer?</p> <p>Filha Maria Rita: Eu vou ser pequena.</p> <p>Marília Gabriela: Você vai ser pequena quando crescer?</p> <p>Filha Maria Rita: A minha avó era pequena.</p> <p>Marília Gabriela: Ela era pequena. Você vai ficar daquele tamanho da sua avó?</p> <p>Filha Maria Rita: Vou.</p> <p>Marília Gabriela: Então você vai ficar enorme [...].</p>	
<p>SEXUALIDADE</p>	<p>Regina Navarro Lins [...] A história da mulher é uma luta contra a opressão, desde que o sistema patriarcal se instalou, há mais ou menos cinco mil anos. Aquele sistema de dominação do homem, as mulheres foram humilhadas, menosprezadas. Aí a gente vai caminhando pela história e você chega no século XIX onde já estava a revolução industrial, família nuclear, mãe, pai, filhos, homem saindo pro trabalho e para o bordel e as mulheres ficaram completamente todas bobas, não faziam nada. Muitas pessoas dizem assim, os homens temem as mulheres independentes. Eu digo não, os homens não temem as mulheres independentes, os homens que não se libertaram daquele mito da masculinidade, os machistas, eles temem a mulher autônoma. Existe uma diferença muito clara entre a mulher independente e a mulher autônoma. A mulher independente é a que ganha dinheiro, a executiva, empresária, a mulher autônoma é aquela que se libertou daqueles padrões de comportamento impostos para a mulher. Mulher não toma iniciativa, mulher não transa no primeiro encontro, mulher tem que ter um homem ao lado senão não vale nada,</p>	

<p>SEXUALIDADE</p>	<p>está desvalorizada. Então, eu digo assim, você quer saber se você é uma mulher autônoma, ou, então, se a sua grande amiga é uma mulher autônoma, basta fazer uma pergunta para ela: você acha que a mulher deve dividir a conta do motel com o homem? Pela resposta a gente vai saber se ela é autônoma ou não. Se ela se libertou do padrão ou não, porque muitas mulheres querem os benefícios da emancipação, mas não querem nenhum ônus por essa emancipação. Quando eu dou palestras e jogo essa questão eu escuto coisas inacreditáveis, por exemplo: Uma diz assim, eu divido restaurante, cinema, teatro, mas motel não, né? Né não sei por que... Não está tendo prazer também? Tem aquelas que dizem coisas inacreditáveis, “que absurdo dividir conta de motel, eu já gasto com manicure, cabeleireiro depilação”, tem outras que dizem assim: “não, o homem tem que pagar porque eu exijo que o homem seja cavalheiro”. Aí, tem outra questão, o cavalheirismo é prejudicial às mulheres. Isso que as mulheres tem que entender. Gentileza é ótimo, mulher tem que ser gentil com homem, homem com mulher, mulher com mulher, homem com homem, todos deveriam ser gentis, cavalheirismo implica em você passar subliminarmente a ideia de que a mulher é incompetente, é incapaz.</p>	
<p>DIREITO DA MULHER</p>	<p>Marília Gabrela: A mulher hoje, século XXI, é completamente protegida pela lei? Gabriela Manssur: Ela é muito protegida pela lei. Antigamente nós tínhamos, por exemplo, Estatuto da Mulher Casada, a mulher era considerada relativamente incapaz, ela precisava da autorização do marido para ter os atos da vida civil. Uma empreendedora hoje não poderia empreender sozinha se fosse casada. Ela teria que ter autorização do marido. Ou para entrar com uma ação judicial ela também precisaria da assinatura, da autorização do marido. O código penal, por exemplo, fazia menção à mulher honesta, protegia a mulher honesta. O que seria a mulher honesta? E a mulher desonesta, não tinha proteção? Hoje em dia nós temos várias conquistas legislativas, como a Lei Maria da Penha, a Lei das Empregadas Domésticas, a Lei do Femicídio, a lei que regulamenta o estupro de vulnerável, de uma menina menor de 14 anos. Marília Gabriela: [...]. Essas leis que protegem as mulheres no cotidiano pegaram? Gabriela Manssur: Eu acho que o mais importante é que as mulheres sabem</p>	

DIREITO DA MULHER	<p>que essa lei pegou. As mulheres fazem uso dessas leis, elas estão denunciando mais as questões de violência, elas estão indo mais atrás de seus direitos. É claro que nós ainda vivemos em um país com uma cultura extremamente machista, patriarcal, em que convivemos com essas injustiças, mas o mais importante é que a mulher hoje está empoderada e ela tem hoje a sua disposição direitos e informações para fazer valer esses direitos. Eu acredito que as portas da justiça estão abertas para essas mulheres. Vários casos chegam na promotoria de justiça das mulheres não só denunciando a violência, mas querendo direito ao trabalho. As mulheres querem estudar, voltar para a faculdade. Para encerrar, eu sempre falo o seguinte: o feminismo hoje não é mais uma bandeira, um movimento. O feminismo ele é uma questão de escolha, um estilo de vida e para mim todas as mulheres devem ser feministas porque é lutar pelo direito da mulher. Por que as mulheres ainda tem essa grande questão, vergonha ou preconceito, de se declarar feministas?</p>	
-------------------	---	--

ANEXO – CARTA DE MARÍLIA GABRIELA DEDICADA À ELIS REGINA

CARTA PARA ELIS REGINA (CANAL VIVA, 2016a)

Querida Elis, que saudade! Foi no dia 7 de abril de 1980 que você foi escolhida como madrinha do *TV Mulher*, lembra?

Trinta e seis anos atrás.

Foi minha primeira convidada para o Ponto de Encontro, o espaço de entrevistas daquele programa que nascia ali, dirigido e muito batalhado pelo Nilton Travesso, seu fã de carteirinha.

Na verdade, o país inteiro era apaixonado por você e choraria sua partida não muito tempo depois, como eu mesma fiz no ar, ao vivo, ali naquele espaço tão seu. Mas essa é uma outra história.

Voltando, não podíamos ter começado melhor. Você foi a síntese da mulher da época: libertária mas romântica, independente com muitas carências a resolver, mãe com culpas pela falta de tempo, crítica e autocrítica feroz, corajosa que chorava quietinha e se perguntava porquê?, uma mulher que testava sua aparência e como todas brincava inventando modas, resvalando nos excessos, fossem para mais ou para menos.

Você era nós, todas nós, um espelho gentilíssimo porque o seu talento...esse era só seu.

Não poderíamos ter começado melhor.

Você voltou algumas vezes ao programa e se não me falha a memória, e ela falha muito, foi nessa nossa primeira conversa que você vaticinou que as mulheres brasileiras viviam numa dicotomia: tinham um pé fincado na lua e o outro na senzala.

Pois Elis, tenho péssimas notícias: o quadro não mudou muito de lá pra cá.

Não!!!! Não quero exagerar, mudou, só que ainda falta um bocado.

Se as senhoras de Santana não vão mais às ruas para protestar contra o quadro de sexo que a Marta Suplicy, então sexóloga, fazia na época, as delegacias de mulheres vieram e viraram uma necessidade absoluta para defender a mulher contra inúmeros abusos morais e sexuais, a violência doméstica, o chamado feminicídio, que acabou denominando apenas o crime de morte intencional.

No trabalho continuamos ganhando menos que os rapazes, embora estejamos mais inseridas como profissionais, assim... De igual para igual, percebe?

O preconceito racial ainda grita; explode amplo, geral e irrestrito na *internet*, que é uma rede de comunicação muito necessária, importante e louca que mudou a forma de ver e viver o mundo.

Foi preciso criar, e já está em ação, uma polícia especial para investigar e punir culpados. Ainda bem!

Por falar em lei, incoerentes, continuamos com nossos desejos de liberdade enquanto escravizamos semelhantes nos trabalhos domésticos, Elis, e por isso foi criada uma legislação mais específica. O negócio agora é fazer-se cumprir a lei.

Ainda duelamos com nossos direitos e deveres na maternidade, tanta culpa, mas os homens estão dividindo mais esse papel.

E por falar neles, muitas mulheres não sonham mais com o príncipe encantado dos moldes antigos. E somos muitas, bota muitas nisso, que vivemos sozinhas numa boa, responsáveis, criando filhos ou não, festando, viajando e namorando sem medo de ser feliz.

Ah sim, não sei se você acompanhou, tivemos uma mulher eleita presidente do Brasil.

E aqui eu preciso tomar cuidado ao contar, porque estamos vivendo tempos de muita radicalização, polarização e violência, ouvimo-nos todos muito mal, lemos e entendemos pior ainda, e julgamos assim, muito rápido, sem direito a réplicas ou trélicas, sem mesmo conseguir conviver com as nossas diferenças, intolerantes, o que me parece a constatação de que infelizmente emburrecemos de forma considerável.

E por falar em mulheres e homens, tem muita novidade no setor das relações mais íntimas e pessoais: a diversidade hoje é realidade à mostra, e o que já foi escondido quase não o é mais. O quase vai por conta do preconceito, esse perigo que resiste insidioso.

Falei demais, Elis querida, mas há tanto mais pra dizer, ouvir, discutir, ponderar sobre homens e mulheres. Afinal, nós somos um.

A *TV Mulher 2016* que começa hoje, quer levar a sério essa proposta, com muito amor, entendimento, bom humor e compreensão.

Um beijo, amiga amada, você faz falta.

PS. Maria Rita, sua filha, cresceu, tem um tremendo talento, é bem sucedida, fez filhos lindos e vem aqui como você um dia veio. Eu me comovo só de pensar.

Agora vamos trabalhar!